



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA** Escola Superior de Educação

## **Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico**

**Maria Margarida Pires Barros**

*Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a  
obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico*

Orientado por  
**Professor Doutor Luís Manuel Canotilho**

Bragança  
Junho 2012



## **DEDICATÓRIA**

À memória de minha mãe.  
Ao meu pai e irmão



## AGRADECIMENTO

A realização do presente relatório contou com a motivação e apoio do Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho e da Professora Maria Cristina Magalhães que se desmonstraram activos durante a nossa Prática de Ensino Supervisionada. Estamos gratos pela disponibilidade e pelos momentos de reflexão, sem os quais não teríamos adquirido, nem produzido, tal investigação fulcral para a nossa futura prática profissional.

Agradecemos também aos restantes professores, com quem tivemos o prazer de contactar nesta etapa, em particular à Professora Doutora Evangelina Baptista e à Professora Doutora Maria Azevedo, que nos influenciaram com a sua 'arte' de ensino. Tentaremos inspirar o mesmo resultado nos nossos alunos.

Em suma, expressamos a nossa gratidão ao Instituto Politécnico de Bragança, nomeadamente à Escola Superior de Educação, por proporcionar um ponto de partida nesta formação tão enriquecedora. Esta experiência foi um 'berço' no nosso percurso de investigação, repleto de momentos e contactos com pessoas a quem hoje intitulo de amigos, João Freire e Gabriel Silva a vossa partilha de conhecimento, vivências e visão do mundo, contribuíu muito para esta experiência, o nosso sincero obrigada.



## RESUMO

Este Relatório de Estágio, exposto à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, é composto por duas partes.

Inicialmente elaboramos uma reflexão crítica às actividades desenvolvidas na Prática Pedagógica Supervisionada nas disciplinas: Expressão e Educação Plástica – 1º Ciclo; Educação Visual e Tecnológica – 2º Ciclo; Educação Visual e Educação Tecnológica – 3º Ciclo.

Segue-se a averiguação sobre o tema pertinente à acção profissional: ‘A Gestão do Espaço-Aprendizagem’. Analisámos modelos de gestão espacial da sala de aula, apoiados numa revisão bibliográfica, optimizando a experiência de ensino-aprendizagem. O ensaio contou com vinte e dois alunos da turma do 3º Ano de Vimioso, dois quais doze são do sexo feminino e dez do masculino. Foram promovidos modelos de gestão espacial na sala de aula, segundo objectivos e actividades definidos nos Planos, previamente elaborados. O resultado surtiu considerações curiosas e reveladoras, consoante as distintas gestões espaciais da sala de aula.

Na nossa pré- formação, em arquitectura, sustentamos o espaço como agente funcional e, na prática docente, atestamos o espaço-aprendizagem como auxiliar metodológico. Concluimos que existem modelos de gestão do espaço-aprendizagem que proporcionam experiências variadas, em prol de professores e alunos.

**Palavras-chave:** Gestão, Espaço-Aprendizagem, Metodologia, Planificação, Organização.

## ABSTRACT

The Internship Report, exposed to the Escola Superior de Educação de Bragança to obtain a Master's Degree in Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, consists on two parts.

Initially we developed a critical reflection on the activities developed in the Prática Pedagógica Supervisionada on the disciplines: Expressão e Educação Plástica – 1º Ciclo; Educação Visual e Tecnológica – 2º Ciclo; Educação Visual e Educação Tecnológica – 3º Ciclo.

Following is the investigation of the subject relevant to professional action: 'The Management of the Space-Learning'. We looked at models of classroom spatial management, supported by literature review to optimize the teaching-learning experiences. The test counted with twenty-two students of 3rd grade in Vimioso, of whom twelve are female and ten male. There were promoted models of spatial management in the classroom according to objectives and activities defined in the Plans previously elaborated. The result led to curious and revealing considerations, as the various managements of the classroom space.

In our pre-training, on architecture, we maintain the space as functional agent, and the teaching practice attest the space-learning as an auxiliary methodology. We conclude the existence of space management models and that provide varied experiences, in favor of teachers and students.

**Keywords:** Management, Space-Learning, Methodology, Planning, Organization.

## ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS USADOS

<b>Abreviatura</b>	<b>Significado</b>
AEC	Actividades de Enriquecimento Curricular
CEB	Ciclo do Ensino Básico
<i>Cf.</i>	Nota de confronto
EB	Ensino Básico
DVD	<i>Digital Versatile Disc</i>
EB1	Ensino Básico do 1º Ciclo
EB 2,3	Ensino Básico do 2º e 3º Ciclo
ET	Educação Tecnológica
EV	Educação Visual
EVT	Educação Visual e Tecnológica
<i>Idem</i>	Do mesmo autor já citado.
<i>Ibidem</i>	Indica que a informação formal ou conceptual no texto foi extraída de uma mesma obra, e da mesma página citada na nota anterior.
<i>In</i>	Referencia capítulos de livros; artigos, ensaios ou trabalhos publicados em dicionários, enciclopédias, publicações não periódicas.
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PAA	Plano Anual de Actividades
PCE	Projecto Curricular de Escola
PCT	Projecto Curricular de Turma
PEE	Projecto Educativo de Escola
PES	Prática do Ensino Supervisionada
p.	Página
pp.	Páginas
s. d.	Sem data
vol.	Volume

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – <i>O retrato de um jovem</i> , de Tommaso Masaccio.....	22
Ilustração 2 – <i>Beatriz</i> , 2ª fase do trabalho, da autoria de Cláudia Alexandra.....	22
Ilustração 3 – Trabalho elaborado por Mariana Galhardo.....	23
Ilustração 4 – Trabalho elaborado por Gonçalo Martins.....	23
Ilustração 5 – Trabalho elaborado por Ana Padrão.....	23
Ilustração 6 – Registo dos trabalhos sob o tema Andy Warhol.....	23
Ilustração 7 – Desfile de Carnaval com alguns dos alunos da turma do 3º Ano.....	24
Ilustração 8 – Segunda fase do trabalho ‘O Corpo Humano’.....	25
Ilustração 9 – À esquerda a aluna a elaborar o trabalho ‘Corta, Cola e Continua’.....	25
Ilustração 10 – Recurso a material reciclável na elaboração do postal do Dia do Pai.....	26
Ilustração 11 – Recurso à régua para desenhar linhas rectas.....	26
Ilustração 12 – Ambiente de trabalho na execução e decoração das Capas.....	26
Ilustração 13 – Alunos com a sua Capa individual.....	26
Ilustração 14 – Método de Resolução de Problemas.....	30
Ilustração 15 – Aluno com o ligadura engessada no rosto.....	31
Ilustração 16 – Aspecto exterior do livro de etiquetas.....	32
Ilustração 17 – Interior do livro de etiquetas.....	32
Ilustração 18 – Livro de etiquetas aberto.....	32
Ilustração 19 – Estudo e produto final da aluna Liana Teixeira.....	33
Ilustração 20 – Estudo e produto final de Nelson Vale.....	33
Ilustração 21 – Estudo e produto final de Ricardo Lourenço.....	33
Ilustração 22 – Estudo e produto da aluna Sónia Fernandes.....	33
Ilustração 23 – Exposição das máscaras dos alunos do 6º Ano- turmas A e B.....	33
Ilustração 24 – <i>Brainstorming</i> sobre o concurso “Amigos da Floresta”.....	34
Ilustração 25 – Alguns exemplos das máquinas fotográficas.....	35
Ilustração 26 – <i>Brainstorming</i> sobre a “Natureza”.....	35
Ilustração 27 – À esquerda fotografias tiradas pelos alunos e à direita o trabalho final.....	37
Ilustração 28 – Registo da exposição dos trabalhos na Casa da Cultura.....	38
Ilustração 29 – Planta de uma sala de aula com a sinalização da ‘Zona de Acção’.....	42
Ilustração 30 – Esboço do <i>brainstorming</i> obtido no início da aula.....	43
Ilustração 31 – Registo da fase de avaliação do modelo tridimensional.....	44
Ilustração 32 – Objecto luminoso utilizando cabides de plástico.....	45
Ilustração 33 – Candeeiro de cartão.....	45
Ilustração 34 – Objecto em folha de alumínio.....	45
Ilustração 35 – Objecto luminoso com o plástico de um garafão.....	45

Ilustração 36 – Objecto luminoso com talheres de plástico .....	45
Ilustração 37 – Metamorfoses de M.C.Escher.....	47
Ilustração 38 – Exemplo de um padrão natural (oalvéolo é o módulo) .....	49
Ilustração 39 – Exemplo de um padrão artificial (criado pelo homem). .....	49
Ilustração 40 – Aplicação dos conceitos de organização. ....	49
Ilustração 41 – Aspecto formal do exercício. ....	50
Ilustração 42 – Ambiente de trabalho cooperativo e sua organização.....	50
Ilustração 43 – Estudo do pré-projecto em papel cavalinho 20x20cm do Grupo A e E.....	51
Ilustração 44 – Estudos finais do projecto Grupo A e E. ....	51
Ilustração 45 – Registo do aspecto final do trabalho realizados pelos alunos.....	52
Ilustração 46 – Modelo real de planeamento.....	67
Ilustração 47 – Planificação do professor, baseado em Arends (1995:67).....	68
Ilustração 48 – A carteira rígida da década de 1960. ....	69
Ilustração 49 – Organização em filas e colunas .....	71
Ilustração 50 – Organização em filas horizontais .....	71
Ilustração 51 – Organização em círculo .....	72
Ilustração 52 – Organização com passagem.....	72
Ilustração 53 – Organização em semicírculo.....	73
Ilustração 54 – Organização em ‘U’ ou ferradura. ....	73
Ilustração 55 – Planta baseada no arranjo em grupos de seis alunos.....	74
Ilustração 56 – Planta baseado no arranjo em grupos de quatro alunos.....	74
Ilustração 57 – Planta baseada na organização de uma aprendizagem cooperativa.....	75
Ilustração 58 – À esquerda a planta e à direita fotografia da sala do 3º Ano. ....	78
Ilustração 59 – Alunas a elaborar o postal do Dia do Pai.....	79
Ilustração 60 – Partilha de opiniões.....	79
Ilustração 61 – Organização em ‘U’ ou ferradura. ....	80
Ilustração 62 – Disposição em filas horizontais. ....	81
Ilustração 63 – Alunos organizados segundo filas horizontais.....	81
Ilustração 64 – Organização espacial da sala de aula durante o exercício .....	82
Ilustração 65 – Ambiente na sala de aula.....	82
Ilustração 66 – Organização baseada na anterior.....	83
Ilustração 67 – Disposição empregue durante a demonstração do uso da régua.....	83
Ilustração 68 – Planta da sala de aula durante a elaboração da Capa.....	84
Ilustração 69 – Ambiente de trabalho na execução das capas. ....	84
Ilustração 70 – Cooperação na elaboração do trabalho.....	84
Ilustração 71 – Alunos a realizar o exercício. ....	84
Ilustração 72 – Modelo desenvolvido por Lynn Newsome. ....	88

## TABELAS

Tabela 1 – Grelha de articulação das Áreas de Exploração de EEP - Bloco 2.....	19
Tabela 2 – Grelha de articulação das Áreas de Exploração de EEP - Bloco 3.....	20
Tabela 3 – Grelha de articulação dos Conteúdos e Áreas de Exploração de EVT.....	29
Tabela 4 – Grelha de articulação dos Educação Tecnológica.....	4141
Tabela 5 – Grelha de articulação dos Conteúdos e Áreas de Exploração de EV....	4848
Tabela 6 – Quadro comparatístico dos modelos.....	86
Tabela - Plano de aula 1.....	115
Tabela - Plano de aula 2.....	115
Tabela - Plano de aula 3.....	116
Tabela - Plano de aula 4.....	119
Tabela - Plano de aula 5.....	122
Tabela - Plano de aula 6.....	124
Tabela - Plano de aula 7.....	125
Tabela - Plano de aula 8.....	126
Tabela - Plano de aula 9.....	127
Tabela - Plano de aula 10.....	131
Tabela - Plano de aula 11.....	132
Tabela - Plano de aula 12.....	133
Tabela - Plano de aula 13.....	134
Tabela - Plano de aula 14.....	135
Tabela – Plano de aula 15.....	136

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTO .....	III
RESUMO .....	VV
ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS USADOS .....	VIII
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	VIII
INTRODUÇÃO .....	133
<b>PARTE I</b>	
<b>1. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO–APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PES (PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2. EXPERIÊNCIAS DE ENSINO–APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PES .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.1. EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2.2. EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO .....</b>	<b>28</b>
<b>1.2.3. EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO .....</b>	<b>40</b>
<b>1.2.4. EDUCAÇÃO VISUAL NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO.....</b>	<b>47</b>
<b>1.3. REFLEXÃO .....</b>	<b>53</b>
<b>PARTE II</b>	
<b>2. INVESTIGAÇÃO DE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO ENSINO BÁSICO.....</b>	<b>59</b>
<b>2.1. PROBLEMA: A GESTÃO DO ESPAÇO-APRENDIZAGEM.....</b>	<b>59</b>
<b>2.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>63</b>
<b>2.2.1. A ACÇÃO PLANEADA.....</b>	<b>67</b>
<b>2.2.2. A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA.....</b>	<b>69</b>
<b>2.2.3. OS MODELOS DE GESTÃO DO ESPAÇO-APRENDIZAGEM .....</b>	<b>71</b>
<b>2.3. METODOLOGIA.....</b>	<b>76</b>
<b>2.3.1. OBSERVAÇÃO DOS MODELOS NO ESPAÇO-APRENDIZAGEM .....</b>	<b>77</b>
<b>2.4. RESULTADOS .....</b>	<b>85</b>
<b>2.5. CONCLUSÕES .....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO 1 – DIÁRIO DA REPÚBLICA .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO 2 – PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO 3 – FOLHA DE PRESENÇAS.....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE 1 – EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA .....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE 2 – DVD .....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>



## INTRODUÇÃO

O presente Relatório abraça o 'último exercício', deste ciclo de estudos, exposto à Escola Superior de Educação de Bragança para a aquisição do grau de Mestre em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico. Este mestrado facultou, em nós, um abrir de olhos para o mundo complexo que é o da educação aliada às Artes. Tal tornou-se numa experiência marcada de auto-descobrimto e aquisição de novos saberes e reflexões enriquecedoras.

Optamos por organizar esta relatório em duas partes distintas. Na primeira é elaborada uma reflexão crítica sob a PES (Prática de Ensino Supervisionada), que proporcionou a realização de estágios no Ensino Básico, nas disciplinas de: EEP (Expressão e Educação Plástica), 1º Ciclo, na turma do 3º Ano da Escola do Ensino Básico do 1º Ciclo do Agrupamento de Escolas de Vimioso; EVT (Educação Visual e Tecnológica), 2º Ciclo, na turma A do 6º Ano da Escola do Ensino Básico do 2º e 3º Ciclo do Agrupamento de Escolas de Vimioso; ET (Educação Tecnológica) e EV (Educação Visual), 3º Ciclo, nas turmas A, B e C do 9º Ano, da Escola do Ensino Básico e Secundário Miguel Torga, em Bragança.

Cada prática pedagógica foi alvo de uma reflexão crítica sobre as experiências de ensino-aprendizagem realizadas ao longo da PES. Cessado o escólio sobre a experiência pedagógica supervisionada, apresentamos a segunda parte do Relatório Final, com uma distinta essência epistemológica onde descrevemos o estudo um problema relevante para a nossa prática de ensino – A Gestão do Espaço-Aprendizagem. A motivação que esteve na base desta escolha temática, coincide com interesses pessoais, devido à nossa formação em arquitectura e com aspirações profissionais. Em nosso entender, o espaço exerce no indivíduo que o habita comportamentos e sentimentos, esta relação não podia ser mais autêntica no contexto educativo.

Temos consciência que o processo de aprendizagem pode ter lugar em inúmeros espaços, ou seja, não se encontra limitado à sala de aula. Todavia, este presente estudo foi apenas aplicado a este contexto, mas estamos convictos que a escolha da terminologia espaço-aprendizagem, em vez de sala de aula, engloba todo um mundo de possibilidades de acção em contextos que não o de aula.

Como é do conhecimento geral, a sala de aula é tida como um espaço de extrema importância, no processo de aprendizagem de todos os indivíduos. Assim sendo o nosso problema reserva especial preocupação na investigação da gestão desse espaço contudo, somos da opinião que este estudo, detém pontencialidades de ser aplicado, como por exemplo, em sessões de esclarecimento proporcionadas por outros elementos, que não profissionais docentes<sup>1</sup>.

Definido o problema – A Gestão do Espaço-Aprendizagem – recorreremos à revisão bibliográfica onde são nomeados alguns dos estudos sobre a gestão do espaço. Em seguida expomos, uma metodologia, que foi por nós adoptada no momento empírico, onde os resultados da sua utilização redundaram no estágio do 1º Ciclo, na disciplina de Expressão e Educação Plástica, conclusões incitadoras.

A demonstração teórico-prática, supracitada, contou com uma amostra de vinte e dois alunos da turma do 3ºAno, da Escola do Ensino Básico do 1º Ciclo do Agrupamento de Escolas de Vimioso. A metodologia aplicada contou com a variável independente da mudança na disposição do espaço de trabalho (sala de aula), dos respectivos alunos, consoante os objectivos das actividades estabelecidos previamente no Plano Curricular e nos respectivos Planos de Aula, por nós elaborados. Propomos que a aplicação de modelos espaciais adquira rendimento do espaço-aprendizagem, segundo características como as metodologias, natureza das actividades propostas, a área reservada à circulação e o tempo que necessita para alterar a disposição do mobiliário. Assim a variável dependente, espelhada numa planificação da acção educativa, ganha corpo consoante modelos de gestão e objectivos propostos que melhor traduzem uma racionalização da sua utilização, segundo recursos limitados – espaço e tempo.

Após inscritos os resultados, sobre o estudo do problema da gestão do espaço-aprendizagem, é elaborada uma extracção de conclusões singulares e extremamente motivantes, que nos fazem ambicionar a continuidade deste nosso percurso de formação premanente, em que nos encontramos. Acreditamos que a presente investigação aponta aspectos curioso sobre o estudo da gestão espacial de ambiente onde decorrem processos de aprendizagem, para que dela sejam retiradas experiências únicas e importantes, tanto por professores como por alunos.

---

<sup>1</sup> Podemos dar como exemplo de se sessões de esclarecimento, actividades ou acções de formação, onde os promotores são entidades de segurança ou de saúde pública. Ao longo do nosso percurso assistimos a uma cooperação entre a escola e a comunidade, onde por exemplo a Guarda Nacional Republicana elabora actividades dentro da escola e com os seus alunos sobre segurança pública.

## PARTE I

# 1. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO– –APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

### 1.1. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Corroborando com Isabel Baptista, os docentes deparam-se, mais frequentemente, com situações invulgares que reivindicam soluções *apoiadas em mestrias, adquiridas através da preparação da sabedoria prática e das capacidades pedagogicamente essenciais*, como por exemplo, *na gestão de conflitos entre alunos, nas subtilezas de escuta/diálogo e no reforço positivista*<sup>2</sup>.

Admitimos o pensamento de Feiman-Nemser, transcrito por Garcia (1999:112), quando subdivide o processo de formação docente, em quatro fases: o *pré-treino* (que assimila as experiências vivenciadas pelos indivíduos enquanto alunos<sup>3</sup>); a *formação inicial* (onde se apreende conhecimentos pedagógicos e didáticos); a fase da *iniciação* (são os primeiros anos académicos onde prevalecem diversas formas de aprendizagem de ‘sobrevivência’ na prática educacional), e a *formação permanente*, que retrata a formação e o aperfeiçoamento profissional constante. Nesta última, encaixamos a PES (Prática de Ensino Supervisionada), que notoriamente é dos passos fundamentais para o sucesso da e na formação profissional docente, não só como exercício introdutório prático da problemática educativa, como momento de avaliação e auto-reconhecimento. Devido à componente humana que esta actividade educativa detém, estamos certos que o estágio é uma experiência que nos aproxima da fase adjacente da formação docente – o desempenho da profissão.

---

<sup>2</sup> BAPTISTA, Isabel. (2005) – “*Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*”. Porto: Editora Profedições, Lda/ Jornal a Página, pp. 27-28

<sup>3</sup> Como futuros docentes, profissionalizados, acreditamos que o indivíduo adquire todo um tipo de conhecimentos que vão ser usados na sua carreira profissional, na docência é notório que o futuro professor detém um inúmero de, bons e maus, exemplos devido ao seu percurso académico. Cada professor que encontramos (desde o professor da Primária até ao do Ensino Superior) influenciou-nos: desde o desejo de envergar na docência até à nossa maneira de estar/ser na sala de aula.

## 1.2. EXPERIÊNCIAS DE ENSINO–APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Em nosso apreender, o ensino surgiu e evidência-se como um *fenómeno complexo*<sup>4</sup> e, conforme as palavras de Januário (1996:15), é uma *actividade intencional e estruturada de um professor no seio do processo formativo, com vista à consecução de determinados objectivos pedagógicos*. Sabemos que este processo exalta da *actividade pedagógica e firma-se numa gestão curricular centralizada no educando e no seu direito ao acesso de conhecimento*<sup>5</sup>. Nesta Prática de Ensino Supervisionada, aplicamos soluções pedagógicas distintas, mas contextualizadas, fruto da consolidação das nossas competências profissionais.

Esta experiência de ensino-aprendizagem confirmou, em nós, a prática da planificação curricular com empenho ético e moral, pois somos da opinião que, quando um professor executa a sua aptidão educativa com profissionalismo e valor ético, detém um *engrandecimento das suas habilitações científicas e técnicas que o credenciam para a complexidade e diferença das soluções educativas*<sup>6</sup>, preparando-o para o futuro e o que este lhe proporciona. Como aproximação à realidade profissional, temos a PES como um patamar que associa conhecimentos e práticas. Esta etapa, reforça a nossa flexibilidade inevitável que a planificação requer do docente. Conforme Roldão (1999:24) a realidade do currículo escolar *assevera um agrupamento de aprendizagens necessárias num determinado período e meio, que são asseguradas e organizadas pela escola, que regulariza e define a acção do professor*. Compete, por exemplo, ao PEE (Projecto Educativo de Escola), em articulação com outros instrumentos organizacionais, como o PCE (Projecto Curricular de Escola) e o PAA (Plano Anual de Actividades), espelhar a singularidade de cada instituição, referenciando valores da sua missão educativa e é nestes elementos que subsiste o nosso esforço para uma *interdisciplinaridade*<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> JANUÁRIO, Carlos. (1996) – “Do pensamento do professor à sala de aula”. Coimbra: Livraria Almedina, p.17 Tal denominação significa para nós um processo condicionado ao ambiente. O ensino como processo original difere, em muito, do ensino hodierno, a educação é influenciada pela época, lugar e filosofia, defendida pela sociedade em constante mudança e adaptação à evolução.

<sup>5</sup> Direito inscrito na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 10 de Dezembro de 1948, no Diário da República Artigo 26º (9 de Março de 1978, p. 491) – Ver Anexo.

<sup>6</sup> BAPTISTA, Isabel. (2005) – “Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético”, pp.107-108

<sup>7</sup> Cf. SANCHES, Isabel. (2001) – “Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”. Porto: Porto Editora, p. 51. *É a interdisciplinaridade, é o trabalho em equipa que proporcionam oportunidades de interacção e de partilha de saberes.*

Abraçando esta linha de pensamento, temos noção que o currículo demarca o ambiente organizativo e os modelos de comportamento das escolas, tal facto foi tido em conta e apreciado durante a realização desta Prática de Ensino Supervisionada, que teve lugar em dois estabelecimentos em contextos diferentes. Após o primeiro contacto com todos os documentos supracitados, entre outros, desenvolvemos planificações, onde foram definidas actividades consoante objectivos, detidos no Currículo Nacional, e o planeamento da disciplina em causa<sup>8</sup>. Corroboramos Sanches (2001:27), quando declara que *a adaptação do currículo ao contexto, em que as aprendizagens se vão processar e aos destinatários desse currículo, é uma prioridade em termos educacionais*.

Todavia admitimos deter uma metodologia pré-estabelecida no que diz respeito ao contacto com as turmas. Na primeira aula de observação, analisávamos a equipa em questão; na segunda, de cariz mais cooperativo, empregávamos um acto educativo mediativo<sup>9</sup>. Esta segunda sessão lectiva reserva um espaço temporal ao *brainstorming*<sup>10</sup>, introduzindo assim o tema da acção e actividades propostas no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada e é nesta, mesma aula, que temos a oportunidade de entender melhor os alunos, apreendendo os seus gostos e anseios para a disciplina em questão. Nas treze aulas consecutivas, de responsabilização, projectamos acções diversificadas com metodologias igualmente variadas, proporcionando situações de trabalho distintas. Temos consciência que *o valor das estratégias de ensino não pode ser determinado independentemente do contexto no qual decorre o acto de ensinar e de aprender*<sup>11</sup>. Daí o facto desta metodologia estrutural ponderar adaptações, deixando os condicionamentos do contexto serem definidos na planificação da acção de responsabilização aula-a-aula. Como podemos observar na reflexão crítica da Prática de Ensino Supervisionada realizada nas disciplinas de Expressão e Educação Plástica, Educação Visual e Tecnológica, Educação Tecnológica e Educação Visual.

---

<sup>8</sup> Este planeamento foi criado pelo(s) Professor(es) Cooperante(s), responsáveis pela disciplina que no início do ano lectivo definiram o Plano Curricular da disciplina, juntamente com os Planos de Aula.

<sup>9</sup> Cf. JANUÁRIO, Carlos. (1996) – “Do pensamento do professor à sala de aula”, p.39. Sob o conceito de acto educativo, mais lato, estarão incluídas actividades como conversas informais com os alunos, debates no seio do grupo disciplinar, contactos com pais e encarregados de educação.

<sup>10</sup> Cf. SANCHES, Isabel. (2001) – “Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”. Porto: Porto Editora,, pp. 51-52. *Brainstorming* consiste em deixar falar os alunos sobre o conteúdo e registar no quadro aquilo que é dito, sublinhando o que pretendemos realçar e fazer a síntese. Está aberto o caminho para traçar várias pistas de abordagem, individualmente, em grupo, dentro da aula.

<sup>11</sup> JANUÁRIO, Carlos. (1996) – “Do pensamento do professor à sala de aula”, p.11

### 1.2.1. EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Partilhamos do presuposto que a área curricular de Expressão e Educação Plástica introduz no aluno a possibilidade de *se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando na sala de aula, este é o local privilegiado para a vivência das actividades de expressão plástica*<sup>12</sup>.

A nossa PES (Prática de Ensino Supervisionada) desenvolvida no 1º Ciclo, em Expressão e Educação Plástica, decorreu na Escola do Ensino Básico do 1ºCiclo do Agrupamento de escolas do concelho de Vimioso. Tal prática foi supervisionada pelo Professor Doutor Luís Canotilho e contou com a cooperação do Professor Titular de Turma Nuno Alves.

O estágio encontrou um grupo constituído por vinte e dois elementos, doze do sexo feminino e os restantes dez do masculino, com uma média de oito anos de idade. E contou com quinze sessões de noventa minutos cada, no decorrer do segundo período (ano lectivo 2010/2011) que é vivido, nesta escola, de forma muito entusiástica, devido às comemorações do Carnaval e Páscoa.

Com estas celebrações agendadas no Plano Anual de Actividades<sup>13</sup>, as Unidades Curriculares foram obviamente programadas para acompanhar e incluir nos Planos de Aula a participação desta turma no desfile de Carnaval<sup>14</sup> e a celebração do Dia do Pai e da Mãe. Consoante os princípios orientadores do Ministério da Educação<sup>15</sup>, elaboramos uma tabela do Plano Curricular desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada, tendo em conta o Bloco 2 e 3, onde inscrevemos as Unidades Curriculares propostas e respectivas Áreas de Exploração. As Unidades Curriculares desenvolvidas foram seleccionadas de forma diversificada, mas sempre com uma estabilidade da matéria em estudo, como podemos presenciar nas duas tabelas que se seguem, a primeira correspondente ao Bloco 2 – Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies – e a subsequente ao Bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de Expressão.

---

<sup>12</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1998). – “*Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*”. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 95

<sup>13</sup> Anexo 2 – Plano Anual de Actividades (Departamento de Expressões)

<sup>14</sup> Que tem lugar na Vila de Vimioso, juntamente com a participação de todas as escolas do agrupamento, inclusive lares e centros de acolhimento sénior.

<sup>15</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1998). – “*Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*”, pp. 96-103

**BLOCO 2 — DESCOBERTA E ORGANIZAÇÃO PROGRESSIVA DE SUPERFÍCIES**

ÁREAS DE EXPLORAÇÃO	UNIDADES CURRICULARES
<b>- DESENHO</b>	
<b>DESENHO DE EXPRESSÃO LIVRE</b>	
• Desenhar na areia, em terra molhada	
• Desenhar no chão do recreio	X Unidade Curricular número 1
• Desenhar no quadro da sala	X Unidade Curricular número 1
• Explorar as possibilidades técnicas de: dedos, paus, giz, lápis de cor, lápis de grafite, carvão, lápis de cera, feltros, tintas, pincéis,... Utilizando suportes de: diferentes tamanhos diferentes espessuras diferentes texturas diferentes cores	X  X Ambas as Unidades Curriculares X X X
<b>ACTIVIDADES GRÁFICAS SUGERIDAS</b>	
• Desenhar jogos no recreio	
• Ilustrar de forma pessoal	X Ambas as Unidades Curriculares
• Inventar sequências de imagens com ou sem palavras	
• Criar frisos de cores preenchendo quadrículas	
• Desenhar plantas e mapas	
• Contornar objectos, formas, pessoas	X Unidade Curricular número 1
• Utilizar livremente a régua, o esquadro e o compasso	X Unidade Curricular número 2
• Desenhar em superfícies não planas	
• Desenhar sobre um suporte previamente preparado (com anilinas, tinta de escrever,...)	X Ambas as Unidades Curriculares
<b>- PINTURA</b>	
<b>PINTURA DE EXPRESSÃO LIVRE</b>	
• Pintar livremente em suportes neutros	X Ambas as Unidades Curriculares
• Pintar livremente, em grupo, sobre papel de cenário de grandes dimensões	X Unidade Curricular número 1
• Explorar as possibilidades técnicas de: mão, esponjas, trinchas, pincéis, rolos, com pigmentos naturais, guache, aguarela, anilinas, tintas de água...	X Ambas as Unidades Curriculares
<b>ACTIVIDADES GRÁFICAS SUGERIDAS</b>	
• Fazer digitinta	
• Fazer experiências de mistura de cores	X Unidade Curricular número 1
• Pintar superfícies e, por descoloração, desenhar	X Unidade Curricular número 1
• Fazer jogos de simetria dobrando uma superfície pintada	
• Fazer pintura soprada	
• Fazer pintura lavada	
• Pintar com dois materiais diferentes (guache e cola, ...)	X Unidade Curricular número 1
• Pintar cenários, adereços, construções	X Unidade Curricular número 1
• Pintar em superfícies não planas	

Tabela 1 – Grelha de articulação das Áreas de Exploração e Unidades Curriculares em EEP - Bloco 2.

**BLOCO 3 — EXPLORAÇÃO DE TÉCNICAS DIVERSAS DE EXPRESSÃO**

<b>ÁREAS DE EXPLORAÇÃO</b>	<b>UNIDADES CURRICULARES</b>
<b>- RECORTE, COLAGEM, DOBRAGEM</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar as possibilidades de diferentes materiais: elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objectos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações... rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando... procurando formas, cores, texturas, espessuras...</li> </ul>	X Ambas as Unidades Curriculares
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, desfiados</li> <li>• diferentes materiais cortados,</li> <li>• diferentes materiais recortados</li> </ul>	X X Ambas as Unidades Curriculares X
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer composições colando mosaicos de papel</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer dobragens</li> </ul>	X Unidade Curricular número 2
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar a terceira dimensão, a partir da superfície</li> </ul>	
<b>- IMPRESSÃO</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estampar a mão, o pé,...</li> </ul>	X Unidade Curricular número 1
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estampar elementos naturais</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer monotípias</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer estampagem de água e tinta oleosa</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estampar utilizando moldes — positivo e negativo</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Imprimir com carimbos (feitos em vegetais, cortiça,...)</li> </ul>	X Unidade Curricular número 1
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Imprimir utilizando o limógrafo</li> </ul>	
<b>- TECELAGEM E COSTURA</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar em tapeçarias diferentes materiais: tecidos, tiras de pano, lãs, botões, cordas, elementos naturais</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desfazer diferentes texturas: tecidos, malhas, cordas, elementos naturais,...</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrançar</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bordar (pontos simples)</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tecer em teares de cartão</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tecer em teares de madeira (simples)</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Colaborar em tapeçarias elaboradas pelas crianças</li> </ul>	
<b>- FOTOGRAFIA, TRANSPARÊNCIAS E MEIOS AUDIOVISUAIS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens</li> </ul>	X Unidade Curricular número 1
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir transparências e diapositivos</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir sequências de imagens</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associar às imagens, sons (montagens audio-visuais)</li> </ul>	
<b>- CARTAZES</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer composições com fim comunicativo (usando a imagem, a palavra, a imagem e a palavra):recortando e colando elementos desenhando e escrevendo imprimindo e estampando</li> </ul>	X Ambas as Unidades Curriculares X

Tabela 2 – Grelha de articulação das Áreas de Exploração e Unidades Curriculares em EEP - Bloco 3.

Propusemos duas Unidades Curriculares intituladas: 'Traje de Carnaval' e 'Cola e continua'. A prática pedagógica teve início com uma aula de observação, seguida de uma de intervenção e outras treze de responsabilização. A aula número um, é sempre fundamental para compreender a turma de uma forma informal, pois assistimos à aula e temos o prazer de partilhar o 'lado' onde os alunos estão, o que tornou possível observar os vinte e dois indivíduos, com quem tivemos o prazer de actuar e, por conseguinte, a dinâmica do próprio espaço. Como observamos nesta primeira aula, esta turma detinha regras de comportamento, contudo existiam elementos que destabilizavam o ambiente e transmitiam alguma falta de atenção.

Na semana seguinte, prosseguimos com a intervenção, já formal, onde dialogámos com a turma sobre o que iria ser realizado nas doze aulas seguintes, sob a forma de *brainstorming*: o que gostavam de fazer nos tempos livres; que opiniões detinham do trabalho delineado e também conseguimos definir regras de estar na sala e os materiais que seriam necessários para a disciplina<sup>16</sup>.

Atendendo ao facto de os alunos estarem distribuídos pela sala em carteiras de dois lugares, não facilita a separação de elementos com comportamento mais invasivo na concentração dos colegas. Contudo decidimos na aula número três (a primeira de responsabilização), usufruir do projector – *datashow* – para dar a conhecer um pintor que revolucionou o retrato em perfil - Tommaso Masaccio. E no fim da apresentação em *PowerPoint* e com o *datashow* ainda ligado, organizamos os alunos em pares para que se dirigissem ao quadro com o propósito de desenhar o perfil do colega que era projectado pela luz do *datashow*, num suporte de papel colado ao quadro (para facilitar a continuação do exercício no lugar) – esta primeira fase do exercício deu a conhecer a dinâmica entre certos alunos e a falta dela em outros. Os alunos puderam observar o que os outros faziam e até ajudavam os colegas, dando direcções e sugestões. Cada grupo detinha um elemento que contornava as formas do rosto do outro colega e no lugar reflectiram e completaram o desenho com cabelo, uma orelha, um olho, parte da boca, nariz e até roupa ao seu gosto<sup>17</sup>, tendo as imagens do pintor italiano como referência.

---

<sup>16</sup> Aproveitamos também e recolhemos o retrato fotografico de todos os alunos, para que nas aulas seguintes os alunos pudessem trabalhar a sua imagem do rosto.

<sup>17</sup> Cf. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. (1998). – “*Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*”, Editorial do Ministério da Educação, pp. 98 – 99. A actividade consistia em desenhar na vertical, apoiado no quadro e utilizando um suporte de tamanho diferenciado (A3). Onde os alunos com a sombra (devido à luz do *datashow*) reflectida dos colegas podiam: *Contornar objectos, formas, pessoas*.

Para além das formas, estava em causa o estudo das cores, a sua sobreposição e criação de novas cores, numa fase posterior decidimos utilizar igualmente o rosto dos alunos, mas de forma distinta.



Ilustração 1 – *O retrato de um jovem*, de Tommaso Masaccio



Ilustração 2 – *Beatriz*, 2ª fase do trabalho, da autoria de Cláudia Alexandra.

Para um maior interesse nos alunos, no decorrer do trabalho, recorreremos ao registo fotográfico do rosto (arquivo realizado durante a aula de intervenção), onde o aluno podia colorir o seu retrato e torná-lo numa representação criativa da sua personalidade.

A motivação para este trabalho contou com uma apresentação em *PowerPoint* sobre o artista Andy Warhol, que se servia da impressão da fotografia a preto e branco numa folha A3, e de revistas, jornais e material de colorir (lápiz de cor e marcador) para elaborar uma série de retratos do próprio.

No fim, todos os retratos foram afixados na parede, uma característica curiosa foi o facto de maior parte dos alunos desenhar um eixo de simetria no rosto. Calculamos que esta característica seja uma influência do exercício anterior, os alunos detinham na realização deste exercício uma consciência do perfil, agora representado no rosto visto de frente.



Ilustração 3 – Trabalho elaborado por Mariana Galhardo.

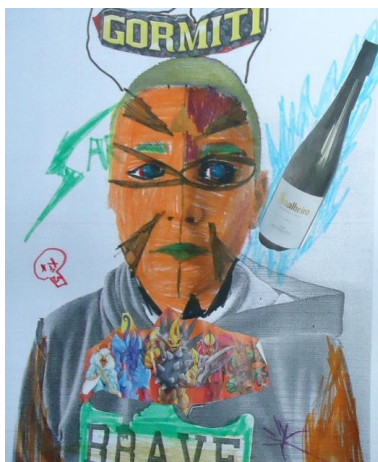


Ilustração 4 – Trabalho elaborado por Gonçalo Martins.

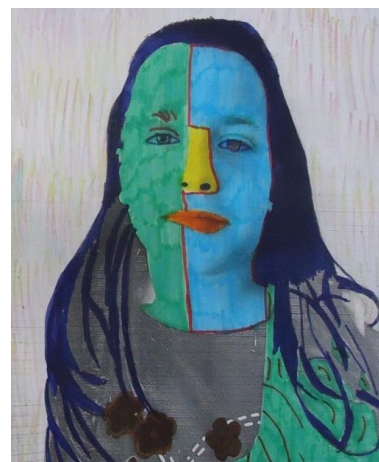


Ilustração 5 – Trabalho elaborado por Ana Padrão.



Ilustração 6 – Registo dos trabalhos sob o tema Andy Warhol

Com a conclusão dos primeiros exercícios práticos da Unidade Curricular, passamos para a elaboração do traje de Carnaval para o desfile<sup>18</sup>, onde um novo suporte era apresentado, tratava-se agora de um plástico transparente incolor que vinha em rolos de grande dimensão, quase como se de um tecido impermeável se tratasse. Com referência ao mundo animal (tema escolhido pelos alunos durante o *brainstorming*<sup>19</sup> da segunda aula de estágio), o exercício resumia-se na reprodução de padrões ou características que os animais detêm. No caso do recurso a padrões os alunos escolheram animais como zebra (riscas pretas e brancas), tigre, joaninha, abelha ou leopardo. Também houve casos onde os animais escolhidos não detinham qualquer padrão, mas eram facilmente identificáveis pelas pessoas externas à mensagem, como o morcego onde o traje contou com umas asas e era

<sup>18</sup> Apesar da sala de aula ser o local privilegiado para a vivência das actividades de expressão plástica, (...) o conhecimento da região, as visitas a exposições e a artesãos locais, são outras tantas oportunidades de enriquecer e alargar a experiência dos alunos e desenvolver a sua sensibilidade estética. Cf. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1998). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 95

<sup>19</sup> *Brainstorming*, é uma actividade reservada à expressão da opinião dos alunos, sobre um conteúdo, que regista no quadro aquilo que é dito, sublinhando o que pretendemos realçar.

preto (quase como o *Batman*<sup>20</sup>). O pinguim possuía tons brancos, pretos e amarelos (Ilustração 7) e golfinho que tinha barbatanas dorsais e representação gráfica de água. Após a selecção e estudo de aspectos formais do traje, o suporte de plástico era então adaptado às proporções do aluno para tomar forma de um poncho. Posteriormente os alunos decoravam individualmente o seu respectivo traje, para usar no desfile, recorrendo a tintas plásticas e acrílicas próprias para o suporte em questão.



Ilustração 7 – Desfile de Carnaval com alguns dos alunos da turma do 3º Ano.

No exercício intitulado ‘O Corpo Humano’, onde os alunos também serviram de modelos, usufruímos do espaço exterior e utilizando papel de cenário de grandes dimensões como suporte, dividimos a turma em dois grupos de onze elementos: o primeiro ficava deitado por cima do papel, enquanto o outro contornava as formas do corpo dos colegas e *vice versa*.

Esta mudança de ambiente provocou um entusiasmo gratificante no desenrolar do exercício que, na segunda fase, possibilitou a coloração do papel em conjunto e simultâneo, recorrendo à impressão (carimbo) e pintura com tintas acrílicas de cores primárias. Os alunos puderam misturar as cores primárias e criar novas cores. Este carácter de acção comunitária, facilitou a troca de experiências: quando um aluno criava uma cor, alguns dos elementos da turma tentavam replicar a experiência. O trabalho final ficou exposto no corredor de acesso à sala de aula.

---

<sup>20</sup> Em Português significa o Homem Morcego.



Ilustração 8 – Segunda fase do trabalho ‘O Corpo Humano’.

Na segunda Unidade Curricular ‘Cola e continua’, propusemos aos alunos uma recolha de jornais velhos, revistas e outros objectos que pudessem ser reutilizados na composição de postais e trabalhos gráficos.

O recurso a estes materiais onde a figura humana era notória, foi fulcral para desenvolver a consciência de que apesar de termos uma imagem, podemos recortá-la, pintar e desenhar outros elementos que, inicialmente não faziam parte da composição. A primeira fase do exercício pretendia criar um postal para o Dia do Pai e na segunda o objectivo era uma continuação do aspecto da imagem que foi recortada. Como podemos observar (Ilustração 9), por exemplo, se numa imagem existia uma figura humana onde só aparecia o tronco, os alunos tinham que continuar a imagem empregando a sua imaginação.



Ilustração 9 – À esquerda a aluna a elaborar o trabalho ‘Corta, Cola e Continua’. À direita o trabalho.

Em seguida introduzimos um outro trabalho onde o domínio das técnicas de corte, recorte, dobragem e colagem era fundamental. Os alunos manusearam cartões, revistas e papéis de diferentes espessuras, texturas e cores e com o recurso à régua iniciaram metodologias, como o sistema de medição e coordenar a marcação de medidas com a correcta colocação da régua no plano de trabalho.



Ilustração 10 – Recurso a material reciclável: revistas, jornais, na elaboração do postal do Dia do Pai.



Ilustração 11 – Recurso à régua para desenhar linhas rectas para um correcto corte com a tesoura.

Nos trabalhos dos postais (Dia do Pai e Dia da Mãe), devido à carga íntima do trabalho apostamos na organização de dois alunos por mesa (disposição normal). Na elaboração da Capa para guardar os trabalhos, a gestão da sala de aula contou com uma metodologia de interajuda, onde os alunos que já dominavam o uso da régua poderiam auxiliar os colegas.



Ilustração 12 – Ambiente de trabalho na execução e decoração das Capas.



Ilustração 13 – Alunos com a sua Capa individual.

Após a conclusão do estágio no 1º Ciclo, somos capazes de corroborar que a manipulação e experiência de materiais, com formas e cores diferentes, *permite que a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade*<sup>21</sup>.

Ao longo das Unidades Curriculares, tivemos a possibilidade de produzir experiências diversas, tendo a gestão do espaço da sala de aula sido oportunamente ajustada para responder às necessidades de cada actividade<sup>22</sup>. Este tipo de adaptação proporcionou momentos de aprendizagem cooperativa e outros de essência mais individual.

O recurso a suportes diversos e materiais recicláveis surtiu nos alunos a consciencialização da reutilização de objectos que já não realizavam a função para a qual foram criados. O aproveitamento de recortes de cartolinas (com variadas espessuras, texturas e cores), de jornais e revistas, potencializou a elaboração de trabalhos bastantes interessantes. O simples facto de arrumar os entalhes dos recortes, produziu nos alunos um reflexo, onde ponderava se o retalho em questão era digno de um aproveitamento futuro (num outro trabalho) ou se, caso contrário, seguia para o caixote do lixo reciclável.

Usufruímos da possibilidade de interligar matérias de áreas curriculares distintas, tal como ocorreu na selecção do tema para o traje de Carnaval onde os alunos elegeram os animais. Esta escolha, possibilitou a discussão de conceitos da disciplina de meio ambiente, como a ‘classe’ dos animais (mamíferos, répteis, aves,...), o tipo de revestimento que cada um tem (pêlo, escamas, penas, ...) e igualmente o aspecto e características deles (a cor, o padrão, textura, ... se tinham dentes, bico,...). Outro exemplo desta comunhão de áreas curriculares, foi a elaboração de postais para os dias do pai e mãe, aqui os alunos recorreram à escrita, elaborando rimas ou apenas frases para incluir no trabalho. Esta interdisciplinaridade produziu experiências enriquecedoras, no que diz respeito à visão e situação em que os alunos se encontram consoante matérias externas à Expressão e Educação Plástica.

---

<sup>21</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1998) – “*Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*”. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 95

<sup>22</sup> Objecto de estudo mais aprofundado, na segunda parte do presente Relatório de Estágio, que dá título ao mesmo – *A gestão do Espaço-Aprendizagem*.

## 1.2.2. EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A passagem de um ciclo de ensino para outro serve-se da disciplina curricular de EVT (Educação Visual e Tecnológica) para *estabelecer a transição entre os valores e as atitudes que se pretende promover ao longo de toda a escolaridade obrigatória*<sup>23</sup>. Nesta disciplina é fundamental fomentar a *exploração integrada de problemas*<sup>24</sup>, articulando *aspectos*<sup>25</sup> para incrementar uma atitude adequada para orientar, nesta fase etária, toda a liberdade de expressão de forma auspiciosa.

A PES realizada no 2º Ciclo, em EVT, decorreu na Escola do Ensino Básico do 2º e 3º Ciclo do Agrupamento de escolas do concelho de Vimioso. Tal prática foi supervisionada pelo Professor Doutor Luís Canotilho e contou com a cooperação do par pedagógico: Professor João Possacos e Professora Manuela Rocha.

A turma era constituída por catorze alunos, cinco do sexo feminino e os restantes nove do masculino, com uma média de onze anos de idade. O estágio teve início no mês de Fevereiro do ano de 2011 e, como no 1º Ciclo, este segundo período lectivo foi sentido de forma muito calorosa, devido à comemoração do Carnaval e Páscoa. No PAA<sup>26</sup> (Plano Anual de Actividades), está agendada o desfile pela Vila, a participação numa exposição de máscaras e no concurso “Amigos da Floresta” (ambas as actividades foram organizadas pelo Agrupamento de Escolas do concelho em agregação com a Casa da Cultura de Vimioso). Depois de termos acesso aos documentos de direito, planeamos duas Unidades Curriculares para as quinze sessões de noventa minutos cada, a primeira consistia na criação de máscaras de Carnaval para expor e a outra estava mais direccionada à elaboração de trabalhos para o concurso. A EVT interliga três áreas: a Visual, a Tecnológica e o Desenvolvimento Pessoal e Social. Subdividindo-se em três grandes campos: Equipamento, Ambiente e Comunidade. Consoante estes princípios orientadores do Ministério da Educação<sup>27</sup>, preparamos a seguinte tabela do Plano Curricular, desenvolvido na PES:

---

<sup>23</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1991) – “*Organização Curricular e Programas Do 2º Ciclo – Ensino Básico 2º Ciclo*” (vol. I), p. 195

<sup>24</sup> *Ibidem*. *Problemas estéticos, científicos e técnicos com vista ao desenvolvimento de competências para a fruição, a criação e a intervenção nos aspectos visuais e tecnológicos do envolvimento.*

<sup>25</sup> *Ibidem*. *Aspectos históricos, físicos, sociais, económicos, de cada situação estudada, com a compreensão, a criação e a intervenção nos domínios da tecnologia*

<sup>26</sup> Anexo – Plano Anual de Actividades (Departamento de Expressões).

<sup>27</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1991) – “*Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização do Ensino-aprendizagem – Ensino Básico 2ºCiclo*” (vol. II), p. 11



A elaboração do nosso planeamento foi baseada nos conhecimentos aliados às nossas capacidades, que se foram aprofundando ao longo da nossa formação, como sabemos é fundamental que o professor conheça o programa para programar projectos, neste caso o Plano de Actividades (definido no início do ano lectivo), surtiu influência na nossa planificação e ambas as Unidades Curriculares foram delineadas e executadas, em torno do MRP (Método de Resolução de Problemas), proposto pelo Departamento da Educação Básica<sup>28</sup>:

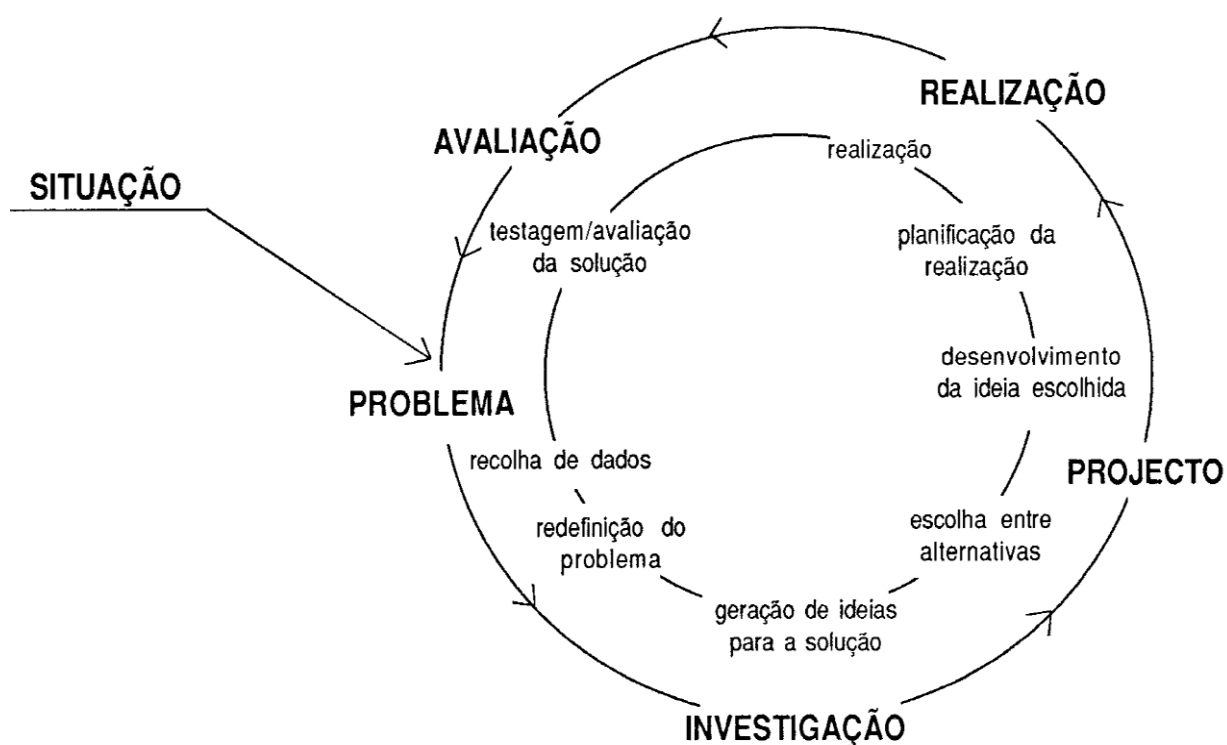


Ilustração 14 – Método de Resolução de Problemas.

Após a conclusão da primeira aula de observação, somos da opinião que esta turma em geral detinha um nível de atenção e concentração baixo, os nove elementos do sexo masculino destabilizavam o ambiente, com conversas transversais à aula e os restantes cinco elementos do sexo feminino sobressaíam como atentos e bem comportados. Estas alunas encontravam-se com uma distância considerável entre elas, enquanto os meninos tinham sempre ao lado um colega, por mais esforços em distribuir os alunos pela sala, tal facto era inevitável.

<sup>28</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1991) – “Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização do Ensino-aprendizagem – EB 2ºCiclo” (vol. II), p.15

Na aula de intervenção, dialogámos com os alunos sobre as duas Unidades Curriculares que iam ter lugar nas treze sessões lectivas seguintes. Tentamos seguir a metodologia supracitada no início da reflexão crítica e aplicamos o método de *brainstorming* para conhecer a visão que os alunos detinham desta disciplina.

No início da responsabilização, apresentamos a Unidade Curricular 'Exposição de máscaras' através da visualização de um *PowerPoint* sobre o Carnaval e a relação forma/função das máscaras. A mesma apresentação esclarecia o processo da construção de uma máscara com ligadura engessada: quais as preocupações e métodos a ter durante a sua elaboração. Depois de esclarecidas as dúvidas, os alunos deram início ao processo de estudo de formas e cores da máscara, estes tinham que desenhar a forma geométrica de quatro óvulos, rigorosamente dispostos numa folha A3.

Na aula seguinte, enquanto o processo de estudo era elaborado, nós iniciamos a construção das máscaras, recorrendo aos alunos para as modelar. A turma foi agrupada em pares para possibilitar que enquanto um aluno aplicava o rolo de gesso no colega, e *vice versa*, o resto da turma permanecia a elaborar o estudo individual da máscara. Possibilitando, assim o nosso acompanhamento a ambos os casos, para o explicação de dúvidas e assistência.



Ilustração 15 – Aluno com o ligadura engessada no rosto.

Com o estudo elaborado, os alunos seleccionavam uma das quatro opções e transportava-a para a máscara. O gesso podia ser riscado com lápis de grafite e assim, os alunos desenhavam na máscara todos os promenores que pretendiam, para que na última fase pudessem colorir com tintas acrílicas.

Decidimos também elaborar um livro com identificação de cada aluno e respectiva máscara. Os alunos que concluíssem a sua máscara podiam prosseguir com a elaboração do livro da turma, assim, todos os que visitavam a exposição poderiam procurar de quem era a máscara.



Ilustração 16 – Aspecto exterior do livro de etiquetas.

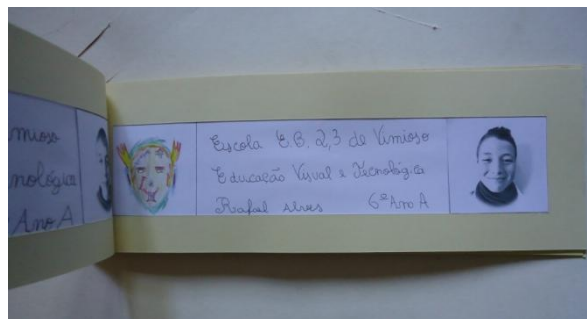
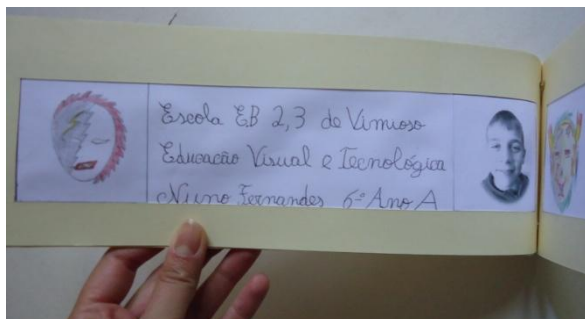


Ilustração 17 – Interior do livro de etiquetas.



Ilustração 18 – Livro de etiquetas aberto.

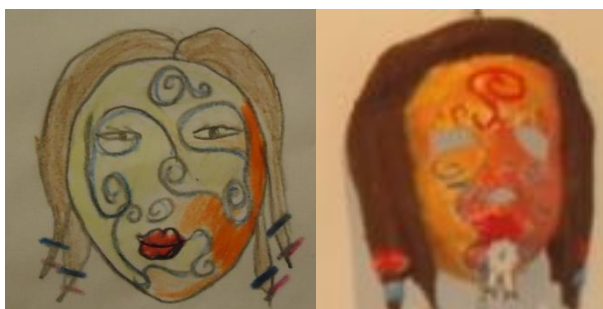


Ilustração 19 – Estudo e produto final da aluna Liana Teixeira



Ilustração 20 – Estudo e produto final de Nelson Vale



Ilustração 21 – Estudo e produto final de Ricardo Lourenço



Ilustração 22 – Estudo e produto da aluna Sónia Fernandes

Todas as máscaras produzidas foram então direccionadas para a Casa da Cultura de Vimioso, onde ficaram expostas durante as semanas anteriores e consecutivas ao Carnaval.



Ilustração 23 – Exposição das máscaras dos alunos do 6º Ano- turmas A e B.

Concluída a primeira Unidade Curricular, iniciamos a do “Concurso Amigos da Floresta”, que teve início com a apresentação do nosso exercício prático à turma, que consistia em usar fotografias dos alunos para contar uma história. Numa primeira aula conseguimos introduzir um espaço temporal onde debatemos o tema, sob a forma de *brainstorming*: registamos aqui algumas dessas ideias.

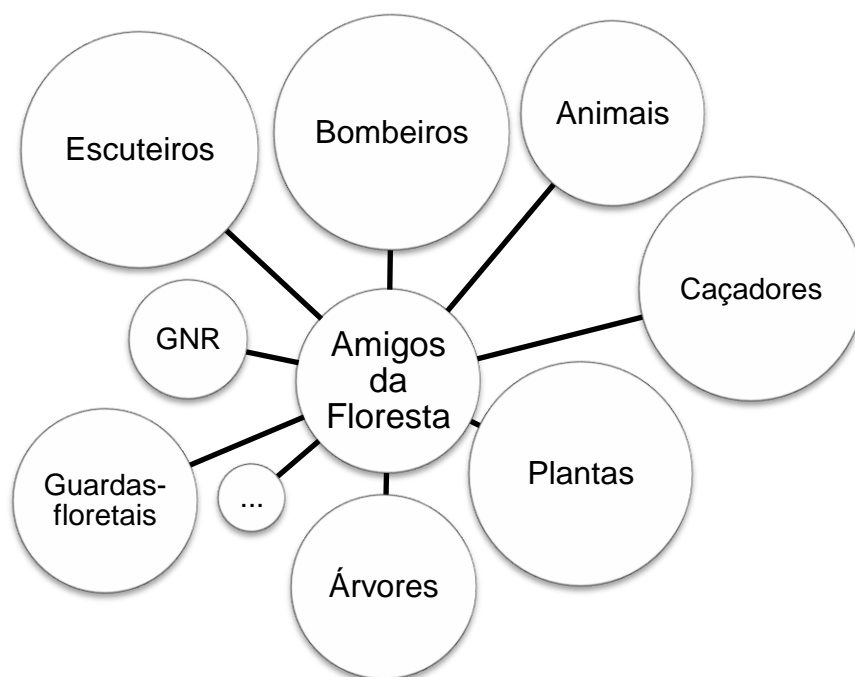


Ilustração 24 – *Brainstorming* sobre o concurso “Amigos da Floresta”

Em seguida expusemos uma apresentação em *PowerPoint* sobre fotografia<sup>29</sup> levamos algumas máquinas fotográficas para mostrar aos alunos que as máquinas tiveram uma evolução, tanto na forma como na sua funcionalidade, até à máquina digital que hoje conhecem.

Concluída a apresentação, preparamos um espaço temporal para serem colocadas dúvidas e para as máquinas fotográficas passarem por entre os alunos, para que estes tivessem noção de aspectos formais, como o peso e o sistema de focagem.

<sup>29</sup> Apresentamos a primeira imagem fotográfica foi obtida pelo francês Joseph Niepece, em 1827, os tipos de enquadramento (planos: plano geral; plano de pormenor); as partes constituintes de uma máquina e falamos também de preocupações e cuidados a ter com a máquina fotográfica.



Ilustração 25 – Alguns exemplos das máquinas fotográficas, que levamos para a sala de aula.

Foi também proposto a criação de um *storyboard*<sup>30</sup>, e para tal era necessário criar uma sucessão de acontecimentos, segundo uma narrativa. Optamos, mais uma vez por recorrer ao *brainstorming*<sup>31</sup>, para que todos os alunos contribuíssem para a definição da história, que consistia em catorze momentos (um para cada aluno). Tivemos como base o anterior (ilustração 26), mas desta vez, no lugar de ‘Amigos da Floresta’ escrevemos ‘Natureza’, e o resultado foi o seguinte:

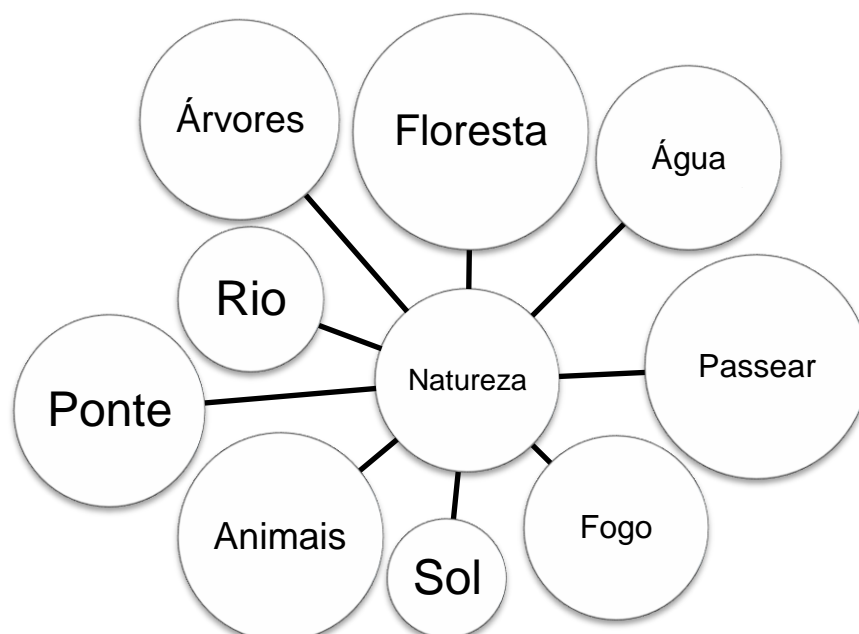


Ilustração 26 – *Brainstorming* sobre a “Natureza”.

<sup>30</sup> *Storyboard*, como a palavra indica é uma ‘prancha’ que detém uma história. Geralmente são utilizadas na Banda Desenhada, com a definição das acções através da união (narrativa e visual).

<sup>31</sup> A escolha deste método e a sua utilização tem como objectivo, recriar nos alunos, um método de raciocínio, daí a nossa opção em não variar na metodologia á aproximação ao problema visto que esta se encaixava nas metas propostas.

Com a união dos dois esquemas definimos com os alunos, a seguinte narrativa:

1. Era um dia de SOL;
2. Fomos dar um PASSEIO;
3. Mimamos os ANIMAIS;
4. Fomos para o RIO;
5. Passamos pela PONTE;
6. Vimos os avisos;
7. Eles diziam: não deitar lixo para o chão / Perigo de incêndio;
8. Vimos o FOGO;
9. Queimava as ÁRVORES;
10. Chamamos os BOMBEIROS;
11. Chegaram os GUARDAS-FLORESTAIS;
12. Os BOMBEIROS apagaram o FOGO e os GUARDAS-FLORESTAIS...;
13. E os GUARDAS REPUBLICANOS...
14. Prenderam os CAÇADORES.

Cada frase foi escrita num papel e colocada num caixote, para que os alunos pudessem sortear um papel e, com o descrito nesse, tentar desenhar a acção. Também tivemos a necessidade de distribuir personagens pelos alunos (meninos que contam a história, bombeiros, guardas e caçadores), para que nas aulas seguintes cada aluno trouxesse elementos característicos do papel que iria representar (como fardas de bombeiros, ou fatos com camuflagem) e também pedimos que arranjassem animais de peluche, para reproduzir animais de verdade (coelhos, pássaros, ...).

Após a definição de cada uma das catorze cenas, os alunos trouxeram máquinas fotográficas e tentaram replicar a cena desenhada, dentro do recinto da escola. No início não pareciam muito seguros, porque a escola não tinha muitas árvores, nem mesmo um rio, contudo tranquilizamos a turma ao esclarecer que cada fotografia iria ser tratada por eles, e aí podiam criar um mundo imaginário com tudo o que tinham idealizado.

Como podemos observar neste exemplo, esta fotografia foi tirada na entrada da escola (fotografia a preto e branco), contudo após o tratamento que o aluno decidiu exercer na imagem, transformou o cenário 'numa floresta' com árvores e até introduziu uma mangueira, para que os bombeiros pudessem 'apagar o fogo'.

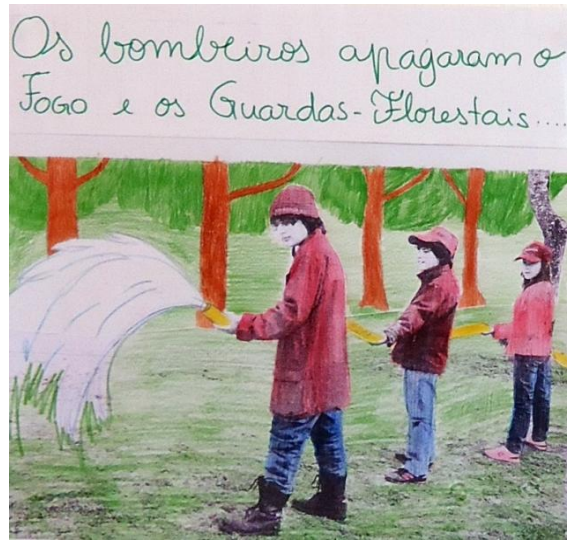
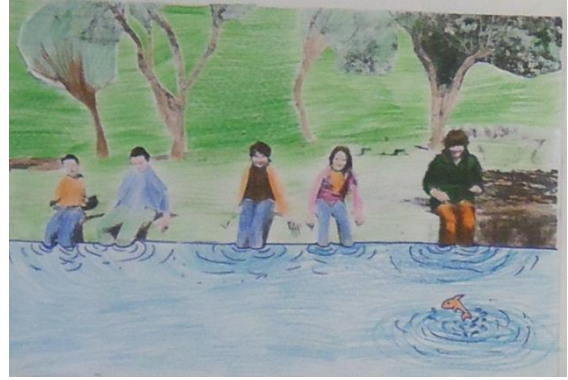


Ilustração 27 – À esquerda fotografias tiradas pelos alunos e à direita o trabalho final que cada um exerceu.

A técnica gráfica empregada possibilitou o recorte de pormenores que não eram os mais convenientes e consoante o aluno/acção, este recorria ao desenho para introduzir elementos até então imaginários e preenchia a fotografia a lápis de cor, para agregar o seu desenho à fotografia inicial – fundindo assim toda a acção com o mesmo tratamento gráfico.

Os trabalhos foram então expostos, e receberam a primeira qualificação do 2º Ciclo. Apesar de cada trabalho ter um autor, o prémio foi atribuído à turma toda, acreditamos nós, devido ao carácter comunitário que este retém. A turma toda está representada neste trabalho, desde a delineação da história até à execução.



Ilustração 28 – Registo da exposição dos trabalhos na Casa da Cultura, com a classificação do concurso.

A união de duas áreas (visual e tecnológica) possibilita um mundo permanente de soluções variadas para a elaboração de projectos singulares ao nível de cada aluno e estes dois projectos são prova disso. A junção das disciplinas resultou *numa integração de aprendizagens encobertas nos trabalhos*<sup>32</sup>. Após a conclusão deste estágio no 2º Ciclo, confirmamos que a essência da disciplina e os caminhos pelos quais se fazem as aprendizagens que esta propõe, transportaram para a organização, não sequencial, os Conteúdos e Áreas de Exploração<sup>33</sup>.

Apoiados na perspectiva, das ilações de Sanches (2001:56), *os alunos terão de ser os principais actores na construção do seu saber*, interagindo o saber próprio com outros intervenientes da situação em estudo, *levar a escola para a vida e trazer a vida para a escola é uma estratégia que ajuda a dar maior sentido à actividade da docência*. Tentamos, sempre que possível, inculir no aluno a preocupação com o meio ambiente (forte vertente da segunda Unidade Curricular), com higiene e segurança no local de trabalho e também a capacidade de elaborar cooperativamente relações sociais gratificantes.

Para nós, e conforme Arends (1995:129) *um ambiente de aprendizagem produtivo é caracterizado por um clima geral onde os alunos se sintam bem, onde as suas necessidades individuais são satisfeitas de forma a que eles persistam nas tarefas escolares e trabalhem cooperativamente com o professor* e onde os alunos disponham de *competências interpessoais e grupais indispensáveis para cumprir as exigências da vida na sala de aula*. Ambos os projectos foram pensados de forma a incluir experiências distintas, (desde a tecnologia até aos materiais empregues), abordando entre outros, temas como o desenho geométrico, a modelagem da ligadura engessada, as técnicas de pintura com acrílicos e a fotografia.

Um outro aspecto importante para o sucesso desta prática pedagógica, foi o cariz interdisciplinar<sup>34</sup> que esteve presente ao longo do estágio que formalizou uma experiência, tanto nos alunos como em nós, bastante generosa no que diz respeito à área das Artes aliada ao contexto em que está inserida.

---

<sup>32</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1991) – “Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização do Ensino-aprendizagem – Ensino Básico 2ºCiclo” vol. II, p.2

<sup>33</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1991) – “Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização do Ensino-aprendizagem – Ensino Básico 2ºCiclo” vol. II, p.15

<sup>34</sup> Cf. SANCHES, Isabel. (2001) – “Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”. Porto: Porto Editora, p. 51. *É a interdisciplinaridade, é o trabalho em equipa que proporcionam oportunidades de interacção e de partilha de saberes.*

### 1.2.3. EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O Currículo no 3º Ciclo separa as disciplinas, Visual da Tecnológica, para que cada uma tenha uma autonomia, que no caso da ET (Educação Tecnológica) desenvolve nos alunos *competências universais que promovem o pensamento tecnológico, operações cognitivas e experimentais da técnica, através de aprendizagens realizadas em ambientes próprios*<sup>35</sup>. Estas mesmas competências prosperam *numa sequência progressiva de aprendizagens ao longo da escolaridade básica, tendo como referência o pensamento e a acção perspectivando o acesso à cultura tecnológica*<sup>36</sup>.

O saber tecnológico torna-se cada vez mais necessário, devido à evolução alucinante que esta área detém, e o aluno necessita desta formação, que a escola dispõe, para o habilitar no domínio de conceitos e operações, por mais básicas que sejam. A PES realizada no 9º Ano em ET, decorreu na Escola do Ensino Básico e Secundário Miguel Torga, em Bragança e foi supervisionada pela Professora Maria Cristina Magalhães com a cooperação do Professor Adriano Pereira.

A turma detinha catorze elementos, seis do 9º Ano A e oito do C. Na sala de aula existiam apenas dois elementos do sexo feminino e os restantes doze do masculino, com uma média quinze anos de idade. O estágio teve início no mês de Janeiro de 2012 com uma carga horária distribuída por dois tempos semanais: um de noventa e outro de apenas quarenta e cinco minutos. Com a consulta do Plano Curricular elaborado pelo Professor Cooperante Adriano Pereira, planeamos duas Unidades Curriculares (“Circuito eléctrico” e “Objectos luminosos”, dando assim continuidade pedagógica. A selecção do Módulo e estrutura do nosso planeamento, teve como objectivo alcançar uma dimensão cultural, epistemológica, tecnológica e prática, que respondesse aos *princípios subjacentes à selecção e organização da proposta dos Blocos de Conteúdo: validade; representatividade; profundidade; flexibilidade; uso e múltiplas entradas*<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (2001) – “Educação Tecnológica – 3º Ciclo do Ensino Básico Orientações Curriculares 7º e 8º Anos”. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 3

<sup>36</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d) – “Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Tecnológica”. Lisboa: Ministério da Educação, p. 191

<sup>37</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (2001) – “Educação Tecnológica – 3º Ciclo do Ensino Básico Orientações Curriculares 7º e 8º Anos”, p. 11. Segundo uma possível interpretação, tivemos em conta princípios, destinados ao 7º e 8º ano de escolaridade, devido à sua pertinência no mundo tecnológico.

<b>DOMÍNIO TECNOLÓGICO: TECNOLOGIA DA ELECTRICIDADE</b> <b>MÓDULO M1: PRODUCTOS ELÉCTRICOS E ELECTRÓNICOS</b>													
<b>CONTEÚDOS</b>	1. Corrente eléctrica	2. Os circuitos eléctricos	3. Magnitudes eléctricas	4. Equipamentos de medida e controle	5. Operadores eléctricos	6. Controle eléctrico	7. Instalações eléctricas	8. Operadores electrónicos	9. Componentes do circuito	10. Simbologia, representação gráfica de esquemas	11. Montagens electrónicas básicas, procedimentos técnicos	12. Instrumentos de medidas	13. Aplicações electrónicas
	<b>1. TECNOLOGIA E SOCIEDADES</b>												
1.1. Tecnologia e desenvolvimento social	X	X	X	X	X		X					X	
1.2. Impacto ambiental da tec.	X												
1.3. Tecnologia e consumo	X	X		X	X								
<b>2. PROCESSO TECNOLÓGICO</b>													
2.1. O objecto técnico		X	X	X		X						X	
2.2. Planeamento e desenvolvimento de projectos	X												
2.3. Pesquisa técnica													
2.4. Comunicação de ideias	X		X		X								
2.5. Resolução de problemas		X	X						X	X		X	
<b>3. CONCEITOS E OPERADORES TECNOLÓGICOS</b>													
3.1. Estrutura													
3.2. Energia	X		X	X								X	
3.3. Regulação e controle				X					X			X	
3.4. Medição/metrologia		X		X									
3.5. Materiais	X		X							X		X	
3.6. Informação/comunicação			X									X	
3.7. Representação gráfica						X				X			
3.8. Higiene e segurança			X	X	X	X	X					X	
<b>4. CONTEXTOS TECNOLÓGICOS</b>													
4.1. Sectores de actividade tecnológica	X	X		X		X						X	
4.2. Áreas profissionais													
4.3. Profissões	X									X			

Tabela 4 – Grelha de articulação dos Conteúdos Transversais e Domínio da Tecnologia e Electricidade na disciplina de Educação Tecnológica para o 9º Ano de escolaridade.

Após a aula de observação e intervenção, período fundamental para uma boa transição de responsabilidade (que passa do professor cooperador para o professor estagiário), era notório que se tratava de um grupo de trabalho com indivíduos de personalidades fortes e individualistas, com excepção de dois grupos de três alunos cada. Desde a primeira aula constatamos a existência de um grupo mais problemático, situado na última fila da sala, (composto por elementos da turma C, dois deles eram irmãos), e outro totalmente oposto, mais atento, sentado na primeira fila (constituído mediante alunos da turma A, as únicas raparigas e um rapaz).

Esta situação reporta-nos para uma leitura que realizamos no âmbito da investigação temática do espaço da sala de aula (estudo de reflexão na segunda parte do presente relatório). A análise supracitada, segundo Arends (1995:85), realizada por Adams e Biddle<sup>38</sup> teve em conta um estudo com várias turmas e verificou-se, em todas elas, que um grupo de alunos que participava activamente estava sempre localizado numa secção da sala de aula, denominada de ‘zona de acção’ – *consistia nos três alunos ao meio da fila da frente e nos três sentados na do meio*<sup>39</sup>.

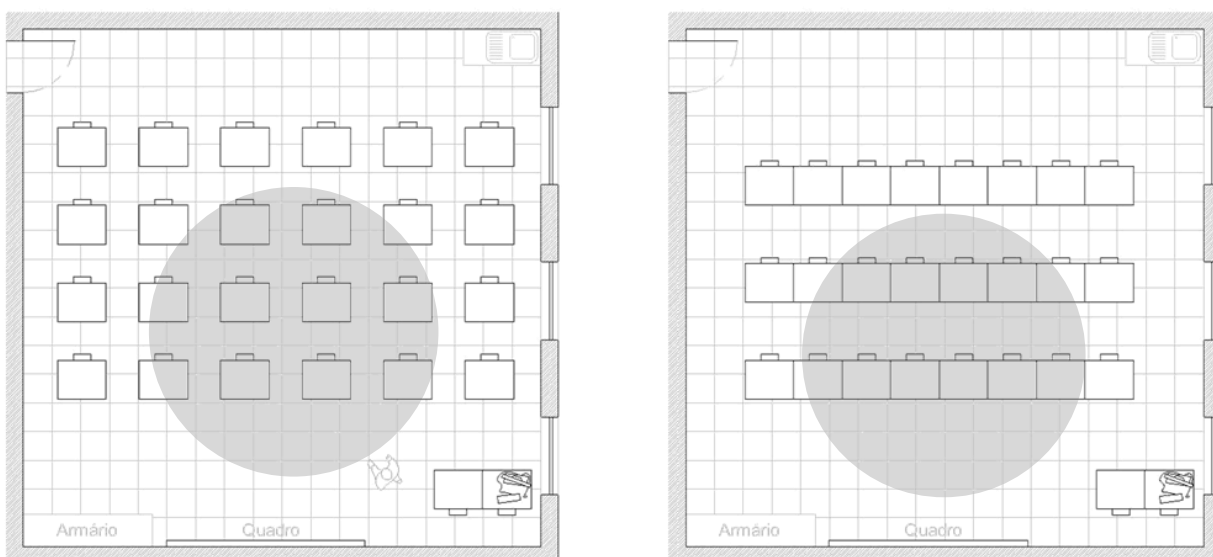


Ilustração 29 – Planta de uma sala de aula com a sinalização da 'Zona de Acção'.

<sup>38</sup> Cf. ARENDS, Richard. (1995) – “Aprender a Ensinar”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p. 85

<sup>39</sup> *Ibidem*. Outros investigadores sugeriram que um ingrediente importante neste puzzle é o contacto visual dos professores – estabelecem melhor contacto visual com os alunos na zona de acção, o que por seu turno os leva a participar mais nas actividades da sala de aula e na discussão. Uma questão colocada foi, se os alunos mais motivados escolhiam esses lugares de acção, ou se a taxa de participação dos estudantes era maior nessa zona.

Tal análise, veio apenas apoiar as nossas metodologias previamente delineadas, que proporcionam experiências cooperativas e facultam exercícios capazes de criar novas relações entre elementos da turma. Sempre existiu, em nós, a preocupação de planear actividades em grupo, tentando também quebrar grupos pré-constituídos e assim, dinamizar o clima da sala de aula. Pois acreditamos que tal processo exerce nos alunos, uma curiosidade e interesse pela vida escolar, que carece em certos elementos da turma que estão em vias de reprovação devido ao seu elevado número de faltas de presença – constatação derivada após consulta do PCT (Plano Curricular de Turma).

A nossa abordagem introduziu o tema ‘Energia’, através da realização de um *brainstorming*, onde procurávamos obter opiniões dos alunos sobre: ‘O que é? De onde vem? Que tipos existem? Como a usamos?’ entre outras questões. Posteriormente, com o constante incentivo de intervenção oral aos alunos, foi-nos possível criar um clima de conforto, deixando o de insegurança e desconfiança à parte. Na continuação da Unidade Curricular “Circuito eléctrico”, apresentamos um *PowerPoint*, com referências aos tipos de energia existentes, as suas fontes, utilizações mais recorrentes e preocupações a ter quando nos encontramos numa situação de contacto com corrente eléctrica. Apoiamo-nos em situações do dia-a-dia, (como a superlotação numa tomada ou um cabo descarnado), para direccionar atitudes e comportamentos correctos, desviando assim potenciais perigos.

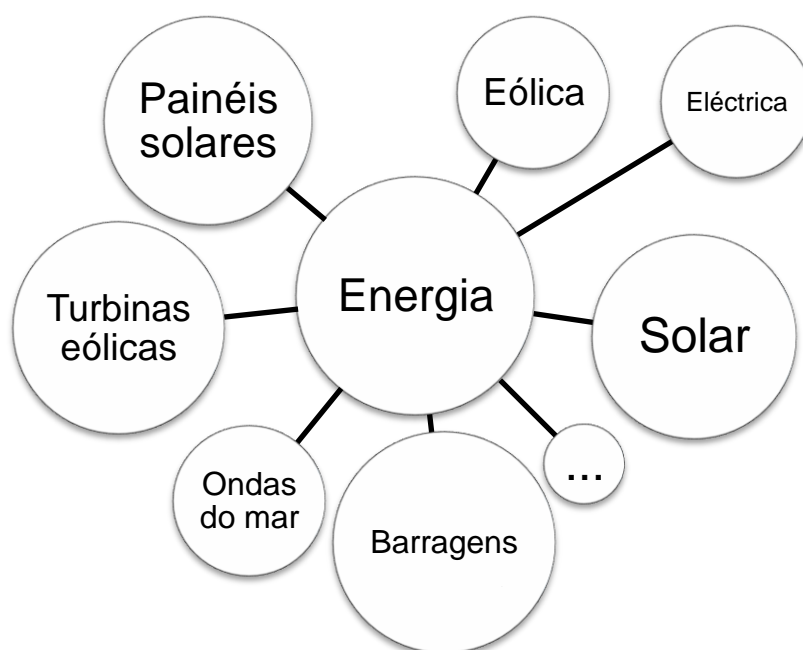


Ilustração 30 – Esboço do *brainstorming* obtido no início da aula.

Num primeiro exercício, propusemos a elaboração de um desenho de um circuito eléctrico simples e, introduzimos a Simbologia Internacional para interpretar o mesmo circuito. Expondo a vertente profissional aos alunos, pois profissões como electricista, engenheiro ou arquitecto, convivem neste mundo técnico, mundo que está dependente de pormenores que são encontrados nos desenhos, para o bom funcionamento dos objectos que lá estão representados.

Na segunda aproximação, ao problema do “Circuito Eléctrico”, foi proposto uma construção do modelo tridimensional do que estava representado no desenho técnico, elaborado na fase anterior. Aqui os alunos detinham uma função fundamental: a de tomada de decisão, desde a escolha de um dos desenhos (dentro do grupo de dois alunos elaborado anteriormente) até à escolha dos elementos constituintes do próprio circuito eléctrico simples. Os alunos escolhiam o material que foi fornecido pela instituição, e após a construção do circuito eléctrico detinham o prazer de verificar se a sua criação de facto funcionava, ou pelo contrário, necessitava de melhoramento.



Ilustração 31 – Registo da fase de avaliação do modelo tridimensional da Unidade Curricular “Circuito Eléctrico”.

Na última Unidade Curricular, “Objectos luminosos”, os alunos tiveram que transformar o conhecimento apreendido, até então, e com o recurso a materiais recicláveis criar um candeeiro. Neste exercício a busca por uma atitude mais autónoma foi fulcral para o bom desempenho do discente, pois este já detinha conhecimento prático e técnico (adquirido durante o trabalho de grupo) e agora contava apenas com a sua criatividade e motivação para ser bem-sucedido.



Ilustração 32 – Objecto luminoso utilizando cabides de plástico

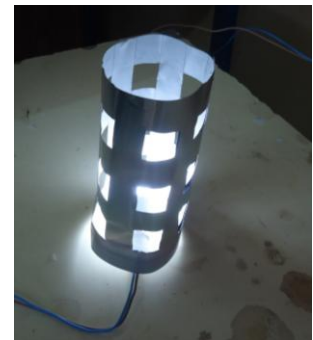


Ilustração 33 – Candeeiro de cartão

Ilustração 34 – Objecto em folha de alumínio



Ilustração 35 – Objecto luminoso com o plástico de um garrafão.



Ilustração 36 – Objecto luminoso com talheres de plástico

Em suma com o constante uso de apresentações em *PowerPoint* foi notório a crescente evolução na comunicação entre professor/ aluno, como também o recurso à internet em contexto de sala de aula. Temos como positivo a troca de opiniões relevantes interpessoais que em alguns casos até foram aceites e alvo de diálogo entre os alunos, esta dinamização foi fulcral para o bom funcionamento dentro da aula e ajudou a manter um clima propício à execução dos projectos propostos.

A turma surpreendeu-nos pela positiva tanto no seu comportamento, interesse, curiosidade e participação. Apesar de se tratar de uma turma dividida em dois grupos, no início do estágio profissional, no fim de Fevereiro era um grupo mais comunitativo entre os pares dentro e fora da sala de aula. A disciplina de ET demonstrou-se detentora de inúmeros interruptores criativos que ligam a originalidade e desligam a falta de concentração e indisciplina. Observamos que os alunos investiram nos trabalhos e aperceberam-se de que os detalhes são fundamentais e podem ditar o bom ou mau resultado da sua criação. Este carácter singular desta disciplina denota-a de um espaço reservado ao objecto técnico, que se estrutura a partir de competências universais e aposta na formação de cidadãos tecnologicamente competentes, independentemente do sexo, cultura ou religião.

Admitimos que esta disciplina surtiu em nós um olhar modificado no que respeita à questão tecnológica. É necessário um investimento para nos manter actualizados nesta sociedade tecnológica, reconhecemos que o professor tem que se sintonizar com as exigências do seu tempo, necessitando para isso de manter-se actualizado, concretamente em relação às áreas disciplinares que mais directamente servem de referência à sua actividade profissional<sup>40</sup>. Apesar de sermos detentores de conhecimentos bastante satisfatórios, também em nós este currículo fez crescer a curiosidade sobre conteúdos mais técnicos e especializados. Somos capazes de reconhecer que após o acto lectivo em ET, reestruturamos a nossa posição tecnológica que passou a ter um cariz constante de procura informativa e pesquisa, dentro dos vários domínios. Dilatamos não só o nosso conhecimento como professores, como também membros constituintes da sociedade hodierna que tanto busca a permanente evolução e constante actualização tecnológica.

---

<sup>40</sup> Cf. BAPTISTA, Isabel. (2005) – *“Dar Rosto ao Futuro”*. Porto: Editora Profedições, p. 94

#### 1.2.4. EDUCAÇÃO VISUAL NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A EV (Educação Visual) constitui-se como uma área de saber que se *situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, (...) para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual*<sup>41</sup>. Esta oferta curricular detém áreas de exploração consistentes com as artes plásticas e, *é uma disciplina fundamental para a educação global do cidadão*<sup>42</sup>, com conteúdos apropriados às competências que a disciplina se compromete a abranger.

Esta última Prática de Ensino Supervisionada, concretizada no 9º Ano (turmas A, B e C) da Escola do Ensino Básico e Secundário Miguel Torga, em Bragança, e foi supervisionada pela Professora Maria Cristina Magalhães e contou com a cooperação da Professora Maria José de Sousa. A turma do 9º ano de escolaridade de Educação Visual era composta por um aluno da turma A, dois da B e seis da turma C, ao todo a turma contava com seis elementos do sexo feminino e os restantes três do masculino, com uma média quinze anos de idade.

Mediante a consulta do Plano Curricular e conversas com a Professora Coordenadora Maria José de Sousa, optamos por elaborar um projecto com o tema “As bodas de prata da escola”, devido à celebração dos vinte e cinco anos de existência, do organismo educativo. Devido ao patrono da escola ser o escritor Miguel Torga, escolhemos uma, entre as suas obras sobre os bichos, intitulada *Aladino*. A narração de Torga acompanha um pardal desde o ninho até à idade adulta e possibilitou aplicar esta personagem principal num exercício prático, com base nas metamorfoses do artista M. C. Escher.

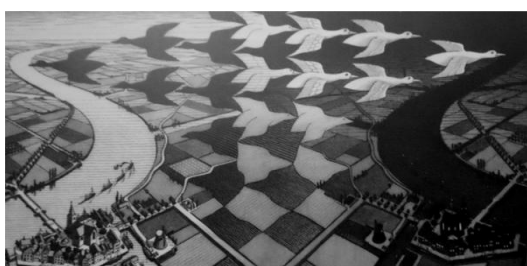


Ilustração 37 – Metamorfoses de M.C.Escher

<sup>41</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística. Lisboa: Ministério da Educação, p. 155

<sup>42</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d.) – “Educação Visual, Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual 3º Ciclo”, p. 2

No que diz respeito à selecção das áreas de exploração propostas, e conforme o aconselhado no programa de ajustamento, foi dada *prioridade absoluta ao desenvolvimento das áreas de Desenho, Pintura e Escultura*<sup>43</sup>.

EDUCAÇÃO VISUAL		9º Ano turmas A, B e C					2011/2012							
CONTEÚDOS	ÁREAS DE EXPLORAÇÃO	COMUNICAÇÃO			ESPAÇO		ESTRUTURA		FORMA		LUZ-COR			
		Elementos Visuais da Comunicação	Códigos de Comunicação Visual	Papel da Imagem na Comunicação	Representação do Espaço	Relação homem/ espaço	Estrutura/ Forma/ Função	Módulo/ Padrão	Percepção Visual da Forma	Factores da forma dos objectos	Representação técnica de objectos	A Cor – Luz no ambiente	Conhecimentos Científicos	Luz - Cor na representação do espaço
DESENHO		X	X	X	X		X	X	X	X		X		
PINTURA							X		X			X		
ESCULTURA			X		X		X	X	X			X		X
BANDA DESENHADA														
FOTOGRAFIA E VIDEO														
GRAVURA E IMPRESSÃO														

Tabela 5 – Grelha de articulação dos Conteúdos e Áreas de Exploração em Educação Visual.

O Desenho é o exercício básico insubstituível de toda a linguagem plástica, e é uma ferramenta essencial na estruturação do pensamento visual, e foi exercitada de forma sistemática, nomeadamente nos estudos e posteriores representações rigorosas<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d.) – “Educação Visual, Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual 3º Ciclo”, p. 3

<sup>44</sup> Cf. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d.) – “Educação Visual, Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual 3º Ciclo”. Lisboa: Ministério da Educação, p. 3. Segundo diretrizes esclarecidas no documento, o Desenho foi trabalhado como ferramenta indispensável para o sucesso do trabalho proposto.

A preparação da planificação geral reflectiu o facto, desta turma elaborar frequentemente trabalhos que, quando concluídos, eram expostos quer no recinto escolar quer em outras instituições<sup>45</sup>. A actividade para esta PES, sugeria produzir um elemento alusivo à celebração do aniversário e servisse a função decorativa a tal celebração. Estabelecido isto, na terceira aula de estágio, apresentamos um *PowerPoint* sobre o trabalho de M.C.Escher aliado aos conteúdos sobre estrutura – Módulo/Padrão. Nesta visualização foram enunciados os conceitos de módulo e padrão; padrão natural/artificial e tipos de organização do padrão (rotação, translação, simetria, assimetria e alternância).

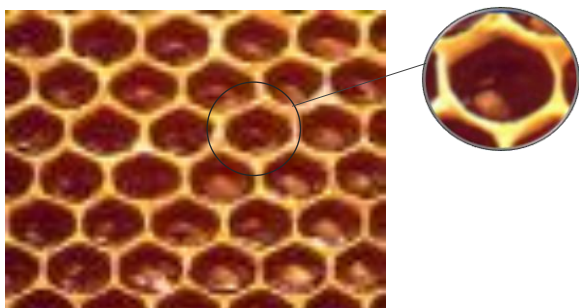


Ilustração 38 – Exemplo de um padrão natural (oalvéolo é o módulo)

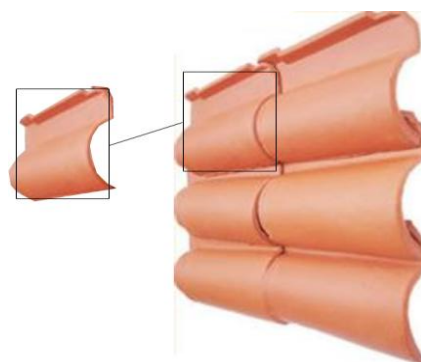


Ilustração 39 – Exemplo de um padrão artificial (criado pelo homem).

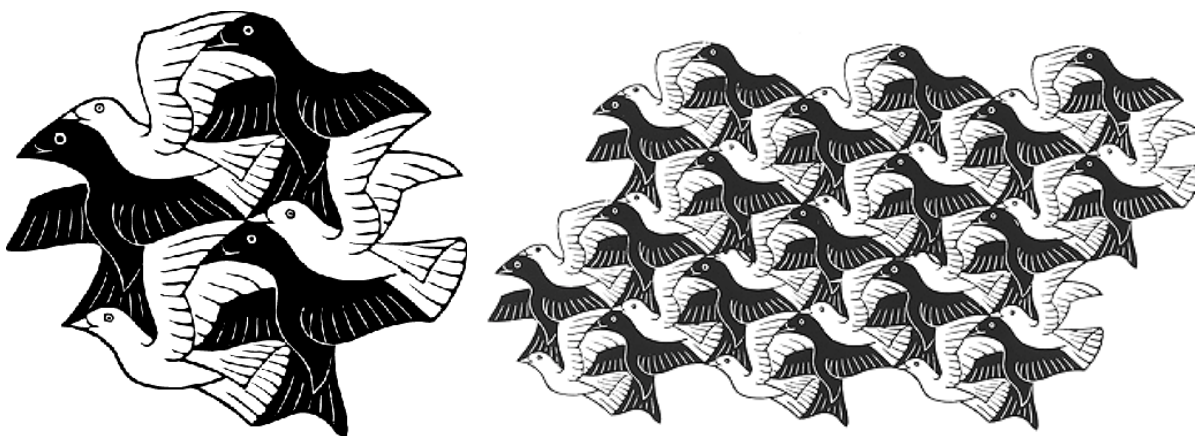


Ilustração 40 – Aplicação dos conceitos de organização do padrão à obra de M.C.Escher. Neste exemplo o artista recorre a dois módulos diferentes para criar um padrão organizado segundo a repetição do módulo paralelamente a si próprio – conceito de translação.

<sup>45</sup> Cf. ARENDS, Richard. (1995) – “Aprender a Ensinar”, Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, p.96  
Muitos alunos sentem-se bem quando vêem os seus trabalhos na parede, e tal exposição pode ser usada como sistema de incentivos.

Concluída a exposição e clarificadas dúvidas, os alunos procederam ao estudo do aspecto formal do exercício, tendo como base bibliografia sobre o artista repleta de exemplos de obras, com diversos conceitos e aplicações.

Através do diálogo, foram definidas questões formais do trabalho (Ilustração 41), e segundo estas foram elaborados projectos individuais, porém devido ao carácter comunitário do exercício, a turma foi posteriormente organizada em pares e distribuída uma fase da metamorfose por par:

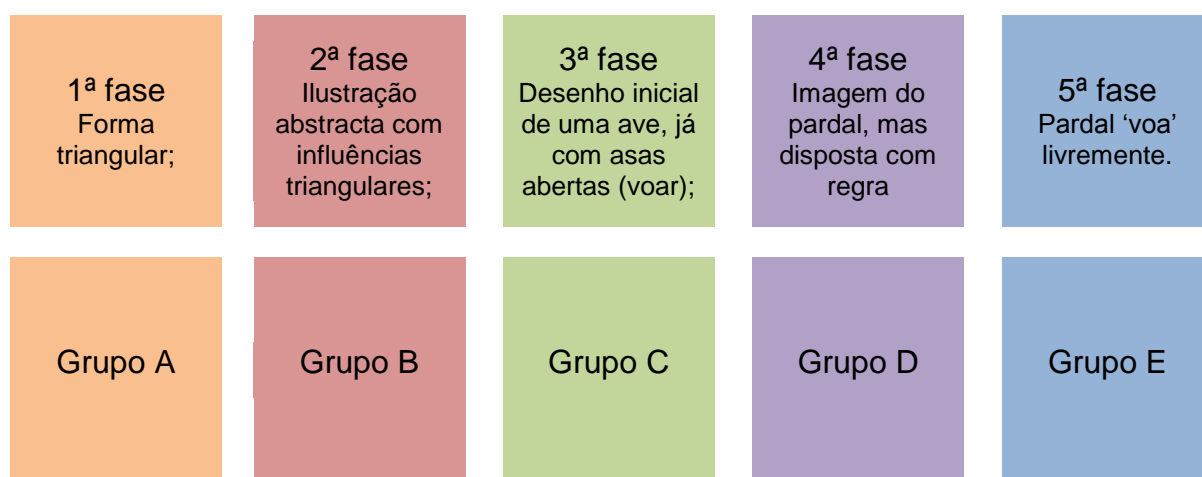
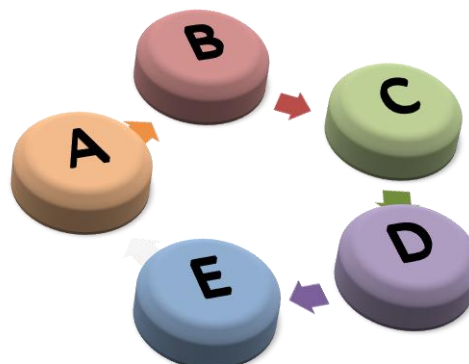


Ilustração 41 – Aspecto formal do exercício. Cada grupo de dois elementos ficava responsável pela elaboração de dois respectivos quadrados de alumínio, com 40cm de lado.

Cada grupo trabalhou uma respectiva fase do projecto. Este projecto tinha início na forma geométrica de um triângulo equilátero e tinha término no, já supracitado, pardal. Contudo como apenas estavam definidas as formas de início e fim, a determinação de cada fase intermédia estava dependente da comunicação entre os grupos. Daí a opção em criar um ambiente de trabalho organizado em círculo, para facilitar a troca e discussão de ideias.



Ilustração 42 – Ambiente de trabalho cooperativo e sua organização, segundo o trabalho proposto



Foram elaborados estudos em papel com metade da escala real (quadrados com 20cm de lado), e trabalhados segundo tons pretos e brancos. A intenção partia do princípio de reprodução em ponto pequeno do projecto final, para avaliar o aspecto geral. Os alunos constataram que a própria escala dos desenhos deveria também evoluir, partindo do triângulo pequeno até ao pardal com dimensões maiores. Como podemos observar a dimensão da representação do módulo não varia, mantêm-se estanque.

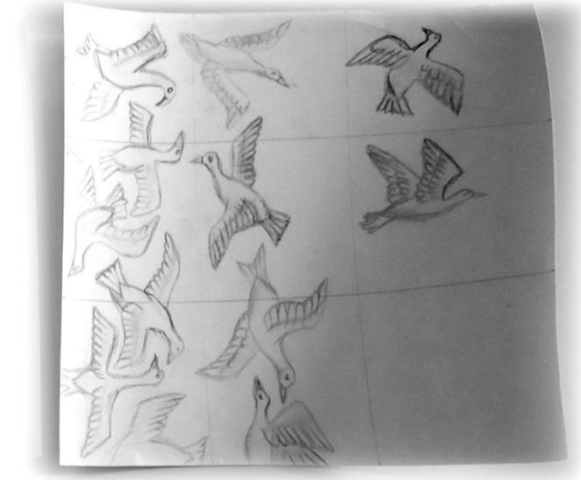
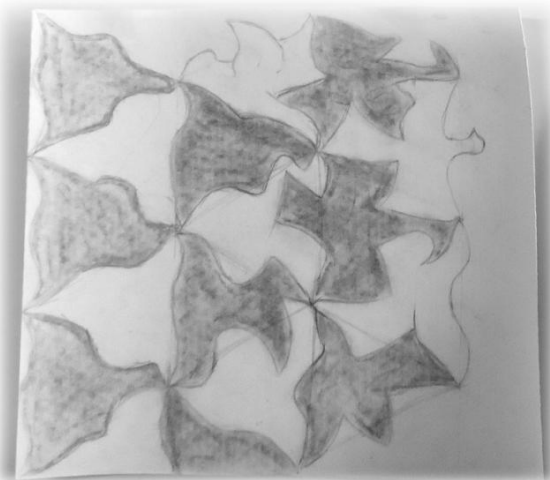


Ilustração 43 – Estudo do pré-projecto em papel cavalinho 20x20cm do Grupo A e E

Um outro elemento de modificação foi, a rigidez e o contraste do triângulo numa base quadrada do suporte – devido à natureza transformadora que dita o aspecto do exercício também este foi alterado, como podemos observar, no estudo em tamanho real (40x40cm) usando papel de cenário:

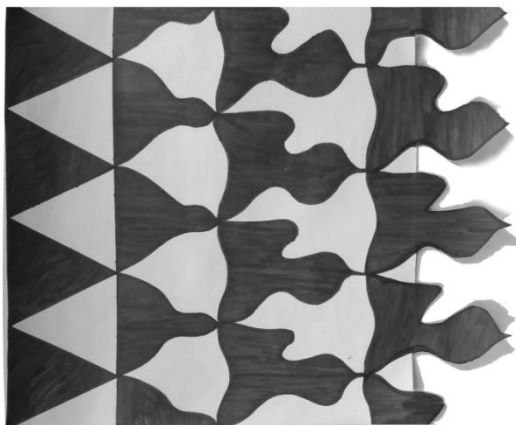


Ilustração 44 – Estudos finais do projecto Grupo A e E.

Concluído o processo de estudo, e com o suporte definido<sup>46</sup>, aplicamos técnicas com papel vegetal para reproduzir os módulos no projecto final. Recorremos ao uso de papel autocolante preto e branco, para criar o aspecto formal que M.C.Escher inculca nas suas xilogravuras. Podemos afirmar que todo o procedimento gerou um projecto bastante apelativo, repleto de movimento e possibilitou ainda, a utilização do contraste luz-cor consoante preocupações visuais, e também de natureza formal<sup>47</sup>, como está patente no resultado final:

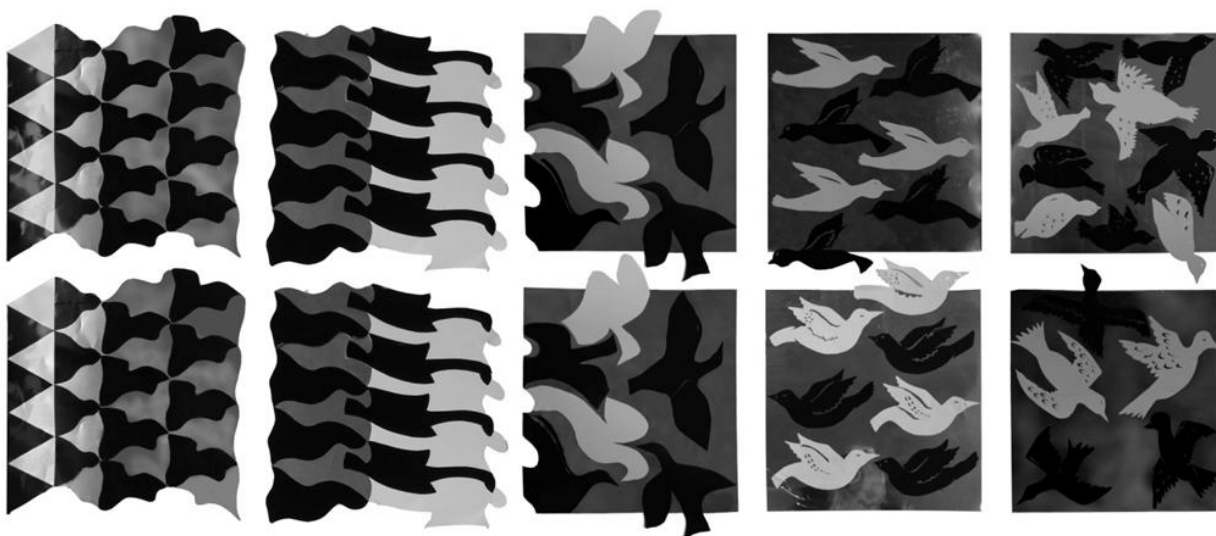


Ilustração 45 – Registo do aspecto final do trabalho realizados pelos alunos.

Esta experiência foi bastante enriquecedora, e com circunstâncias onde professores e alunos trabalharam numa uniformidade de ideias e opiniões, o que para nós é crucial na gestão do tempo para que o trabalho cumpra a sua função. Contudo, devido a um número generoso de actividades externas à disciplina de EV<sup>48</sup>, alguns dos alunos viram-se privados da carga horária em dias pontuais (devido a visitas de estudo, sessões do Parlamento dos Jovens, entre outros), o que reflectiu nos Planos de Aula um reajustamento e reorganização temporal que abdicou de uma segunda Unidade Curricular. A falta de elementos na sala de aula modificou a dinâmica do trabalho, mas não condicionou a nossa actividade, apenas produziu em nós situações de improviso e readaptação, a que todos os profissionais estão sujeitos.

<sup>46</sup> O suporte escolhido foi folhas de desperdícios de alumínio, generosamente oferecidas pela Casa do Trabalho de Bragança.

<sup>47</sup> A cor prata metalizada das folhas de alumínio reflecte as 'bodas de prata' do aniversário da escola.

<sup>48</sup> As referidas actividades estavam organizadas por outras áreas curriculares e por clubes como o Parlamento Jovem.

### 1.3. REFLEXÃO

Segundo Victor Lowenfeld a educação artística, introduzida nos primeiros anos da infância, pode muito bem significar a diferença entre um ser humano criativo e flexível e um outro que continuará a ser um indivíduo a quem faltam recursos interiores e tem dificuldades no relacionamento<sup>49</sup>.

Temos em conta que as disciplinas<sup>50</sup> leccionadas nesta PES são para nós, e conforme o descrito no Currículo Nacional do Ensino Básico, *elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno, pois associam imaginação, razão e emoção, dando origem a novas perspectivas, formas e consistências no ambiente e sociedade em que vivemos*<sup>51</sup>.

A escola hodierna *é obrigatória para todos: raças, culturas e inteligências diferentes*<sup>52</sup>. A sociedade reflete na sala de aula uma diversidade e, compete ao professor tratar todo os alunos por igual, qualquer que seja o género, a herança racial, étnia ou dificuldades de aprendizagem. São assim, criadas salas multiculturais onde *os professores eficientes adoptam uma postura ecológica e olham para as turmas como um sistema de elementos que se inter-relacionam – alunos, professores, materiais de aprendizagem, instruções e metas educativas – todos interagindo para a produção da aprendizagem do aluno*<sup>53</sup>. O acto de dialogar, de analisar e expor ideias é, em nosso entender, um instrumento profissional que reflecte no aluno, um sentido de pretença a uma cultura, dando valor à sua opinião reforçando assim uma autonomia e melhoramento nas relações interpessoais.

Victor Lowenfeld afirma que um aluno expressa pensamentos, sentimentos e os seus interesses nos desenhos e pinturas que realiza, demonstrando assim o conhecimento que possui do ambiente, por meio da sua expressão criadora<sup>54</sup>.

---

<sup>49</sup> *La educación artística, como parte esencial del proceso educativo, puede ser muy bien la que responda por la diferencia que existe entre un ser humano creador y sensible y otro que no tenga capacidad para aplicar sus conocimientos, que no disponga de recursos espirituales y que encuentre dificultades en sus relaciones con el ambiente.* LOWENFELD, Viktor (1957) – “Desarrollo de la capacidad creadora”, p. 20

<sup>50</sup> Expressão Plástica, Educação Visual e Tecnológica, Educação Visual e Educação Tecnológica.

<sup>51</sup> Cf. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística, p. 149

<sup>52</sup> SANCHES, Isabel. (2001) – “Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”, p. 29

<sup>53</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “Aprender a Ensinar”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p. 174

<sup>54</sup> *Un niño expresa sus pensamientos, sus sentimientos y sus intereses en los dibujos y pinturas que realiza, y demuestra el conocimiento que posee del ambiente, por medio de su expresión creadora.* LOWENFELD, Viktor (1957) – “Desarrollo de la capacidad creadora”, p. 22

A Arte tem como vantagem uma linguagem única, entre as demais disciplinas no Ensino, o que significa diferentes formas de ver e representar um só objecto, ou seja, tal como Lowenfeld esclarece: na educação artística, os padrões artísticos do professor devem estar subordinados às necessidades dos alunos<sup>55</sup>. É com este princípio que nos aproximamos à realidade da prática pedagógica, pois também ela detém metodologias de ensino diversas segundo carências dos alunos.

*As opções que cada um de nós tem de fazer como professor, cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser*<sup>56</sup>. A metodologia reflecte o professor que a aplica, e a possibilidade de apostar em formas diversas no emprego dessas didácticas pode incutir no aluno um curioso olhar na matéria transmitida na aula. Como podemos concluir, nesta PES abordamos três metodologias: expositiva, demonstrativa e interrogativa. Estas foram praticadas, de forma sequencial, respeitando a nossa visão sobre estratégias possíveis de aplicação em cada uma.

A primeira metodologia, reserva na apresentação oral o ponto de partida da sua aplicação, aqui exercemos uma *apresentação de informação*<sup>57</sup>, que engloba intervenções verbais do professor (como a prelecção, a explicação e a exposição de tarefas de aprendizagem)<sup>58</sup>. É aqui que concebemos a cada aluno o direito e dever de emitir informação, ele tem a oportunidade de transmitir e apresentar as suas ideias confrontando-as com os seus pares, como por exemplo através do *brainstorming*. Esta metodologia invocou em nós o recurso a uma aprendizagem cooperativa que promove no aluno um processo de crescimento social e intelectual, com a elaboração de trabalhos em equipa (que responsabiliza e enaltece o processo e produto do elaborado pelo grupo).

*Exigir o envolvimento dos alunos é um aspecto importante das estratégias de aprendizagem*<sup>59</sup>, Sanches (2001:71) afirma que ao ministrar este, tipo aprendizagem cooperativista, os alunos *que se propõem ensinar/ajudar os outros desenvolvem capacidades e competências quando têm de transformar o seu saber em linguagem*

---

<sup>55</sup> *Aunque, en la educación artística, los patrones del maestro deban estar subordinados a las necesidades de los niños.* LOWENFELD, V. (1957) – “*Desarrollo de la capacidad creadora*”, p. 23

<sup>56</sup> NÓVOA, António. (1995) – “*Vidas de Professor*”. Porto: Porto Editora, pp. 16-17

<sup>57</sup> Segundo Carlos Januário, a apresentação de informação é o comportamento de ensino mais importante da função de instrução. JANUÁRIO, Carlos. (1996) – “*Do pensamento do professor à sala de aula*”. Coimbra: Livraria Almedina, p. 109

<sup>58</sup> *Ibidem*

<sup>59</sup> SANCHES, Isabel. (2001) – “*Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*”, p. 45

*adequada à transmissão do mesmo a outrem, para além de todo o desenvolvimento pessoal e social que este comportamento envolve.*

Apoiamos o discurso de Arends (1995:384) que remete a aula de aprendizagem cooperativa, à transformação do papel do professor de figura principal para o de *'coreógrafo de uma actividade para pequenos grupos (...)* o tempo é gasto a ajudar os alunos a trabalhar juntos e não a apresentar e a demonstrar os materiais de aprendizagem.

Seguidamente, em conformidade com o Plano de Aula elaborado, a metodologia demonstrativa abrange, em nossa opinião, as intervenções maioritariamente não verbais (como a demonstração de um gesto técnico). Esta *apresentação visual*<sup>60</sup> não nega, contudo, episódios de apresentação verbal que acompanham a exibição para auxiliar os alunos a melhor compreender a mensagem. Aqui introduzimos a visualização de apresentações em *PowerPoint*, elaboradas por nós, como também utilizamos modelos de prestação auxiliar motora quando esta era requisitada (eventualmente para ajudar na execução de algum momento técnico mais problemático na óptica do aluno), tendo como objectivo *dar oportunidade aos alunos para fazerem aprendizagens que podem partilhar com os seus colegas, dentro e fora da sala de aula*<sup>61</sup>.

Por último a didáctica interrogativa, por nós empregue, analisa o trabalho individual e representa, em nosso entender, um processo onde o aluno treina e consolida aquisições. Nos próprios Currículos é mencionada uma realidade hodierna, onde é dada uma atenção especial ao desenvolvimento de uma série de abordagens do ensino, *conhecidas por várias denominações como a aprendizagem pela descoberta, a formação de pesquisa e o ensinar a pensar, mas com intenções de instrução semelhantes – fundamentalmente, as de ajudar os alunos a tornar-se pensadores autónomos e independentes capazes de perceber as coisas por eles próprios*<sup>62</sup>. É através da metodologia interrogativa que temos noção do quanto o aluno evoluiu e apreendeu, pelo simples facto de formalizarmos questões e verificar se o aluno detém o que é necessário para as resolver.

Para além da exposição e demonstração, confirmamos o pensamento de Amado (2001:90) sobre o qual, o professor utiliza a pergunta *com funções várias,*

---

<sup>60</sup> JANUÁRIO, Carlos. (1996) – “Do pensamento do professor à sala de aula”, p. 195

<sup>61</sup> SANCHES, Isabel. (2001) – “Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”, p. 57

<sup>62</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “Aprender a Ensinar”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.406

*mas onde sobressai a de “controlo”, o mesmo autor afirma que a posição complexa do estudante deve ser vista sob ângulos distintos. Em primeiro lugar por detrás de cada “resposta” audível está o mundo interior, pessoal de cada aluno, assim como, ainda, a sua interpretação das situações, mesmo dessa situação imediata que é a de estar a ser solicitado (interrogado) pelo professor naquele momento e diante dos colegas e em segundo a “resposta” do aluno tem a ver com o carácter avaliativo de toda a comunicação na aula*<sup>63</sup>.

A PES confirmou o que nós tínhamos percepcionado sobre o processo de planificação antecipada, e conforme o parecer de Arends (1995:199), esta juntamente com a *orquestração competente das actividades da sala de aula podem prevenir muitos dos problemas de gestão enfrentados pelos professores*. Esta gestão, para nós, inclui a simples distribuição temporal pelas actividades de aprendizagem planeadas, e considerações acerca de como deve ser usado o espaço.

Nesta perspectiva de valores, somos da opinião que, todos os professores devem adoptar uma posição relacional que os aproxime, suficientemente, aos alunos, levando-os à percepção do particular destes. Evangelina Silva define que a competência do professor passa pela *relação pedagógica de qualidade sem espaço para ambiguidades, promovendo o sentido crítico do aluno*<sup>64</sup>. Todavia, o estabelecimento de laços de cumplicidade e de confiança não prescinde da capacidade de ‘afastamento crítico’, que é necessária para a manutenção de uma autoridade pedagógica<sup>65</sup>. Por vezes *confunde-se boa disposição com falta de autoridade e não tem nada a ver (...) ler, contar e recontar histórias e outros na aula estimulam e facilitam aprendizagens e a desinibição dos alunos*<sup>66</sup>. É do conhecimento geral que quando estamos realmente envolvidos numa tarefa, o tempo passa rapidamente e *até os alunos acham que quando se estão a divertir não estão a aprender*<sup>67</sup>, o que é falso.

---

<sup>63</sup> AMADO, Jorge. (2001) – *“Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula”*, pp. 90-91

<sup>64</sup> SILVA, Evangelina. (2011) – *“Professores e escolas. Imagem social e desafios de profissão”*. Lisboa: Fonte da palavra, p. 74

<sup>65</sup> Cf. BAPTISTA, Isabel. (2005) – *“Dar Rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético”*. Porto: Editora Profedições, p.94

<sup>66</sup> SANCHES, Isabel. (2001) – *“Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”*, p. 56

<sup>67</sup> SANCHES, Isabel. (2001) – *“Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”*, p. 53

Detemos um espírito da não-renúncia e positivista da educabilidade, porém reconhecemos, como bem adquirido nesta profissão o trabalho educativo nem sempre corre como previsto, partilhamos da perspectiva que *o professor deve encarar o seu desempenho como um desafio permanente, reflectindo sobre a prática*<sup>68</sup>.

No entendimento de Rodriguez Diéguez, citado por Carlos Garcia, a formação de professores baseia-se no *ensino profissionalizante para o ensino*<sup>69</sup>. Este ponto de vista, encontra na formação um objectivo constante, desenvolvido num contexto organizado e institucional, no perfeioamento de métodos, capacidades e competências, somos da opinião que *o professor deve ser um investigador atento, com competências científicas, pedagógicas e humanas*<sup>70</sup>.

Contudo partilhamos do pensamento de Rivilla Medina e Domínguez, que defende uma formação de professores com carácter de ensino próprio (juntamente outros docentes) que produz também nos alunos um evoluir do projecto educativo comum<sup>71</sup>. Este acto educativo deve agregar *valores éticos, morais, intelectuais e afectivos, dando o seu contributo para ajudar a florescer sociedades mais flexíveis, mais tolerantes, capazes de resolverem os conflitos pelo caminho do diálogo e do bom senso*<sup>72</sup>. Neste seguimento de ideias, corroboramos com o entendimento de Garcia (1999: 26) que remete a instrução nos professores (em formatura ou exercício), a uma operação (individual ou colectiva) com experimentações de aprendizagem, através das quais obtêm/aperfeiçoam os seus saberes, habilitações e organizações, permitindo intervirem profissionalmente no ensino do currículo, para fazer prosperar qualidades e competências nos educandos<sup>73</sup>.

Concluimos que as dificuldades encontradas neste processo não devem ser motivos para comportamentos de desistência, de demissão ou de negligência. Toda esta acção pedagógica, na PES, mais do que testemunhar a chegada a uma meta, representou um trabalho de descoberta de meios que permitiram um amplo ganho de conhecimentos neste ciclo de estudos do percurso académico.

---

<sup>68</sup> SILVA, Evangelina. (2011) – “*Professores e escolas. Imagem social e desafios de profissão*”, p. 79

<sup>69</sup> GARCIA, Carlos. (1999) – “*Formação de professores: Para uma mudança educativa*”, p.38

<sup>70</sup> SILVA, Evangelina. (2011) – “*Professores e escolas. Imagem social e desafios de profissão*”, p. 67

<sup>71</sup> GARCIA, Carlos. (1999) – “*Formação de professores: Para uma mudança educativa*”, p.23

<sup>72</sup> SILVA, Evangelina. (2011) – “*Professores e escolas. Imagem social e desafios de profissão*”, p. 67

<sup>73</sup> Cf.BAPTISTA, Isabel. (2005) – “*Dar Rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético*”, p. 115



## PARTE II

### 2. INVESTIGAÇÃO DE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO ENSINO BÁSICO

#### 2.1. PROBLEMA: A GESTÃO DO ESPAÇO-APRENDIZAGEM

Ninguém rejeita a ideia de que a *arquitectura geral de uma escola e a configuração das salas de aula condicionam o comportamento dos seus ocupantes*<sup>74</sup>. Corroboramos o pensamento de Richard Arends quando esclarece que *as escolas são organizações sociais e, como tal, são tanto locais de trabalho para os adultos como locais onde os alunos vão aprender*<sup>75</sup>.

O problema exposto nesta investigação é, precisamente, a gestão espacial da sala de aula conforme actividades que nela se vão realizar. Este lugar educativo é hodiernamente alvo de especial atenção<sup>76</sup> e tal facto impera em nós como indivíduos detentores de formação arquitectónica e pretendentes à prática profissional docente, uma atitude curiosa sobre a gestão do espaço, com o intuito de proporcionar uma experiência rica em conhecimento e facultar um processo de aprendizagem de sucesso.

Como professores, na área das Artes, somos assistidos de instrumentos próprios à sala de aula que pontualmente utilizamos como auxiliares no processo educativo. O facto de na maior parte dos casos as disciplinas, em causa, possuírem uma sala exclusiva<sup>77</sup> e oportunamente artilhada<sup>78</sup>, possibilita ao docente alguma liberdade na gestão espacial da mesma, este facto é para nós uma vantagem que

---

<sup>74</sup> AMADO, Jorge. (2001) – “*Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*”. Porto: Edições Asa, p. 81

<sup>75</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”. Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.470

<sup>76</sup> Um dos três objectivos do projecto Parque Escolar é *recuperar e modernizar os edifícios escolares, potenciando uma cultura de aprendizagem, divulgação do conhecimento e aquisição de competências, através de intervenções que permitam: corrigir problemas construtivos existentes; melhorar condições de habitabilidade e de conforto ambiental, com particular ênfase na higrotérmica, acústica, qualidade do ar, segurança e acessibilidade; adequar espaços letivos (...) e modernizar os respetivos equipamentos; garantir flexibilidade e adaptabilidade dos espaços letivos e não letivos, de modo a maximizar a sua utilização e a minimizar investimentos no futuro*. In Portal Parque Escolar Retirado de <http://www.parque-escolar.pt/pt/programa/objetivos.aspx>. Arquivo consultado em 12 de Setembro de 2011.

<sup>77</sup> Temos que ter em atenção que isto só acontece em algumas disciplinas, pois noutras os professores mudam constantemente de sala. Cf. ARENDS, Richard. (1995). “*Aprender a Ensinar*”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.93

<sup>78</sup> Com quadros de cortiça (para exibição dos trabalhos dos alunos); bancadas com ligação à rede de água (para lavagem e manutenção de materiais); quadros interactivos e não interactivos; *datashow's*, entre outros frutos da evolução tecnológica aplicada ao uso educacional.

facilita a introdução de novos modelos de ordenamento de elementos físicos no espaço conforme as actividades que nele se vão realizar.

Uma nova dinâmica pedagógica implica nova disposição espacial. Convergimos analicamente quando Sanches (2001:19) assevera que a organização da sala de aula reflecte o clima que se quer criar e é um dos factores mais importantes no desencadeamento das aprendizagens. Tal eventualidade adverte nos estudantes, mesmo que inconscientemente, o usufruto do espaço de diversas formas o mesmo sucede no próprio docente, que percepção o espaço físico como um componente fundamental na metodologia por ele utilizada. Tanto alunos e professores necessitam de ambientes divergentes e inovadores para usufruir satisfatoriamente de metodologias, quer seja o trabalho em grupo ou o simples diálogo entre professor/turma e aluno/aluno, *alterar o espaço geral da sala de acordo com as actividades a realizar é um bom ponto de partida*<sup>79</sup>.

A investigação, exposta neste relatório, ocorreu durante a PES (Prática de Ensino Supervisionada) na disciplina de EEP (Expressão e Educação Pástica) com a participação de vinte e dois alunos, da turma do 3º Ano de escolaridade da Escola do Ensino Básico do 1º Ciclo de Vimioso. Contou com quinze sessões de noventa minutos de duração entre os meses de Janeiro e Março do ano de 2011. Todo o estudo teve como base os Planos de Aula projectados tendo em conta documentos (entre outros o Plano Anual de Actividades, Currículo Nacional e o Planeamento Geral da Disciplina) e a continuidade pedagógica que incluíram características dos estudos, enunciados na revisão bibliográfica, em consonância com aspectos e objectivos das actividades por nós propostas.

A presente investigação, sobre a gestão do espaço-aprendizagem, procura averiguar e compreender os condicionalismos do espaço da sala de aula e o que este pode repercutir nos que o vivenciam. O tema surtiu em nós algumas questões quando fomos confrontados com a planificação das aulas e a selecção temporal que cada actividade detinha para ser realizada, de onde surgiu o presente problema: como organizar o espaço da sala de aula consoante actividades e qual será a melhor configuração para não desperdiçar tempo e espaço, na sua aplicação.

---

<sup>79</sup> SANCHES, Isabel. (2001). – “Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula”, p. 76

Pretendemos com este estudo um aperfeiçoamento contínuo e repleto de saberes práticos, como a erudição profissional, dominação de mediação e deliberação que encontra, também, na gestão espacial uma funcionalidade que responde às especificações das metodologias que nós planeámos respeitando a sua aplicação consoante o uso racional de tempo e espaço, em questão.

O processo, por nós eleito, reserva à gestão espacial (objectos e o espaço entre eles) um aspecto capital na interacção e decorrer das aulas, pois consoante metodologias de ensino, a organização adapta-se para satisfazer as necessidades das didácticas em aplicação.

Em suma pretendemos encontrar uma disposição, dentro da sala de aula, que seja funcional, racional e fiel às especificidades das metodologias por nós planeadas aula a aula. Como já esclarecemos a nossa postura e aproximação à PES de cada disciplina, alvo de reflexão crítica, seguiu um método que foi, dentro do possível, similar na prática profissional. Na introdução de cada UC (Unidade Curricular) apostamos no diálogo e no debate de ideias pré-estabelecidas pelos alunos consoante temas fulcrais no decorrer de projectos e exercícios. Após a motivação, produzida com o recurso aos meios áudio-visuais, existe a exposição da actividade e dos seus objectivos. Na conclusão das UC realizamos a devida avaliação, favorecendo também a prática da auto-avaliação do aluno sobre o trabalho por ele desenvolvido frizando o que era pretendido alcançar com a sua realização/conclusão. Esta última fase abrangia todo o processo que colocava 'à prova' conhecimentos apreendidos durante a elaboração do projecto, aqui usufruímos da metodologia interrogativa, precedida pela expositiva e demonstrativa.

Ambicionamos, com esta investigação, proporcionar um vasto número de experiências didáticas, com especial atenção para trabalhos colectivos seguidos dos individuais de alunos com quem fruímos o privilégio de contactar. Temos consciência que o nosso futuro profissional existe como um processo em constante evolução pessoal, científico e tecnológico. Para o êxito deste trajecto acomodamos o desejo da continuação do nosso percurso académico com o intuito de executar esta profissão da melhor forma.



## 2.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para elucidar uma das diversas concepções de espaço que temos, evocamos noções de geometria: quando inscrevemos um ponto numa folha, estamos a organizar o espaço desta em duas dimensões, ou seja, a posição do ponto por ser definida por dois valores (x,y). Porém com a elevação do ponto, afastando-o da superfície da folha, o espaço fica organizado a três dimensões, em relação a um sistema de coordenadas (x,y,z). Abraçando esta didáctica, os pontos constituem linhas que gerem planos e estes volumes e todos eles elaboram o espaço.<sup>80</sup>

No parecer de Távora (1996:12), num sentido visual, o espaço é por si o *negativo das formas, ou molde delas que os nossos olhos apreendem*, ou seja, ele é exactamente o que não conseguimos *apreender por processos naturais*. Concluimos que o espaço que *separa e liga as formas*, é forma. Por outras palavras, não existem formas isoladas mas sim uma relação entre todas elas – as que ocupam o espaço e o próprio espaço entre elas.

Nas palavras de Zabalza (1998:230) o termo, espaço, tem diversas concepções e *da sua definição e sentido, ocupam-se diversos profissionais de diversas áreas: filósofos, sociólogos, economistas, arquitectos, pedagogos, (...) é necessário entender o espaço como um espaço de vida no qual, a vida acontece e se desenvolve: é um conjunto completo*. A motivação para a escolha do tema, advém do nosso percurso académico e possibilitou a interligação da Arquitectura com a componente pedagógica no Ensino Básico.

Em suma, e como o descrito nos estudos do antropólogo Edward Hall (1986:121), o espaço está subdividido em três níveis diferenciados: o fixo (o edifício, a sala), o semifixo (formas) e o informal (o que separa)<sup>81</sup>. Amado (2001:82) afirma que o espaço semifixo é *um suporte imprescindível do processo de ensino-aprendizagem e da vida relacional na aula, uma vez que esta é bastante dependente de decisões acerca do seu uso e disposição*.

O indivíduo encontra-se em permanente interacção com o espaço que *contextualiza o seu desenvolvimento, não só nos contextos imediatos, mas também*

---

<sup>80</sup> Cf. TÁVORA, Fernando. (1996) – “*Da organização do espaço*”. Porto: Publicações FAUP, pp.11-12

<sup>81</sup> O referido estudo exerce, dentro do espaço fixo, especial atenção sobre o semifixo e o informal. Cf. HALL, Edward T. (1986) – “*A dimensão oculta*”. Lisboa: Relógio d’ Água, p.121

*noutros mais latos, sociais e institucionais*<sup>82</sup>. Trata-se de uma ligação que condiciona o sujeito pois, consoante os espaços: representa papéis, executa actividades e estabelece relações inter-pessoais. Existe então, *um processo de desenvolvimento que ocorre sempre que a posição do indivíduo se altera em virtude de uma modificação no meio ou nos papéis e actividades desenvolvidas pelo sujeito*<sup>83</sup>.

Como sabemos o *facto de estarmos uns atrás dos outros, estratégia para a não comunicação, não nos impedia de o fazer*<sup>84</sup>. O ambiente da sala de aula é fundamental para um bom exercício da prática educacional (para o professor e aluno). Para nós, o espaço e a sua gestão tem intervenção directa na criação de influências positivas na realização de uma boa sessão de trabalho.

Jorge Amado afirma que o ambiente influencia o comportamento das pessoas e dá a conhecer algumas investigações em psicologia ambiental, como *os estudos feitos em Inglaterra sobre a experiência das open classrooms, formada por salas amplas, de paredes amovíveis, permitindo a gestão do espaço consoante as actividades*<sup>85</sup>. Esta relação sujeito-ambiente, detém uma *interacção mútua e progressiva entre (...) um indivíduo activo, em constante crescimento, e (...) as propriedades sempre em transformação dos meios imediatos em que o indivíduo vive*<sup>86</sup>, influencia posturas e desencadeia atitudes.

Reforçamos a concepção de Arends (1995:85), quando esclarece as repercursões da gestão do espaço da sala de aula nos alunos, em termos cognitivos e emocionais. Partilhamos desta perspectiva pois, o comportamento dos alunos replica, na sala de aula, as exigências das actividades e tarefas que ali se realizam. O intento da *investigação tradicional sobre o ensino não se preocupava tanto com a gestão e organização da sala de aula*, mas focava-se nos indivíduos subrepondo-se à acção dos docentes<sup>87</sup>. Presentemente, a pesquisa sobre gestão e organização de sala de aula, debruça-se não só no modo como a ordem é mantida e estabelecida,

---

<sup>82</sup> MACHADO, Maria de Fátima Carneiro. (s.d.) – “Gestão e Organização da Sala de Aula”. Retirado de [http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8\\_33.htm](http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8_33.htm). Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010.

<sup>83</sup> PORTUGAL, Gabriela. (1992) – “Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner”, p. 40

<sup>84</sup> SANCHES, Isabel. 2001. *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*, p. 17 -18

<sup>85</sup> AMADO, Jorge. (2001) – “Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula”. Porto: Edições Asa, p. 82

<sup>86</sup> PORTUGAL, Gabriela. (1992) – “Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner”, p. 37

<sup>87</sup> Cf. MACHADO, Maria de Fátima Carneiro. (s.d.) – “Gestão e Organização da Sala de Aula”. Retirado de [http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8\\_33.htm](http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8_33.htm). Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010.

como nos processos que contribuem para esse efeito: *a planificação e organização das aulas; o uso e distribuição de recursos; o estabelecimento e explicitação das regras; a reacção ao comportamento individual e de grupo e o enquadramento em que esta é atingida.*<sup>88</sup>

Partimos da premissa que para o desenvolvimento individual é necessário um meio ordenado para uma aprendizagem regular. Estes conceitos são estruturantes no processo ensino-aprendizagem: a ordem é atingida pelas regras e procedimentos e a aprendizagem *através da instrução, tendo por referência um currículo*<sup>89</sup>. Os docentes lidam simultaneamente na programação das actividades com ambas (duração e objectivos), que conseqüentemente influencia o espaço (arranjo dos participantes).

O espaço e o tempo podem por vezes tornar-se escassos e o seu planeamento varia conforme o docente em causa, da mesma forma que os alunos utilizam intervalos diferentes na elaboração de uma tarefa<sup>90</sup>. Arends (1995:96) atesta que *alunos em salas de aula, nas quais o tempo atribuído é elevado e uma grande proporção de alunos está envolvida, aprendem mais do que noutras salas de aula.*

Concluimos esta sessão de estudo com a concepção do professor como organizador de actividades, consoante a prevenção de maus comportamentos, criando *ambientes produtivos, na consciencialização de que a ordem, mais do que imposta, tem de ser vivida, construída, no micro-sistema*<sup>91</sup> da sala de aula<sup>92</sup>.

---

<sup>88</sup> MACHADO, Maria de Fátima Carneiro. (s.d.) – “*Gestão e Organização da Sala de Aula*”. Retirado de [http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8\\_33.htm](http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8_33.htm). Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010.

<sup>89</sup> MACHADO, Maria de Fátima Carneiro. (s.d.) – “*Gestão e Organização da Sala de Aula*”. Retirado de [http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8\\_33.htm](http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8_33.htm). Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010.

<sup>90</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p. 96

<sup>91</sup> Os termos: *micro-sistema* (experiências e vivências do aluno); *exo-sistema* (o ambiente); *macro-sistema* (conjunto de valores e padrões sócio-culturais) e *meso-sistema* (inter-relações em que o indivíduo participa) servem para ilustrar que a escola é um meso-sistema no micro-sistema, do aluno. Cf. PORTUGAL, Gabriela. (1992) – “*Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*”.

<sup>92</sup> MACHADO, Maria de Fátima Carneiro. (s.d.) – “*Gestão e Organização da Sala de Aula*”. Retirado de [http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8\\_33.htm](http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8_33.htm). Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010.



## 2.2.1. A ACÇÃO PLANEADA

Segundo Carlos Januário planear significa, muito simplesmente, «*tornar plano*» ou «*tornar claro*», (...) *como que um modelo projectado sobre o futuro e feito presente, e um presente em trânsito para um futuro que se considerou e se pretende melhor*<sup>93</sup>. Também nós detemos o conceito de planear como um conjunto de premissas pensadas no presente para usufruto futuro, ou seja, quando planeamos o decorrer da aula – após a determinação das áreas de exploração e resultados de aprendizagem – tentamos incorporar factores para uma experiência de aprendizagem de sucesso, para que a actividade em causa seja campo fértil para conhecimentos futuros.

No que diz respeito à planificação geral, de carácter mais crítico do que a planificação diária, *associa num conjunto uma série de objectivos, conteúdos e actividade que o professor tem em mente e determina o decurso geral das aulas durante um período de tempo, reflectindo também a compreensão que o professor tem tanto do conteúdo como dos processos de ensino*<sup>94</sup>.

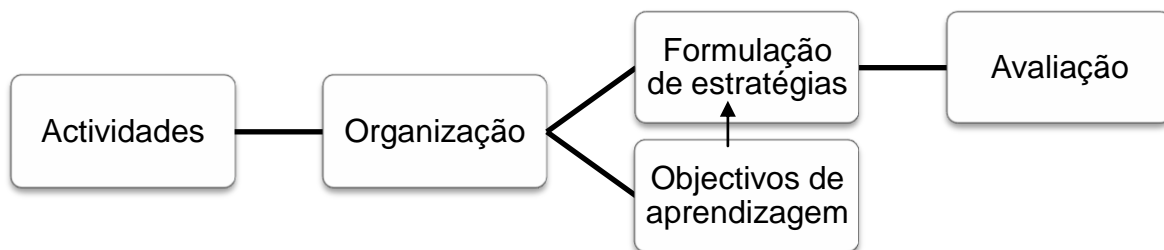


Ilustração 46 – Modelo real de planeamento.

Fonte: JANUÁRIO, Carlos. (1996). "Do pensamento do professor à sala de aula", p.78

Este modelo de Carlos Januário (Ilustração 46) vai de encontro ao que Arends (1995:59) afirma sobre os planos diários: *são delineação do conteúdo a ser ensinado, com a definição de técnicas motivacionais a serem exploradas, com os*

<sup>93</sup> JANUÁRIO, Carlos. 1996 – "Do pensamento do professor à sala de aula". Coimbra: Livraria Almedina, p.10

<sup>94</sup> ARENDS, Richard. (1995) – "Aprender a Ensinar", Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p. 60

*passos e actividades específicas preconizados para os alunos, tendo em conta os materiais necessários e os processos de avaliação.* O mesmo autor clarifica que o plano diário da aula é como um discurso a ser proferido perante uma grande audiência.

Como podemos observar no seguinte esquema (Ilustração 47) elaborado a partir de ilações de Arends (1995:67). A planificação a cargo do docente (fase Anterior à Instrução) detém como base o exercício instrutivo, no qual é enaltecida a gestão temporal, ou seja, o professor planeia a sua acção consoante o conteúdo a ser leccionado e o tempo de que este carece na sua aplicação remetendo assim, em nossa opinião, uma possível consideração também no que diz respeito à organização espacial, que vai ser envolvida na fase de Instrução. É nesta fase que o professor aplica todos os elementos presentes na elaboração da planificação e também a avalia (fase Posterior à Instrução) podendo mesmo suscitar a reformulações.

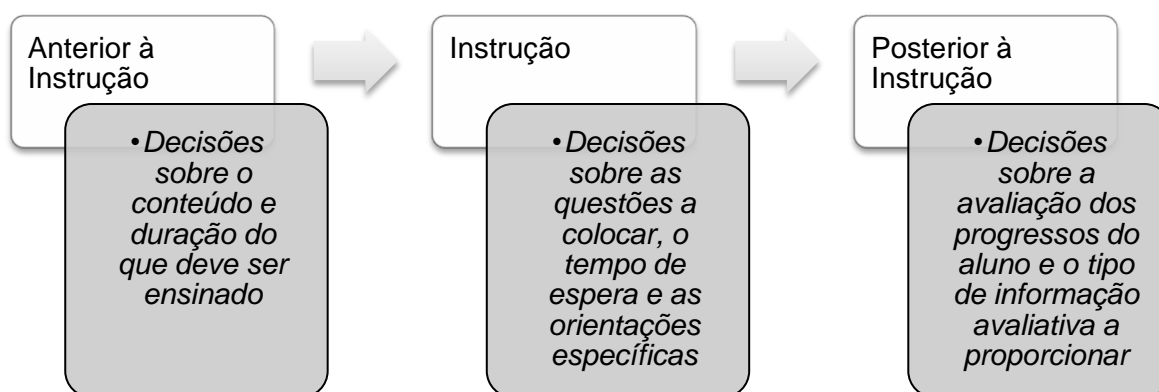


Ilustração 47 – Planificação do professor, baseado em Arends (1995:67).

Em suma, após a observação destas leituras convergentes, podemos concluir que na elaboração da acção planeada, o docente após a selecção de conteúdos/actividades, formaliza estratégias segundo orientações/objectivos de aprendizagem e, após a acção de instrução, analisa e avalia não somente os alunos (o que eles apreenderam durante a Instrução) mas também o próprio planeamento, prevenindo e reformulando aspectos menos favoráveis à acção educativa.

## 2.2.2. A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA

A gestão espacial do mobiliário e a disposição dos alunos/professor evidenciam a concepção geral que o professor tem da acção comunicativa e do estilo de ensino<sup>95</sup>. As opções que cada docente toma na sala de aula, reflecte a sua maneira de ser como profissional e consequentemente como indivíduo social.

Conforme Amado (2001:82) a organização do espaço constitui uma prática disciplinar, que define e consagra estatutos, veiculando normas e valores. Somos da opinião que a sala de aula reflecte a filosofia educativa da época e o tipo de indivíduos que a sociedade pretente instruir, visto estes serem, num futuro próximo, elementos sociais que contribuiram para a continuação da prosperidade social.

Como é do conhecimento geral, não há muito tempo atrás quando a ideologia era 'Deus, Pátria e Família'<sup>96</sup>, as carteiras estavam aparafusadas ao chão<sup>97</sup> e (Ilustração 48) excitava a postura rígida sem liberdade de movimento.

**Carteira Individual ou  
bipessoal**

Ref.ª 115/ME  
3 MODELOS

*Infantil—Médio—Adultas*

**CARACTERÍSTICAS:**

Estrutura de chapa de aço cunhada,  
sendo o tampo, assento, costas e  
tabuleiro de madeira de mogno, freixo,  
tília ou pinho.



Ilustração 48 – A carteira rígida, de dois lugares, alinhada com outras vinte e três carteiras semelhantes, continuaria a ser a peça mais importante das salas do ensino primário oficial, até meados da década de 1960.

<sup>95</sup> MEDINA, Rivella *apud* AMADO, Jorge. (2001) – “*Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*”, p. 82

<sup>96</sup> A educação limitava o espírito criador, democrático e libertador e subordinava-se a uma ideologia que afirmava que o mestre é o modelador de almas, para educar politicamente e o livro escolar é o principal ordenador da cultura, da memória e da acção escolares utilizando estratégias que implantam a Triologia da Educação Nacional. Cf. ROSAS, Fernando. (1990) – “*Nova História de Portugal*”, Lisboa: Editorial Presença, p. 464 As características do mobiliário, para nós, reflectem eficazmente o tipo de filosofia educacional utilizada, desde os aspectos limitadores até aos rígidos, que foram impostos pelo governo da época.

<sup>97</sup> ARENDS, Richard. (1995). *Aprender a Ensinar*, p.94

Com o progredir de eventos, impôs-se uma nova pedagogia que reconheceu aos alunos o direito ao trabalho de grupo e à mobilidade no espaço da aula<sup>98</sup>. Amado (2001:82) esclarece que o mobiliário é um suporte imprescindível do processo de ensino-aprendizagem e a *sensação de segurança e de autonomia dependem da conservação do mobiliário, do tipo de objectos postos à disposição das pessoas e da organização geral do espaço*, esta constatação torna-se contraditória *pela quase total inexistência de preocupações estéticas e de conforto nas salas (...) que nos remete para uma fundamentação ideológica da formação de corpos e mentes dóceis e submissos*<sup>99</sup>.

Ao longo do nosso percurso, como alunos, encontramos professores que não tiravam partido do uso do espaço da sala de aula. Podemos mesmo afirmar que a promoção de modelos de gestão espacial era pontualmente posta em prática quando a actividade proposta sugeria o trabalho em grupo e os alunos tinham que se juntar para realizar tal exercício.

*Estar sentado num espaço exíguo é uma das piores torturas que se pode infligir à espécie humana; contudo, é o que se exige dos alunos numa escola*<sup>100</sup>. Temos presente que muitos dos professores ligados às disciplinas artísticas, exercem nas suas salas de aulas, transformações como intuito de melhorar o ambiente. Mas não é requisito uma pessoa *ser um artista ou um arquitecto de interiores para decorar uma sala de aula e torná-la num local agradável para os alunos*<sup>101</sup>. O fundamental é analisar os espaços, problematizá-los e exercer neles mudanças que por pequenas que sejam, podem tornar-se a longo prazo em alterações substanciais.

A promoção de actividades de cariz individual intercalado com trabalhos colectivos, em nosso entender, promove um ambiente na sala de aula motivador para o aluno e consequentemente para o professor, o *ambiente é um educador à disposição tanto da criança como do adulto*<sup>102</sup>.

---

<sup>98</sup>“Notas sobre o Mobiliário escolar em Portugal no século XX”. Retirado de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/mobiliario/hfe.htm>. Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010.

<sup>99</sup> AMADO, Jorge. (2001) – “*Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*”. Porto: Edições Asa, p. 82

<sup>100</sup> HALL, Edward *apud* AMADO, , Jorge. (2001) – “*Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*”. Porto: Edições Asa, p. 82

<sup>101</sup> ARENDS, Richard. (1995). *Aprender a Ensinar*, p.96

<sup>102</sup> ZABALAZA, Miguel. (1998). – “*Qualidade em Educação Infantil*”. Porto Alegre: Artmed, p.19

### 2.2.3. OS MODELOS DE GESTÃO DO ESPAÇO-APRENDIZAGEM

Antes de apresentar os modelos gestores do espaço, temos que informar o leitor para a existência de condicionamentos, referentes à aplicação de variações na organização espacial, como por exemplo, cada disposição tida em conta deve assegurar suficientes passagens, claramente definidas. A investigação de Prescott, Jones e Kritchevsky, indica que um *terço da sala de aula*<sup>103</sup> deve ser reservada à comunicação física. A disposição em filas e colunas (Ilustração 49) é sem dúvida a mais tradicional e pode proporcionar algum isolamento dos alunos sendo *a mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direcção*<sup>104</sup>, que normalmente está no docente – devido à metodologia expositiva – ou quando a actividade proposta se baseia num trabalho individual.

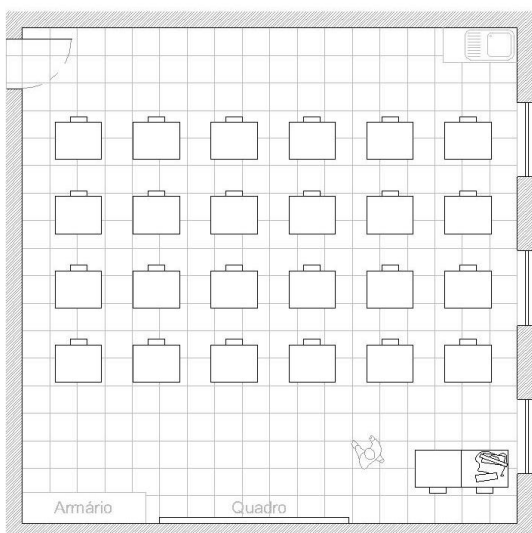


Ilustração 49 – Organização em filas e colunas

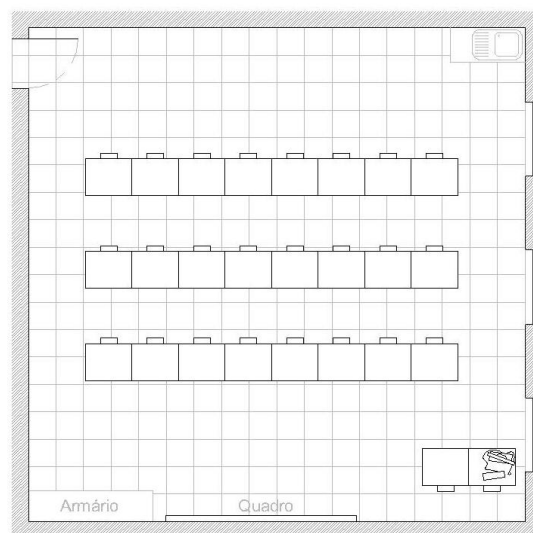


Ilustração 50 – Organização em filas horizontais

Uma variante desta organização é a de filas horizontais (Ilustração 50), que aproxima os alunos e diminui o número de filas. *Este arranjo é útil para as demonstrações, porque os alunos sentam-se muito perto do professor. No entanto, nenhum destes arranjos é conducente à discussão nem actividades em pequenos grupos*<sup>105</sup>.

<sup>103</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p. 95

<sup>104</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.94

<sup>105</sup> *Ibidem*

Segundo Arends (1995:94), a organização em círculo (Ilustração 51), é útil para a discussão e para o trabalho independente no lugar, contudo não é o melhor arranjo para apresentações ou demonstrações, porque alguns alunos ficarão inevitavelmente atrás do professor. Para nós, esta disposição de mobiliário, e especificamente nas disciplinas artísticas é ideal, por exemplo, para o desenho de observação, pois cada aluno possui uma vista única e o professor pode acompanhar os alunos individualmente, sem tapar o objecto, visto que circula do lado exterior ao círculo, podendo até deixar uma passagem para ter contacto físico com o centro (Ilustração 52).

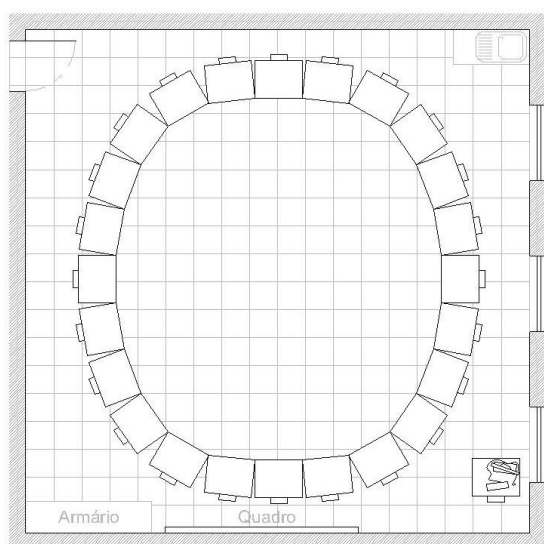


Ilustração 51 – Organização em círculo

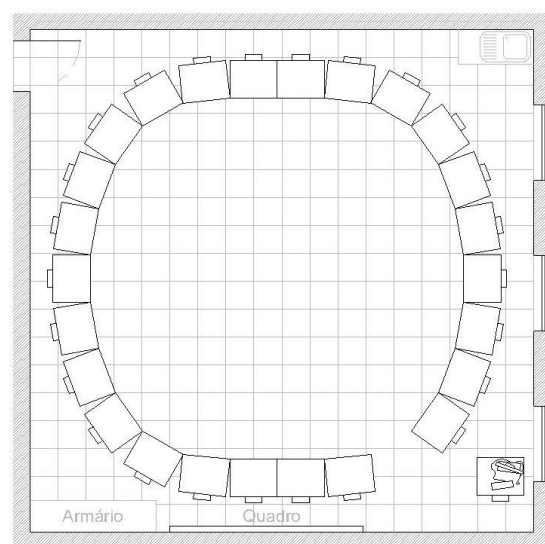


Ilustração 52 – Organização com passagem

A disposição em círculo parece ser extremamente útil para algumas funções relacionadas com a instrução e Arends (1995:88) ilustra um estudo recente de Peter Rosenfield de onde retirou a seguinte conclusão: a formação em círculo melhora a interacção nas discussões<sup>106</sup>. Quando os alunos se amontoam à volta do professor durante a leitura de histórias estão menos atentos do que quando se sentam em semicírculo à volta do docente.

<sup>106</sup>Cf. ARENDS, Richard. (1995) – “Aprender a Ensinar”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.88

Richard Arends sugere uma variação de círculo para semicírculo (Ilustração 53) quando, por exemplo, o *professor do Ensino Básico lê para os alunos* e estes se acumulam à sua volta. Está comprovado no estudo de Krantz e Risley, realizado no ano de 1972 que esta disposição é mais eficaz a nível de atenção do que a organização em círculo.<sup>107</sup> Devido à sua gestão espacial, propomos que a disposição em ‘U’ seja agrupada a este modelo, muito devido à partilha de características e também objectivos. Ambas criam, nos alunos, ênfase no que está a ser exposto na aula na zona envolvente do quadro.

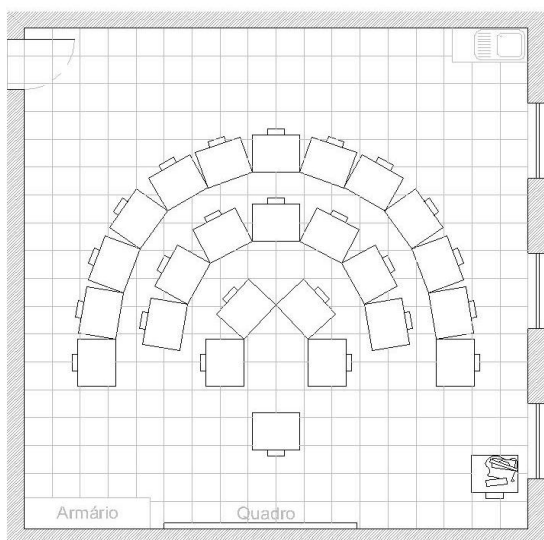


Ilustração 53 – Organização em semicírculo.

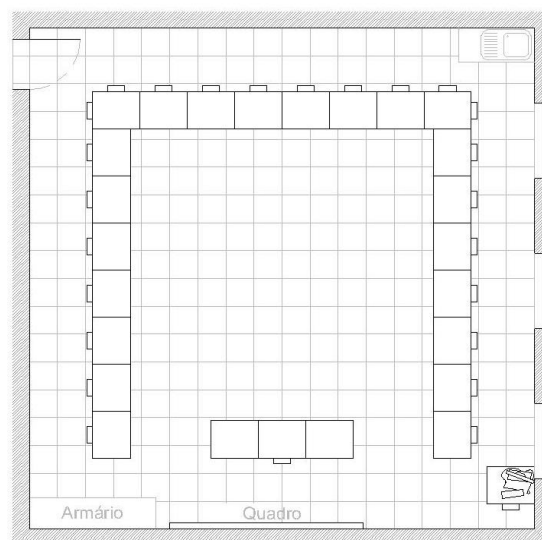


Ilustração 54 – Organização em ‘U’ ou ferradura.

Existem provas de que as necessidades dos professores afectam a disposição das carteiras e dos alunos, através de estudos de Feitler, Weiner e Blumberg os professores antes do estágio (que detinham uma elevada necessidade de controlo), *preferiam arranjos da sala de aula nos quais o professor estava numa óbvia posição de controlo, enquanto os professores com baixa necessidade de controlo seleccionavam organizações nas quais o professor era o menos visível e óbvio*<sup>108</sup>.

<sup>107</sup> Cf. ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”. Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.94

<sup>108</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”. Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.88

O modelo organizacional que apresentamos, em seguida, caracteriza-se pela composição em grupos de quatro ou seis alunos<sup>109</sup>, é útil para a discussão em grupos, a aprendizagem cooperativa ou outras tarefas em pequenos grupos. Se este arranjo for usado, os alunos poderão mudar as suas carteiras para as exposições ou demonstrações, de modo a que todos os alunos fiquem de frente para o professor. Contudo, estas movimentações poderão levar a perturbações e causar problemas de gestão da sala de aula<sup>110</sup>.

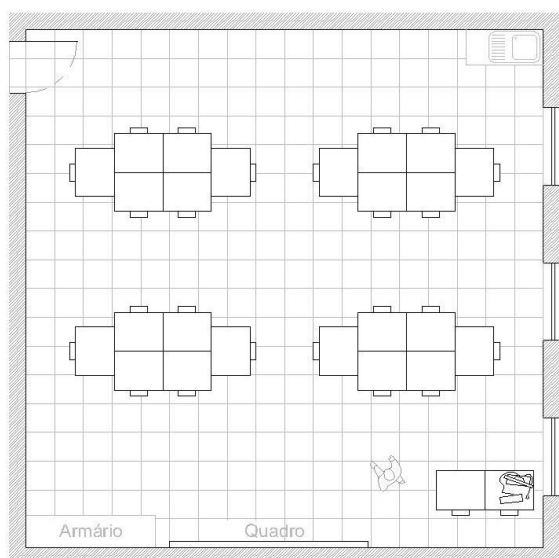


Ilustração 55 – Planta baseada no arranjo em grupos de seis alunos.

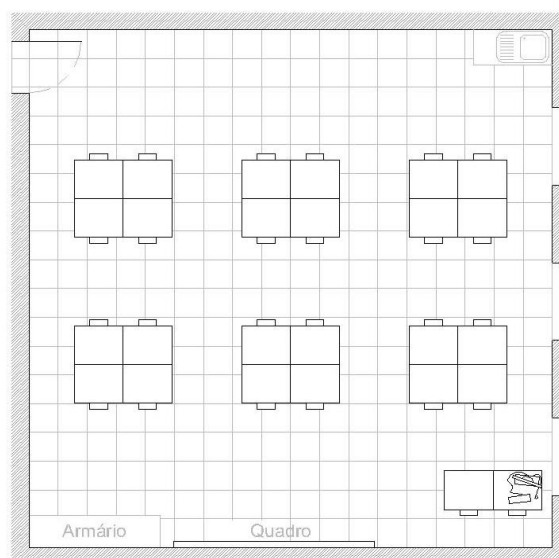


Ilustração 56 – Planta baseado no arranjo em grupos de quatro alunos.

Esta opção metodologia cooperativa é, segundo o estudo *Phillips 22*, conhecida por *cochico* ou *técnica zunzum*<sup>111</sup> e tem, entre outros, os seguintes objectivos: alcançar maior informalidade e espontaneidade para uma participação mais activa e captar com fidelidade posições particulares dos participantes. Esta técnica faz com que os membros do grupo se sintam mais responsáveis pelas decisões tomadas, dando a entender, iniciar ou reforçar, uma amizade entre as pessoas.

<sup>109</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar.*”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.95

<sup>110</sup> *Idem*, p.94

<sup>111</sup> Cf. NÉRCI, Imídio (1987) – “*Metodologia do ensino*”. São Paulo: Edições Atlas, S.A, p. 248

Uma outra abordagem *inventiva para a flexibilidade* foi desenvolvida por Lynn Newsome, que utilizou um arranjo dos assentos que lhe permite «balancear» entre o ensino frontal e os grupos de aprendizagem cooperativa num período de tempo muito curto. O mobiliário por estar inicialmente organizado em grupos e apenas com a movimentação de uma mesa de trabalho, consoante o objectivo do professor a disposição passa para uma formação em asa (Ilustração 57). Richard Arends, transcrevendo Lynn Newsome, enfatiza que ambas as formações conseguem manter o contacto visual com todos os alunos e a sala parece mais espaçosa.<sup>112</sup>

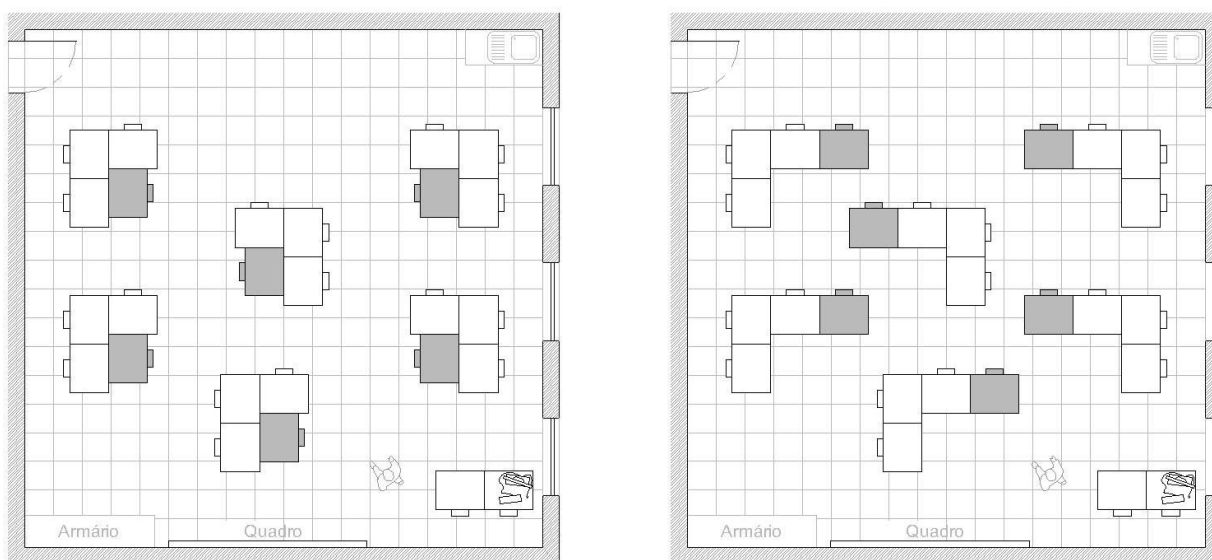


Ilustração 57 – Planta baseada na organização de uma aprendizagem cooperativa, que com o transportar de uma mesa passa para arranjo frontal. Fonte: ARENDS, Richard. (1995) – “Aprender a Ensinar”, p.95

Em suma, estes modelos de gestão espacial são parte integrante no estudo da problemática, que elegemos como componente estrutural deste trabalho ‘A Gestão do Espaço-Aprendizagem’. Em seguida introduzimos a metodologia por nós adoptada ao longo da análise da experimentação realizada no âmbito do Relatório Final de Estágio.

<sup>112</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “Aprender a Ensinar”, Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.94

### 2.3. METODOLOGIA

A presente investigação foi realizada durante a Prática de Ensino Supervisionada, no ano lectivo de 2010/2011 na disciplina de Educação e Expressão Plástica, na Escola Básica do 1º Ciclo de Vimioso. Contou com vinte e dois alunos do 3º Ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os oito e nove anos, a turma era composta por doze elementos do sexo feminino e dez do masculino.

Trata-se de um estudo experimental e exploratório com carácter qualitativo, motivado pelo percurso académico que detemos. A nossa formação em Arquitectura prédisponibilizou este olhar sobre a problemática da gestão do espaço e a sua funcionalidade, consoante pretensões que o docente detém para o decorrer da sua acção instrutiva. Assim, tal como a gestão do espaço no projecto arquitectónico o da sala de aula é fundamental para uma prática profissional com êxito no processo ensino-aprendizagem.

O estudo, aqui exposto, analisa exemplos de gestão espacial da sala de aula que satisfaçam critérios educativos, espaciais e temporais. A problemática (segundo bibliografias previamente aprendidas sobre o espaço escolar) foi operacionalizada, na presente investigação, através da variável independente: a disposição do espaço semifixo – o mobiliário – que a sala dispõe. Este, em nosso entender, juntamente com a metodologia dita o desenrolar da aula e a natureza dos exercícios propostos.

A experimentação contou com a variável dependente que se traduz na maximização da utilidade da disposição, quer seja pela racionalização do espaço e tempo ou pelo interesse demonstrado pelos alunos na realização das actividades exercidas. A variável independente, deste problema, está implícita na eficiência da gestão espacial e na postura do aluno na realização dos trabalhos propostos. Esta eficácia administrativa detém questões espaciais e temporais, às quais os professores recorrem no planeamento das suas aulas. Em nosso entender, a dimensão espacial e temporal caminham lado a lado para produzir planos produtivos de ensino-aprendizagem, pois temos conhecimento que uma má gestão pode traduzir-se no incumprimento de acções educativas e conteúdos programáticos.

A problemática suprecitada foi posta em acção durante as quinze aulas da Prática de Ensino Supervisionada, com noventa minutos de duração cada, com início no dia três de Fevereiro de 2011 e término a doze de Maio do mesmo ano.

Cada sessão inicia com a gestão do mobiliário (planeada segundo o Plano de Aula<sup>113</sup>), seguida pela apresentação e diálogo do exercício direccionado aos alunos para elaboração na decorrente aula, recorrendo à utilização de meios áudio-visuais<sup>114</sup>.

Os Planos de Aula detêm um papel fulcral na organização da nossa acitivdade profissional que individualmente, aula a aula, auxiliaram o traçar de um processo educativo contínuo e em consonância com o pretendido.

A recolha de dados partiu da descrição sumária de cada aula, realizada no final da sessão, contendo apontamentos sobre vantagens e desvantagens proporcionadas pela disposição em discussão enfatizando ilações produzidas pelos alunos durante a elaboração do Plano de Aula. Realizamos também um registo fotográfico para ilustrar a gestão no espaço da sala aula, juntamente com plantas da mesma<sup>115</sup>.

### 2.3.1. OBSERVAÇÃO DOS MODELOS NO ESPAÇO-APRENDIZAGEM

Neste segmento os modelos supracitados<sup>116</sup> são aplicados no âmbito do decorrer da PES (Prática de Ensino Supervisionada) no estágio profissional na disciplina de EEP (Expressão e Educação Plástica). Cada organização aplicada neste estudo possui reflexões (um dos instrumentos de recolha de dados) consoante a sua funcionalidade, racionalidade (espacial e temporal), metodologias e objectivos definidos nos Planos de Aula<sup>117</sup>. Durante as quinze sessões, com os vinte e dois elementos da turma do 3º Ano da Escola EB 1 de Vimioso, planeamos a gestão espacial com a injunção metodológica. *Esta interactividade é um dos aspectos mais importantes para desencadear boas aprendizagens. Mudar o aspecto geral da sala de acordo com as actividades a realizar é um bom ponto de partida*<sup>118</sup>.

---

<sup>113</sup> Consultar o Apêndice 1 e 2 (suporte digital no DVD (*Digital Versatile Disc*, em português, Disco Digital Versátil)).

<sup>114</sup> O recurso a apresentações em *PowerPoint*, preparados antecipadamente.

<sup>115</sup> A elaboração das plantas da sala de aula recorreu a um programa de desenho computadorizado, utilizado na criação de projetos arquitectónicos – o *AutoCAD* (*Computer Aided Design*, em português Desenho Auxiliado por Computador).

<sup>116</sup> Os modelos referidos na Revisão Bibliográfica, concretamente no ponto 2.2.3. Os Modelos de Gestão do Espaço-Aprendizagem.

<sup>117</sup> Consultar Apêndice.

<sup>118</sup> BAPTISTA, Isabel. (2005) – “*Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*”. Porto: Editora Profidições, Lda/ Jornal a Página, p. 76

Numa primeira aproximação ao estudo prático, partimos da organização que encontramos na sala na aula número um (observação) que possibilitou uma análise da turma e do próprio espaço que serviu de cenário para o nosso estágio.

A disposição do mobiliário desta sala<sup>119</sup> é um exemplo do que podemos encontrar na maior parte das salas de aula dos estabelecimentos educativos do Ensino Básico. Esta organização 'tradicional' manifesta-se na disposição das carteiras em filas e colunas (Ilustração 58) e segundo leituras já referidas, constatámos que esta disposição reflecte uma metodologia de carácter expositivo-interrogativo. Esta gestão sugere actividades individuais, como por exemplo, possibilita ao docente a realização de fichas e/ou testes de avaliação. Fizemos uso desta disposição quando pretendíamos a realização de trabalhos individuais, como foi o caso da aula número nove, dez e doze<sup>120</sup>.



Ilustração 58 – À esquerda a planta e à direita fotografia da sala do 3º Ano, com a organização 'tradicional'.

Ao longo das aulas em que aplicamos esta organização, implantamos as metodologias expositivas, demonstrativas e concluímos que é uma disposição capaz de se adaptar a estas. Contudo, assistimos a algumas situações onde a gestão não correspondeu ao previsto, o caso mais preocupante foi durante a realização de trabalhos individuais como por exemplo, a criação de um postal para o Dia do Pai e outro para o Dia da Mãe. Esta actividade baseia-se no

<sup>119</sup> Como podemos analisar a sala de aula possui um tipo de mobiliário específico (carteiras de dois lugares), mas se o mobiliário fosse individual (só de um lugar) a disposição seguiria o mesmo princípio: organização em filas e colunas.

<sup>120</sup> Consultar o Apêndice 1 – Plano de Aula número nove, dez e doze.

reaproveitamento de recortes (cartolinas, papel de embrulho, revistas, entre outros) na elaboração dos referidos postais e foi realizada nas aulas número: um, dois, nove, dez e doze. O material de suporte para os postais tinham que estar ao alcance de todos os vinte e dois alunos e nós optamos por colocar os recortes em mesas situadas no centro da sala. Tal decisão facilitou o acesso mas o espaço de circulação da organização em filas e colunas era muito requisitado.

Concluimos que realmente esta disposição é funcional em actividade que os alunos estão limitados ao uso da área da sua mesa de trabalho, mas quando se sugere algum tipo de circulação esta só pode ser realizada pelo docente e não pelos alunos. A simples actividade apelando aos alunos que visitem as mesas dos colegas (para ver os seus trabalhos) torna-se impraticável.



Ilustração 59 – Alunas a elaborar o postal do Dia do Pai.



Ilustração 60 – Partilha de opiniões.

Contudo, somos da opinião que na maioria das disciplinas esta organização será a mais apropriada, porém nas Artes é importante conhecer aspectos tecnológicos e práticos que apenas são visíveis quando os alunos veem os trabalhos dos colegas a serem produzidos. Como por exemplo o diálogo de opiniões sobre que imagens usar no postal para o Dia do Pai (Ilustração 60). Somos da opinião que a partilha de ideias e interagida pode ser abrangida em metodologias com objectivos de apropriação de conhecimentos gerais a nível individual, auxiliando assim a realização das actividades propostas.

Como opção à organização original, experimentamos a disposição em 'U' ou 'ferradura' (Ilustração 61). Aplicamos esta segundo situações de exposição de matéria, pois a atenção dos alunos está direccionada para a zona do quadro e no professor. Utilizamos-la quando pretendíamos visualizar uma apresentação em *PowerPoint*, seguida de um diálogo sobre o conteúdo em causa, onde elaborávamos questões orais às quais os alunos respondiam. Também analisamos a sua operacionalidade perante a execução de trabalhos práticos.

No início de cada Unidade Curricular, ou na introdução de novos exercícios, apostamos numa aula de exposição/motivação com a visualização de exemplos e diálogo sobre os mesmos. Nas primeiras duas aulas<sup>121</sup> optamos por dinamizar o espaço, após termos realizado (na aula número dois - intervenção) uma sessão de diálogo e apresentação onde a acção foi satisfatória, mas reparamos que nem todos os alunos estavam associados à aula.

Observamos que esta disposição detém um maior aproveitamento do espaço reservado à circulação que é menor na organização 'tradicional'. Tal facto é tindo em conta quando durante a exposição circulamos pelo exterior do 'U' e a acção foca-se apenas no quadro. Este factor pode ser vantajoso quando apresentamos um conjunto de slides em *PowerPoint* e controlamos a transição destes através de comandos sem fios.

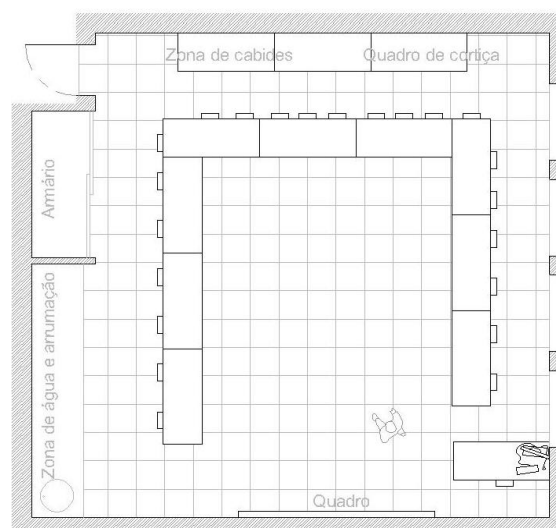


Ilustração 61 – Organização em 'U' ou ferradura.

Uma desvantagem que encontramos reporta a situações onde circulamos pelo interior da disposição e pontualmente, quando nos dirigimos a algum aluno, podemos ficar de costas para os restantes elementos da turma. Isto verificou-se quando elaboramos trabalhos práticos nesta organização, com o objectivo de analisar o desenrolar da acção educativa quando a metodologia passa de expositiva para demonstrativa. Temos presente que uma mudança na gestão do mobiliário

<sup>121</sup> Tal teve lugar nas aulas número três e número quatro que consistiam na visualização de apresentações em *PowerPoint*, respectivamente com os temas *Tommaso Masaccio* e *Pop Arte – Andy Warhol*.

significa dispendir algum tempo para a execução da nova disposição que consequentemente retira minutos valiosos para a realização do trabalho em causa.

Numa nova organização, segundo uma metodologia demonstrativa, recorreremos à disposição em filas horizontais. Esta era facilmente aplicada, tendo em conta que a sala de aula, antes e após a nossa aula, possuía organização em filas e colunas (aspecto tradicional).

Durante a utilização desta disposição do mobiliário<sup>122</sup> (Ilustração 62), tivemos algumas dificuldades em chegar perto dos alunos das filas do meio, mas demonstrou ser muito proveitosa na característica cooperativa que dispõe e sugere. Reparamos que quando estávamos a dar assistência a um aluno, devido à nossa indisponibilidade, os restantes procuravam o auxílio de outros colegas que estavam perto deles.

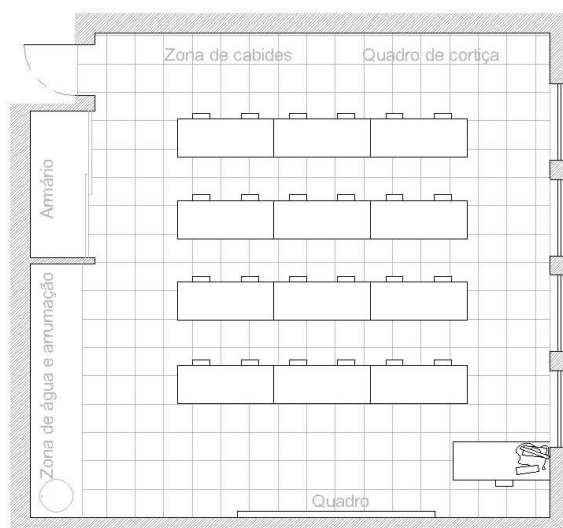


Ilustração 62 – Disposição em filas horizontais.

Após a desvantagem supracitada, decidimos que não seria posta à prática novamente, pelo facto de limitar a nossa circulação e consecutivo acesso aos alunos. Em suma, somos da opinião, que nesta disciplina é crucial o auxílio do docente e acompanhamento no processo da elaboração dos trabalhos, nos Planos de Aula esta organização foi alterada para a 'tradicional', visto ser a mais parecida entre as outras disposições tidas em conta.



Ilustração 63 – Alunos organizados segundo filas horizontais.

<sup>122</sup> Esta organização foi posta em prática na aula número onze. Consultar o Apêndice 1 (Tabela – Plano de Aula número onze).

Para uma estratégia de cooperação e elaboração de trabalhos em grupo, tentamos criar uma autonomia, nos alunos, na aquisição e verificação dos conhecimentos através da organização das mesas num grupo só (Ilustração 64).

Na aula número cinco propusemos a elaboração de um trabalho comum. Este resumia-se à coloração de um papel de cenário de grandes dimensões, onde estavam inscritos os contornos dos alunos da turma<sup>123</sup>. Tivemos em conta o facto de, consoante as situações, gerar novos grupos possibilitando uma interacção entre todos os alunos sem olhar a amizades e assim criar novos laços e relações intrapessoais. O ambiente na sala de aula deteve um cariz muito social e os alunos demonstravam muito interesse na acção dos outros colegas. Esta actividade pretendia proporcionar experiências cromáticas por motivação própria.

Um factor positivo foi o facto de os alunos experimentarem e constatarem os resultados de experiências cromáticas que os colegas elaboraram, através da reprodução do mesmo. Esta disposição permitiu-nos abdicar do espaço temporal previsto de exposição e demonstração do professor, que certamente não iria ter o mesmo impacto nos alunos. Daí a nossa escolha em prescindir da exposição e apostar numa actividade cooperativa.

A organização demonstrou-se eficaz, contudo temos consciência que mesmo se aplicássemos a metodologia expositiva não seria apropriada, pois alguns alunos ficariam inevitavelmente de costas para o quadro.

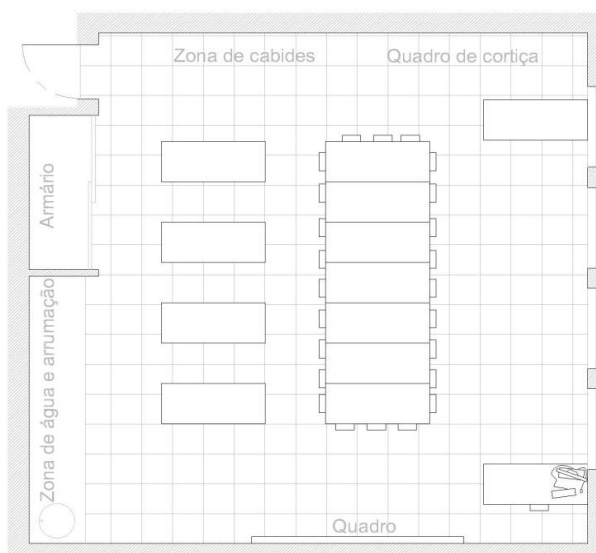


Ilustração 64 – Organização espacial da sala de aula durante o exercício 'O Corpo Humano'



Ilustração 65 – Ambiente na sala de aula.

<sup>123</sup> Esta organização foi posta em prática na aula número cinco. Consultar o Apêndice 1 – Tabela Plano de Aula número cinco.

A organização que se segue<sup>124</sup>, em nosso entender é a mais abrangente e a que melhor exerceu o objectivo para o qual foi aplicada. Esta disposição espacial, desenvolvida por *Lynn Newsome*, permite o recurso (numa primeira fase, Ilustração 66) a uma metodologia de exposição, demonstração e também de carácter interrogativo. Isto porque, na sua maioria, os alunos estão direccionados para a zona onde costuma ocorrer uma apresentação/esclarecimento; os mesmos detêm a possibilidade de realizar trabalhos de cariz individual e com a mesma gestão espacial, podem usufruir do auxílio do docente.

Também ponderamos a possibilidade de aplicar uma organização baseada nesta, mas encontramos limitações a nível da circulação e até das actividades a desenvolver<sup>125</sup>.

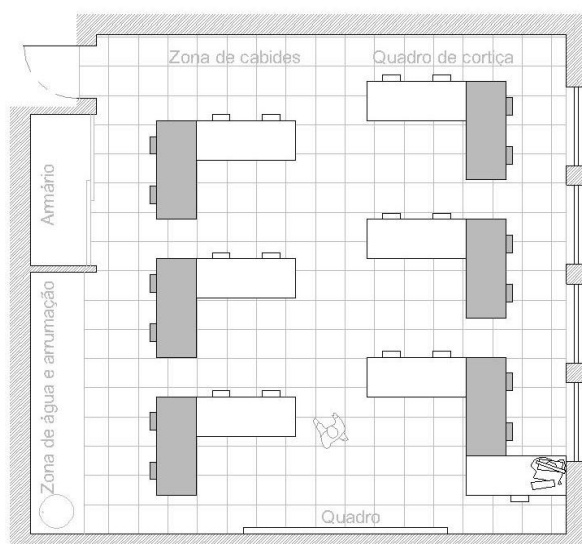


Ilustração 67 – Disposição empregue durante a demonstração do uso da régua.

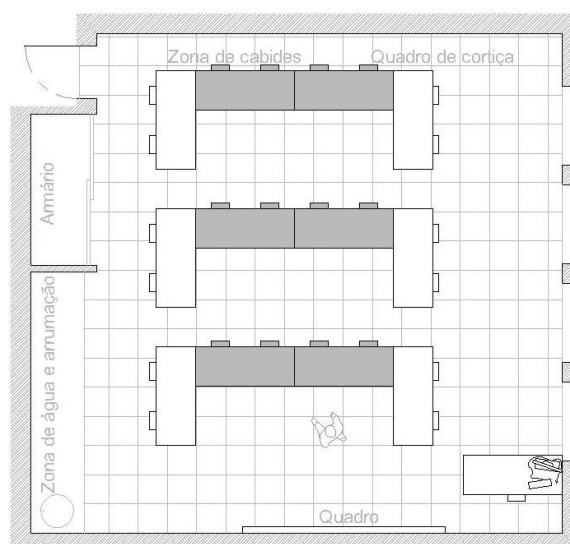


Ilustração 66 – Organização baseada na anterior.

Optamos, então por não incluir esta organização no estudo. Contudo, após ser analisada concluímos que se aproxima do modelo de filas horizontais mas detém uma melhoria na área de circulação. Porém, como não a aplicamos, não nos podemos alongar na sua análise e apenas cingir o presente estudo à organização em 'asa'. Esta disposição detém uma multifuncionalidade na aplicação de metodologias e nas propriedades das actividades propostas. Ganha relevância quando a organização sofre alterações que originam a segunda fase do mesmo modelo.

<sup>124</sup> Este modelo foi aplicado na aula número treze do estágio profissional – consultar Apêndice 1 – Tabela Plano de Aula número treze.

<sup>125</sup> Na Ilustração 67 observamos a união das mesas e com esta, a privação da possibilidade de elaborar actividades de carácter mais individual.

Através da alteração de apenas seis mesas podemos dispor o espaço segundo grupos de quatro alunos cada. Este modelo recorre mais uma vez à metodologia cooperativa e tem a vantagem de ser aplicada através da modificação do modelo anterior. Esta adaptação ocorre num curto intervalo de tempo. O que reserva mais espaço temporal à actividade lectiva e menos ao reajustamento do espaço para a metodologia tida em conta no planeamento da acção durante a aula.

Remetemos esta disposição para uma estratégia de entreaajuda dos alunos e autonomia pesquisadora, que é fundamental para a instrução e incentivo próprio da busca do conhecimento por pura curiosidade e não por imposição de uma figura, como a do professor.

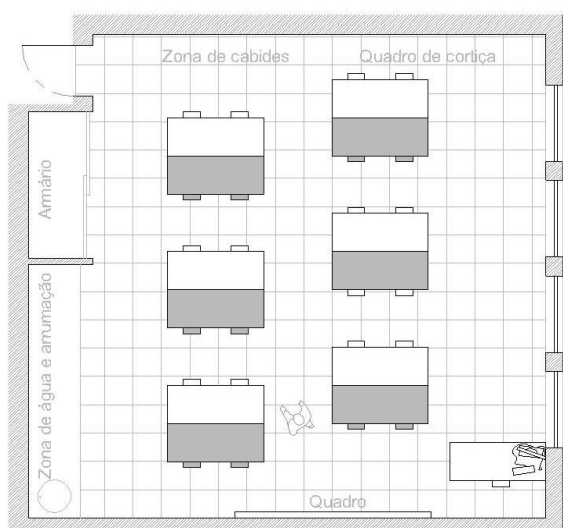


Ilustração 68 – Planta da sala de aula durante a elaboração da Capa.



Ilustração 69 – Ambiente de trabalho na execução das capas.

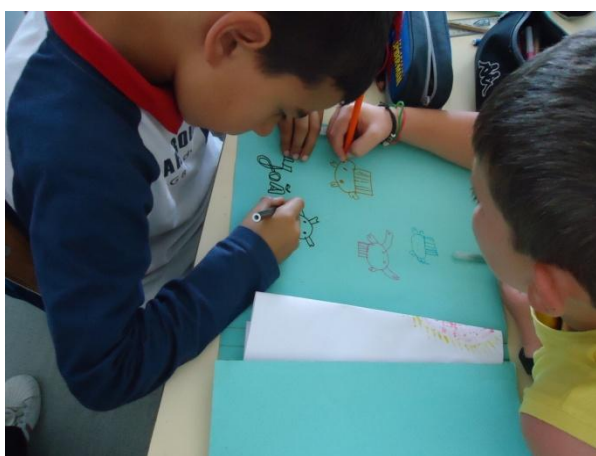


Ilustração 70 – Cooperação na elaboração do trabalho.



Ilustração 71 – Alunos a realizar o exercício.

## 2.4. RESULTADOS

Somos da opinião que a organização do espaço influencia atitudes e comportamentos, contudo ainda nenhum ensaio demonstrou uma relação entre a disposição do mobiliário e o rendimento dos alunos. Como por exemplo, o estudo de Horowitz e Otto, no ano de 1973, não revelou diferenças no rendimento dos alunos que *fizeram um curso numa sala de aula tradicional* e os que o fizeram *numa sala de aulas alternativa com painéis móveis e assentos confortáveis e flexíveis*, este estudo comprovou sim as diferenças no comportamento dos alunos, *onde a taxa de presenças era maior, assim como a coesão do grupo, a participação na sala de aula alternativa*<sup>126</sup>. Antes de avançar com os resultados, é importante focar que, independentemente da organização, *é preciso que os espaços estejam dispostos em função das crianças*<sup>127</sup>, das suas necessidades e requisitos. É por elas que exercemos a profissão docente.

No que diz respeito à problemática da Gestão do Espaço-Aprendizagem, reflectimos que cada organização, detém o seu grupo de regras definidas e que estas devem ser alvo de esclarecimento no início de cada nova introdução organizacional. Em nosso entender A Gestão do Espaço-Aprendizagem deve acontecer antes de executar a actividade para a qual foi elaborada, daí a nossa preocupação em planear toda a nossa acção educativa de forma coerente e racional.

Tendo isto presente expomos um quadro comparatístico dos modelos de gestão do espaço (Tabela 6) postos em prática no estágio profissional na disciplina de EEP, realizada no âmbito da PES. Este quadro detém campos, que foram ao longo da aplicação da gestão espacial, importantes para a avaliação de desempenho de cada um. Um primeiro ponto de comparação é precisamente o tipo de metodologias capazes de serem aplicadas, seguidamente ponderamos a natureza da actividade que pode ser de cariz individual ou colectivo. Por último, analisamos a circulação, ou seja, a área reservada para a mobilidade e o tempo médio necessário para cada organização e aplicação do modelo de gestão espacial.

---

<sup>126</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”, p.88. Os comportamentos que foram alvo de estudos até à data, incluem eram *a taxa de presenças, a atenção, os níveis de participação, os padrões de movimento dos alunos, as interações aluno-aluno e a coesão do grupo.*

<sup>127</sup> ZABALZA, Miguel. (1998) – “*Qualidade em Educação Infantil*”. Porto Alegre: Artmed, p. 262



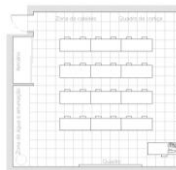
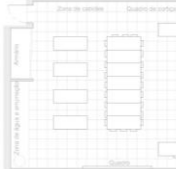

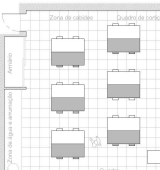
Modelos de Gestão do Espaço-Aprendizagem	Metodologia			Actividade		Circulação			Tempo médio de aplicação
	Expositiva	Demonstrativa	Interrogativa	Individual	Colectiva	Satisfatória	Razoável	Limitada	
 <p>Filas e Colunas</p>	X	X	X	X			X		Organização original
 <p>U ou Ferradura</p>	X	X			X	X			5 minutos
 <p>Filas Horizontais</p>	X	X	X		X			X	2 minutos
 <p>Um Grupo só</p>		X	X		X	X			5 minutos
 <p>Disposição em 'Asa'</p>	X	X	X	X		X			3 minutos
 <p>Grupos de Quatro</p>		X	X		X	X			3 minutos

Tabela 6 – Quadro de comparação dos modelos da Gestão do Espaço-Aprendizagem.

Em seguida realizamos uma reflexão crítica onde interpretamos a Tabela 6, com considerações de todos os modelos supracitados. Em primeiro lugar a disposição Filas e Colunas reflecte uma organização mais tradicional, onde a atenção está conduzida para uma única direcção, daí a nossa aplicação da metodologia explicativa deste modelo espacial. A interacção entre os alunos é pouca, logo deve ser aplicada em função da elaboração de trabalhos de cariz mais individual. Esta organização possibilita uma eficaz circulação que se traduz no fácil auxílio e acompanhamento do trabalho do aluno pelo professor. Como já foi referido, esta disposição é a inicial da sala de aula e serviu de ponto de partida na aplicação de todas as outras, daí não possuir um tempo médio de aplicação.

No modelo em U, ou Ferradura, somos da opinião que apenas a metodologia interrogativa não será a mais aconselhada. Esta disposição explora a partilha de opiniões (actividade colectiva) e a acção centra-se no meio da sala de aula. Optamos por eleger as metodologias de exposição e demonstração como as mais apropriadas nesta organização, pois a acção educativa tende a ser realizada precisamente nesta zona. A área de circulação é satisfatória, o docente detém um acesso rápido a todos os alunos.

A formação em Filas Horizontais abrange todas as metodologias, por nós aplicadas, contudo está limitada a exercícios de carácter mais colectivo do que individual. A circulação é diminuta e torna-se quase impossível supervisionar o trabalho dos alunos situados no centro, contudo é um modelo de rápida aplicação.

Contudo, se apostamos numa aprendizagem onde a cooperação é a acção central, com actividades que desafiam os grupos e impliquem uma comunicação eficaz, a opção ao recurso do agrupamento do mobiliário é, sem dúvida o mais adequado. *Criar um clima de entreajuda e de cooperação na sala de aula funciona quer a nível humano, quer a nível das aprendizagens curriculares*<sup>128</sup>. Na opção de realizar uma actividade colectiva, que envolva toda a turma, a disposição num Grupo Só é a mais aconselhada. A área de circulação é satisfatória e temos uma constante percepção do trabalho elaborado e as suas fases de execução. Esta gestão pode facilmente ser aplicada pelos próprios alunos, desde que seja planeada e exposta o conjunto de normas de trabalho durante cada disposição.

---

<sup>128</sup> SANCHES, Isabel. (2001) – “*Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*”. Porto: Porto Editora, p. 84

Em todas as aulas que planeamos a alteração da gestão do espaço-aprendizagem, tivemos a preocupação de exercer as devidas alterações antes de iniciar o período da aula, com o propósito de cronometrar o tempo necessários para a adaptação da organização, tendo como ponto de partida a organização tradicional (Filas e Colunas).

O único modelo aplicado pelos alunos foi precisamente o eleito por nós como o mais versátil e funcional, desenvolvido por Lynn Newsome (Ilustração 72). Este possui um carácter adaptável que transforma uma organização cooperativa numa de exposição/interrogativa e *vice-versa*, num curto intervalo de tempo (aproximadamente 3 minutos). Esta disposição pode facilitar e alargar experiências do processo de aprendizagem.



Ilustração 72 – Modelo desenvolvido por Lynn Newsome.

## 2.5. CONCLUSÕES

Actualmente devido ao contexto da nossa actividade *desenham-se no horizonte complexidades que justificam novas responsabilidades profissionais, que convidam a uma nova forma de viver a profissão, ancorada num consistente compromisso ético*<sup>129</sup>. Estas novas responsabilidades defendem a nossa posição perante a forma como planeamos, organizamos e utilizamos o espaço físico de um espaço-aprendizagem, nomeando assim um modelo educativo próprio aliado a uma intencionalidade- maximização dos recursos que temos disponíveis, como por exemplo a modificação do espaço através de diferentes disposições do mobiliário.

Somos da opinião que *a maneira como o espaço é gerido tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos (...) embora os professores não controlem a quantidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de acção no que diz respeito à sua gestão*<sup>130</sup>. Tudo depende dos contextos, circunstâncias, dimensão e características das actividades e dos seus intervenientes. Estes últimos detêm opinião e postura perante a gestão do mobiliário, alguns dos profissionais podem não concordar mas somos da opinião que a gestão do espaço-aprendizagem pode *influenciar o tempo de aprendizagem escolar e, dessa forma, a aprendizagem dos alunos*<sup>131</sup>.

O professor detém uma missão decisiva, enquanto *arquitecto de um futuro que se deseja mais justo, mais solidário, confirmado que o encontro humano daquele que ensina fará a diferença, através do reforço positivo, marcado pelo diálogo, pela relação, pelo exemplo e pela sua singularidade*<sup>132</sup>. Podemos afirmar que a gestão espacial afecta a dinâmica comunicativa e o comportamento dos alunos em geral. Como observamos os elementos da turma localizados na Zona de Acção em particular, *obtem mais atenção do que os outros sentados noutros lugares*<sup>133</sup>. As causas apontadas para tal acontecimento vão desde a importância do contacto visual entre professor/aluno, até às características dos alunos (se forem interessados e curiosos, tendem a procurar um lugar perto do professor).

---

<sup>129</sup> SILVA, Evangelina. (2011) – “*Professores e escolas: Imagem social e desafios de profissão*”. Lisboa: Fonte da Palavra, p. 209

<sup>130</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”. Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.85

<sup>131</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”. Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.93

<sup>132</sup> SILVA, Evangelina. (2011) – “*Professores e escolas: Imagem social e desafios de profissão*”. Lisboa: Fonte da Palavra, p. 209

<sup>133</sup> ARENDS, Richard. (1995) – “*Aprender a Ensinar*”. Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal, p.96

O certo é que a Gestão do Espaço-Aprendizagem tem repercursões nos alunos e torna-se cada vez mais imperativo que o educador se interrogue sobre quais as finalidades educativas dos espaços e de todos os recursos existentes nestes, de modo a poder planear e fundamentar as razões da sua organização.

Encaramos que este estudo expressa, através da organização e utilização diversificada do espaço-aprendizagem, intenções educativas merecedoras de consideração. Esperamos que esta nossa investigação auxilie a tomada de consciência que a gestão e organização do espaço-aprendizagem merece.

Concluimos que a gestão espacial, quando tida em conta na aplicação das inúmeras metodologias existentes e actividades cognitivas, facilita a prática docente e consequentemente a própria aplicação metodológica diferenciada. Os modelos por nós expostos podem não comprovar cientificamente modificações a nível da aquisição de conhecimentos por parte dos alunos, porém valoriza e cria ambientes propícios à perspectiva do desenvolvimento e adaptação dos estudantes a situações inovadoras que suscitam o interesse na elaboração de actividades diversificadas.

Em suma, este relatório permitiu-nos analisar, estudar, aplicar e comparar modelos de gestão do espaço-aprendizagem quanto à sua performance, segundo aspectos metodológicos, características das actividades propostas, gestão espacial da área de circulação e, por último, intervalo temporal da aplicação. Todos estes campos comparatísticos ajudaram-nos a permear um modelo flexível como o mais propício a ser aplicado no decorrer da nossa prática profissional.

O modelo desenvolvido por Lynn Newsome permite aplicar todas as metodologias postas em prática e produzir todo o tipo de actividades, individuais ou colectivas. Afirmamos que esta gestão do espaço-aprendizagem abrange todo um mundo de possibilidades que enriquecem a experiência cognitiva do aluno e a nossa prática como docentes, através da diversificação de acções por nós proporcionadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. (2001). *Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Porto: Edições Asa, pp.80-92

ARENDS, Richard. (1997). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Mcgraw-Hill de Portugal.

BAPTISTA, Isabel. (2005). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*. Porto: Editora Profidições, Lda/ Jornal a Página, pp. 94-115

GARCIA, Carlos Marcelo. (1999). *Formação de professores: Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, pp. 27-119

HALL, Edward. (1986). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d' Água, p. 121

JANUÁRIO, Carlos. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Livraria Almedina, pp. 10-195

LOWENFELD, Viktor (1957). *Desarrollo de la capacidad creadora*. 2ª Edição. Buenos Aires: Editorial Kapelusz S.A., pp. 20-23

NÉRCI, Imídio. (1987). *Metodologia do ensino*. São Paulo: Editora Atlas, S.A., p.248

RIBEIRO, António & RIBEIRO, Lucie (Orgs.). (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

NÓVOA, António. (1995). *Vidas de Professor*. 2ª Edição. Porto: Porto Editora, pp. 16-17

PORTUGAL, Gabriela. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: CIDINE p. 37-40

SILVA, Evangelina Bonifácio. (2011). *Professores e escolas: Imagem social e desafios de profissão*. Lisboa: Fonte da Palavra, pp. 67-79; pp. 205-209

SANCHES, Isabel. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

ROLDÃO, Maria do Céu. (1999). *Gestão Curricular - Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, p.24

ROSAS, Fernando, (1990). *Nova História de Portugal - Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 456-519

TÁVORA, Fernando. (1996). *Da organização do espaço*. Porto: Publicações FAUP, pp.1-12

ZABALAZA, Miguel. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, pp.10-262

## LEGISLAÇÃO

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1998). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 95 - 103

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística*. Lisboa: Ministério da Educação, p. 149 – 163

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1991). *Organização Curricular e Programas Do 2º Ciclo – Ensino Básico 2º Ciclo (vol. I)*. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 195

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (1991). *Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização do Ensino-aprendizagem – Ensino Básico 2º Ciclo (vol. II)*. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 7 – 39

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Tecnológica*. Lisboa: Ministério da Educação, p. 191 – 215

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (2001). *Educação Tecnológica – 3º Ciclo do Ensino Básico Orientações Curriculares 7º e 8º Anos*. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 3 – 30

RAMOS, Elisa & PORFÍRIO, Manuel. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, *Ministério Da Educação. (2003). Orientações Curriculares – Educação Tecnológica 9º Ano 3º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário, p. 3 – 41

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d.). *Educação Visual, Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual 3º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação, p. 1 – 9

## DOCUMENTOS EM LINHA

DIÁRIO DA REPÚBLICA. (1978). *Declaração Universal dos Direitos do Homem de 10 de Dezembro de 1948*, pp. 489 – 193 Arquivo consultado em 2 de Dezembro de 2010. Retirado de <http://dre.pt/util/pdfs/files/dudh.pdf>

MACHADO, Maria de Fátima Carneiro. (s.d.). *Gestão e Organização da Sala de Aula*. Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010. Retirado de [http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8\\_33.htm](http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo8/elo8_33.htm)

*Notas sobre o Mobiliário escolar em Portugal no século XX*. Arquivo consultado em 11 de Dezembro de 2010. Retirado de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/mobiliario/hfe.htm>

**ANEXOS**



**ANEXO 1 – DIÁRIO DA REPÚBLICA**



ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade.

2 — A maternidade e a infância têm direito a ajuda e a assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimónio, gozam da mesma protecção social.

#### ARTIGO 26.º

1 — Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.

2 — A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

3 — Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos.

#### ARTIGO 27.º

1 — Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.

2 — Todos têm direito à protecção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria.

#### ARTIGO 28.º

Toda a pessoa tem direito a que reine, no plano social e no plano internacional, uma ordem capaz de tornar plenamente efectivos os direitos e as liberdades enunciados na presente Declaração.

#### ARTIGO 29.º

1 — O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade.

2 — No exercício destes direitos e no gozo destas liberdades ninguém está sujeito senão às limitações estabelecidas pela lei com vista exclusivamente a promover o reconhecimento e o respeito dos direitos e liberdades dos outros e a fim de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar numa sociedade democrática.

3 — Em caso algum estes direitos e liberdades poderão ser exercidos contrariamente aos fins e aos princípios das Nações Unidas.

#### ARTIGO 30.º

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada de maneira a envolver para qualquer

Estado, agrupamento ou indivíduo o direito de se entregar a alguma actividade ou de praticar algum acto destinado a destruir os direitos e liberdades aqui enunciados.

## UNIVERSAL DECLARATION OF HUMAN RIGHTS

### Preamble

Whereas recognition of the inherent dignity and of the equal and inalienable rights of all members of the human family is the foundation of freedom, justice and peace in the world,

Whereas disregard and contempt for human rights have resulted in barbarous acts which have outraged the conscience of mankind, and the advent of a world in which human beings shall enjoy freedom of speech and belief and freedom from fear and want has been proclaimed as the highest aspiration of the common people,

Whereas it is essential, if man is not to be compelled to have recourse, as a last resort, to rebellion against tyranny and oppression, that human rights should be protected by the rule of law,

Whereas it is essential to promote the development of friendly relations between nations,

Whereas the peoples of the United Nations have in the Charter reaffirmed their faith in fundamental human rights, in the dignity and worth of the human person and in the equal rights of men and women and have determined to promote social progress and better standards of life in larger freedom,

Whereas Member States have pledged themselves to achieve, in co-operation with the United Nations, the promotion of universal respect for and observance of human rights and fundamental freedoms,

Whereas a common understanding of these rights and freedoms is of the greatest importance for the full realization of this pledge,

Now, therefore,

### The General Assembly

proclaims this Universal Declaration of Human Rights as a common standard of achievement for all peoples and all nations, to the end that every individual and every organ of society, keeping this Declaration constantly in mind, shall strive by teaching and education to promote respect for these rights and freedoms and by progressive measures, national and international, to secure their universal and effective recognition and observance, both among the peoples of Member States themselves and among the peoples of territories under their jurisdiction.

### ARTICLE 1

All human beings are born free and equal in dignity and rights. They are endowed with reason and conscience and should act towards one another in a spirit of brotherhood.



## **ANEXO 2 – PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES**





### PLANO DE ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO CURRICULAR DE EXPRESSÕES 2010/2011 – 1/2

Onteúdos Temáticos	Objectivos específicos	Actividades	Dinamização Organização	Destinatários	Data
Comemoração do dia de S. Martinho (Magusto)	Preservar as tradições; Desenvolver a criatividade e o espírito crítico;	Exposição de cartazes sobre o Magusto, realizados pelos alunos.	Departamento de Educação Expressões Alunos e Comunidade Educativa	Alunos; Professores Comunidade Educativa	11 de Novembro
Natal (1.º período)	Desenvolver a criatividade e o espírito crítico; Favorecer/desenvolver um bom relacionamento interpessoal e de grupo; Promover valores.	Distribuição pela comunidade escolar de postais de Natal, elaborados pelos alunos. Decoração dos espaços escolares.	Departamento de Expressões Alunos Comunidade Educativa	Alunos; Professores Comunidade Educativa; Enc. Educação	Dezembro
Dia Internacional da Pessoa com Deficiência	Sensibilizar e mobilizar os alunos para os direitos humanos e igualdade de oportunidades, em particular no que respeita às pessoas com deficiência; Promover a capacidade de trabalhar em equipa, numa perspectiva de abertura à mudança à diversidade, à diferença e ao exercício de uma cidadania activa; Melhorar as capacidades de comunicação escrita e oral utilizando suportes diversos nomeadamente as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); Utilizar diferentes tecnologias de informação na pesquisa de elementos relevantes, saber procurar sistematizar e avaliar a pertinência da informação;	Elaboração de um painel alusivo ao dia internacional da pessoa com deficiência "Mãos todas iguais todas diferentes," Exposição de cartazes elaborados pelos alunos, sobre pessoas famosas com deficiência em várias áreas; Visualização de um filme sobre pessoas que se destacaram em diferentes áreas apesar das suas limitações.	Departamento de Expressões; Núcleo de Educação Especial e restantes Alunos do Agrupamento	Alunos do Agrupamento;	3 de Dezembro
Carnaval (2.º período)	Preservar as tradições; Promover o intercâmbio e o convívio entre alunos, crianças, pessoal docente e não docente do Agrupamento; Desenvolver a criatividade	Desfile de Carnaval com máscaras realizadas pelos alunos.	Departamento de Expressões Alunos e Comunidade Educativa	Alunos; Professores Comunidade Educativa; Enc. Educação	Março



**PLANO DE ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO CURRICULAR DE EXPRESSÕES 2010/2011 – 2/2**

Conteúdos Temáticos	Objectivos específicos	Actividades	Dinamização Organização	Destinatários	Data
<b>Dia mundial Da criança</b>	<p>Conhecer os direitos humanos;                      Conhecer os direitos da criança;                      Alertar para possíveis perigos.                      Animação e actividades lúdicas</p>	<p>Animação e actividades lúdicas</p>	<p>Departamento de Expressões; Alunos e Comunidade Educativa</p>	<p>Alunos</p>	<p>1 de Junho</p>
<b>Semana cultural (3.º período)</b>	<p>Desenvolver o sentido estético e criativo do aluno;                      Desenvolver a sociabilidade e o trabalho em equipa;                      Fomentar o espírito de solidariedade;                      Interiorizar os valores de colaboração e responsabilidade;                      Desenvolver a autonomia do aluno;                      Promover actividades que permitam uma participação dos Encarregados de Educação e outros, na vida escolar como verdadeira forma de parceria educativa;                      Promover o convívio, a autonomia e o espírito de grupo;                      Promover a participação do Agrupamento de Escolas e da Comunidade na construção de uma "Sociedade para Todos"                      Promover a criatividade;                      Desenvolver o gosto pelo manuseamento e aproveitamento de materiais.</p>	<p>Exposição dos trabalhos dos alunos;                      Teatro de Fantoches. (A incluir na festa de encerramento das actividades da escola                      Exposição.</p>	<p>Departamento de Expressões; Alunos; Comunidade Educativa; Equipa de Saúde Escolar;                      Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vimioso e Câmara Municipal de Vimioso</p>	<p>Alunos;                      Comunidade Educativa e Comunidade em geral</p>	<p>Última Semana de aulas</p>
<b>A escola e a sociedade inclusiva</b>	<p>Sensibilizar e mobilizar os alunos para a participação na superação da discriminação de que são alvo as pessoas com deficiência;                      Sensibilizar e mobilizar os alunos para os direitos humanos e igualdade de oportunidades, em particular no que respeita às pessoas com deficiência;                      Promover a participação do Agrupamento de Escolas e da comunidade na construção de uma "Sociedade para Todos"</p>	<p>Elaboração de trabalhos em vários materiais.                      - Exposição.</p> <p>Colóquio.</p>	<p>Clube de oficina de (expressão plástica) Prof. João Possacos.</p> <p>Departamento de Expressões; Núcleo de Educação Especial; Alunos; Equipa de Saúde Escolar; Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e Câmara Municipal</p>	<p>Alunos inscritos e Comunidade educativa</p> <p>Alunos e Comunidade Educativa</p>	<p>Ao longo do ano</p> <p>3º Período</p>

## Expressões

Atividade	Início	Fim	Período
<b>PC</b>			
37 Megasprinter	16-11-2011	16-11-2011	1º período
40 Exposições temporárias nos expositores da escola "vitrinas"			2º 3º período
42 Elaboração de elementos decorativos para o Natal	25-10-2011	12-12-2011	1º período
43 Decorações de Natal	02-11-2011	12-12-2011	1º período
44 Mascarate	04-11-2011	24-11-2011	1º período
47 Pintar Montesinho			3º período
49 Corta-Mato Escolar	19-10-2011	19-10-2011	1º período
50 Megasprint	16-11-2011	16-11-2011	1º período
52 Torneio Inter turmas de Ténis de Mesa	04-01-2012	29-02-2012	2º período
53 Torneio Inter-Escolas de Voleibol	16-12-2011	16-12-2011	1º período
54 Torneio Interturmas de futsal	04-01-2012	31-03-2012	2º período
55 4ª Challenge Escolar da Cidade de Bragança	21-03-2012	21-03-2012	2º período
57 Torneio Interturmas de Badminton	23-05-2012	23-05-2012	3º período
58 Torneio Interturmas de Basquetebol 3x3	06-06-2012	06-06-2012	3º período
61 Gala das Escolas	26-05-2012	26-05-2012	3º período
<b>PE</b>			
38 Visita de estudo a Barcelona com as turmas de nonos anos	28-03-2012	02-04-2012	2º período
39 Organização de um Workshop com a pintora Balbina Mende			2º período
41 Saídas ocasionais com as turmas a eventos/espços culturais			2º 3º período
45 Teatro da escola	24-09-2011	24-05-2012	1º 2º período
46 Gala da escola		26-05-2012	2º período
48 Passeio Convívio a Montesinho	15-10-2011	15-10-2011	1º período
51 Magusto	18-11-2011	18-11-2011	1º período
56 Peddy Paper	23-03-2012	23-03-2012	2º período
59 Passeio a Quintanilha	01-06-2012	20-07-2012	3º período
60 Ceia de Natal	19-12-2011	19-12-2011	1º período
62 Dia da Escola	23-03-2012	23-03-2012	2º período



**ANEXO 3 – FOLHAS DE PRESENÇAS**





INSTITUTO POLITÉCNICO Escola Superior de Educação  
DE BRAGANÇA

	2º e 3º Semestres   Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico Edição 2010/2012 (2º Curso)		Tipo	Total Horas	Horas de Contacto			ECTS	
					E	OT	O		
Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionado			AV	A	972	200	242	20	36
Supervisor responsável pela unidade curricular - Professor Coordenador Luis Manuel Leitão Canotilho									
Professor Cooperante: <b>Nuno Horácio Afonso Alves</b>									
Expressão e Educação Plástica	X	Educação Visual e Tecnológica		Educação Visual		Educação Tecnológica			

### Folha de Presenças do aluno (a)

Nome do aluno: <b>Maria Margarida Pires</b>		
Data: <u>20 / 1 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	1
Data: <u>27 / 1 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	2
Data: <u>3 / 2 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	3
Data: <u>10 / 2 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	4
Data: <u>17 / 2 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	5
Data: <u>24 / 2 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	6
Data: <u>3 / 3 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	7
Data: <u>10 / 3 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	8
Data: <u>17 / 3 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	9
Data: <u>24 / 3 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	10
Data: <u>31 / 3 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	11
Data: <u>7 / 4 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	12
Data: <u>28 / 4 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	13
Data: <u>5 / 5 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	14
Data: <u>12 / 5 / 2011</u>	Assinatura: <u>Maria Margarida Barros</u>	15

Professor Cooperante:  
Data: 12 / 05 / 2011

Nuno Horácio Afonso Alves



	2º e 3º Semestres   Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico Edição 2010/2012 (2º Curso)	d'AV departamento artes visuais	Tipo	Total Horas	Horas de Contacto			ECTS
					E	OT	O	
<b>Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionado</b>		AV	A	972	200	242	20	36
Supervisor responsável pela unidade curricular - Professor Coordenador Luís Manuel Leitão Canotilho								
Professor Cooperante: <b>Manuela Rocha</b>								
Professor Cooperante: <b>João Possacos</b>								
Expressão e Educação Plástica		Educação Visual e Tecnológica		X	Educação Visual		Educação Tecnológica	

Folha de Presenças do aluno (a)

Nome do aluno: <b>Maria Margarida Pires Barros</b>		
Data: <u>08/02/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	1
Data: <u>11/02/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	2
Data: <u>15/02/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	3
Data: <u>18/02/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	4
Data: <u>22/02/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	5
Data: <u>25/02/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	6
Data: <u>01/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	7
Data: <u>04/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	8
Data: <u>11/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	9
Data: <u>15/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	10
Data: <u>18/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	11
Data: <u>22/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	12
Data: <u>25/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	13
Data: <u>29/03/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	14
Data: <u>01/04/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	15
Data: <u>05/04/2011</u>	Assinatura: <i>Maria Margarida Barros</i>	

Professores Cooperantes:

Data: 05/04/2011

*Manuela Leitão Canotilho*

*João Possacos*



	2º e 3º Semestres   Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico Edição 2010/2012 (2º Curso)	d'AV departamento artes visuais	Tipo	Total Horas	Horas de Contacto			ECTS	
					E	OT	O		
<b>Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionado</b>			AV	A	972	200	242	20	36
Supervisor responsável pela unidade curricular - Professora Coordenadora Maria Cristina Afonso Magalhães									
Professor Cooperante: <b>Adriano Pereira</b>									
Expressão e Educação Plástica		Educação Visual e Tecnológica		Educação Visual		Educação Tecnológica		X	

Folha de Presenças da aluna

Nome do aluno: <b>Maria Margarida Pires Barros</b>	
Data: 03/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 05/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 10/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 12/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 17/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 19/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 24/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 26/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 31/01/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 02/02/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 07/02/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 09/02/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 14/02/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 16/02/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>
Data: 23/02/2012	Assinatura: <i>Maria Barros</i>

Professor Cooperante:  
Data: 23/02/2012



	2º e 3º Semestres   Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico Edição 2010/2012 (2º Curso)	d'AV departamento artes visuais	Tipo	Total Horas	Horas de Contacto			ECTS	
					E	OT	O		
Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionado			AV	A	972	200	242	20	36
Supervisor responsável pela unidade curricular - Professora Coordenadora Maria Cristina Afonso Magalhães									
Professor Cooperante: <b>Maria José de Sousa</b>									
Expressão e Educação Plástica	Educação Visual e Tecnológica	Educação Visual	X	Educação Tecnológica					

Folha de Presenças da aluna

Nome da aluna: <b>Maria Margarida Pires Barros</b>	
Data: 28 / 02 / 2012	Assinatura:
Data: 01 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 06 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 08 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 13 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 15 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 20 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 22 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 27 / 03 / 2012	Assinatura:
Data: 10 / 04 / 2012	Assinatura:
Data: 12 / 04 / 2012	Assinatura:
Data: 17 / 04 / 2012	Assinatura:
Data: 19 / 04 / 2012	Assinatura:
Data: 24 / 04 / 2012	Assinatura:
Data: 26 / 04 / 2012	Assinatura:

Professor Cooperante:

Data: 26 / 04 / 2012

## APÊNDICES



## **APÊNDICE 1 – EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA**



Tabela - Plano de aula 1

<b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso 1º Ciclo   Expressão e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros <b>Identificação Pedagógica:</b> Aula de observação   data 20-01-2011	
Áreas de exploração	Resultados de Aprendizagem
Aula de observação	

Tabela - Plano de aula 2

<b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso 1º Ciclo   Expressão e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros <b>Identificação Pedagógica:</b> Aula de intervenção   data 27-01-2011	
Áreas de exploração	Resultados de Aprendizagem
Aula de intervenção  Método expositivo e interrogativo.  Será realizada a apresentação dos alunos e nossa, pretendemos saber os seus gostos e trabalhos que mais gostaram de realizar com o intuito de continuar a motivar os alunos para uma experiência enriquecedora e satisfatória ao nível de expressão individual e colectiva. Nesta aula também ficará definido o tema e o traje de Carnaval de cada aluno. E também serão tiradas fotografias a todos os alunos para um exercício futuro.  <b>1 – Recursos:</b> Quadro e material riscador do quadro  <b>2 - Fases da aula:</b> 10m – Preparação para o início da aula. 15m – Apresentação de cada aluno, com o intuito de conhecer o seu nome e também gostos pessoais: qual é o hobby preferido e se gostam da disciplina. 10m – Apresentação e diálogo sobre o nosso projecto. 15m – Elaboração de um brainstorming, com o tema do Carnaval, com o objectivo de enunciar o tema dos fatos que iram ser criados pelos alunos. Tal tema irá ser incorporado no trajes que no dia agendado para o desfile, que terá lugar na Vila de Vimioso, e também será alvo de um concurso realizado no Pavilhão Multiusos da mesma localidade. 20m – Definição do tema, de entre os enunciados pelos alunos no brainstorming. 20m – Conclusão da aula, com a enunciação de materiais que serem necessários para as futuras aulas de Expressão e Educação Plástica.	

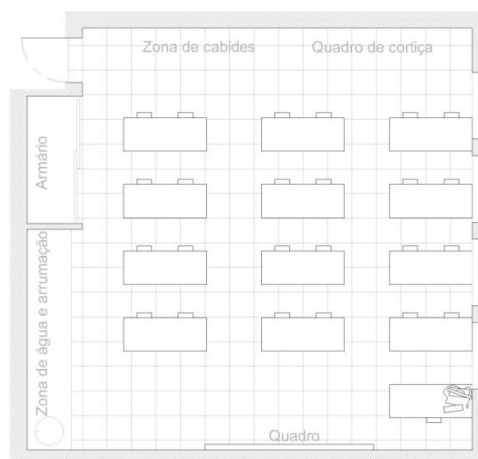
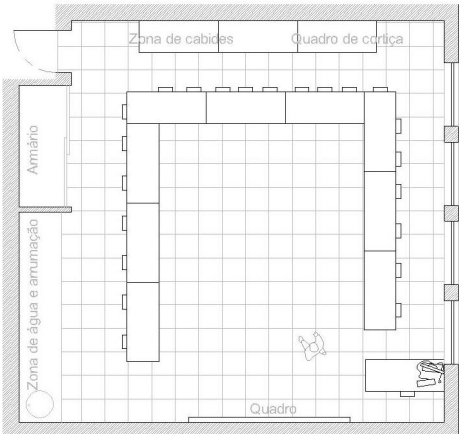


Tabela - Plano de aula 3

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr. e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Traje de Carnaval'   nº6 aulas previstas   nº2 de aula   data 10-02-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>- Desenho e Pintura</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>O contorno do rosto e com este apreensão de aspectos que são fruto da observação do rosto, que o incorporam para serem representados no desenho.</b></p>
<p>Método expositivo e demonstrativo.</p> <p>Iniciamos a aula com uma breve introdução de variadas representações de rostos (desenho de frente, lado e de perfil). Com a apresentação do PowerPoint sobre o pintor Tommaso Masaccio, procuramos motivar os alunos na descoberta da representação do rosto humano. A primeira fase do exercício proposto procura, através do contorno do rosto de colegas, com a ajuda da luz do projector a luz produzida pelo colega auxilia o desenho do limite da sombra. Esta fase irá ocorrer no quadro, onde o suporte de papel é fixo ao mesmo, para na fase seguinte ser trabalhado no lugar, onde será concluído e colorido. Nesta fase os alunos têm que preencher o contorno com os elementos que pertencem ao rosto em perfil, como um olho, narina e metade da boca. Aqui é fundamental a apreensão da observação realizada quando olham para o colega e tentam recriar estes elementos no seu desenho. Cada retrato é então concluído de forma a representar uma expressão gráfica muito pessoal.</p>	
	
<p><b>1 – Recursos:</b>          Computador, Programa informático Expressão e Educação Plástica – 1ºCiclo, data show, retroprojector, papel branco, fita-cola, lápis de grafite ou marcador, lápis de cor ou outro material para colorir o exercício.</p> <p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          10m – Apresentação de um PowerPoint sobre o Pintor Tommaso Masaccio – o rosto de perfil.          Recurso ao programa informático interactivo de Expressão e Educação Plástica para o 1º Ciclo – selecção da actividade 'Luz e Sombra', para exemplificar o exercício onde vamos utilizar a sombra para desenhar o contorno do rosto.          15m – Início da actividade de contorno do rosto. Definir grupos compostos por dois alunos. Um de cada vez serve de modelo e depois de artista. Preparação do suporte de desenho.          15m – Execução da actividade: cada grupo elabora um desenho de contorno à vez.          20m – Os alunos desenharam o rosto do colega, consoante a sua criatividade.          20m – Conclusão do exercício – pintura com os materiais que os alunos escolherem e se sintam mais à vontade.</p> <p><b>3 – Bibliografia:</b>          Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.          DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística. Lisboa: Ministério da Educação, p. 149 – 163</p>	

Hoje vamos desenhar o rosto (cara)

Retrato de Frente



Slide 1

Retrato de Lado



Slide 2

Retrato em Perfil



Slide 3

## Tommaso Masaccio

Nasceu em 21 de Dezembro de 1401 e faleceu em 1428 com 27 anos.

Foi um grande pintor italiano.

Apesar da sua breve carreira, ele afectou profundamente a obra de outros artistas.

Desenhou muitas obras onde o retrato era desenhado de perfil!



Slide 4

Masaccio gostava de colocar detalhes nas suas obras, como chapéus, jóias...



Slide 5

Masaccio gostava de colocar detalhes nas suas obras, como chapéus, jóias...

Acessório para cobrir a cabeça.

Desenho de perfil

Vestuário da época



Slide 6

Pinturas de Masaccio

"O Pagamento do Tributo"



Slide 7

Pinturas de Masaccio

"A Virgem Maria com o Menino"



Slide 8

Pinturas de Masaccio

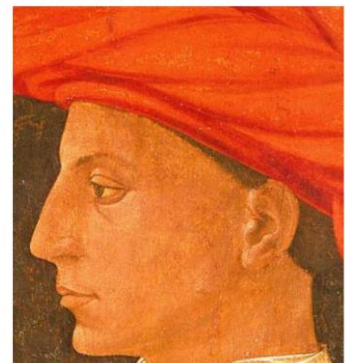
"A Virgem Maria com o Menino"



Slide 9

Pinturas de Masaccio

"Retrato de um Jovem"



Slide 10

Agora tu e o teu colega vão fazer o retrato de perfil um do outro!

Slide 9

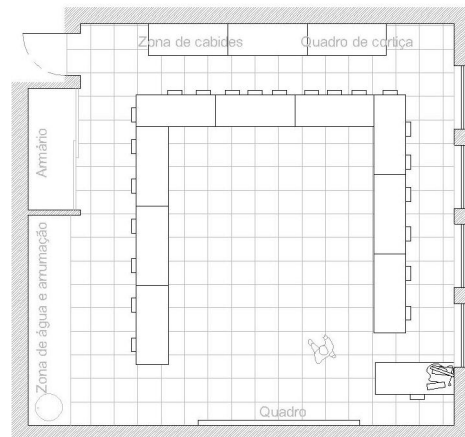
Agora tu e o teu colega vão fazer o retrato de perfil um do outro!



Slide 10

Tabela - Plano de aula 4

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr. e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Traje de Carnaval'   nº6 aulas previstas   nº2 de aula   data 10-02-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura, Colagem e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Explorar as possibilidades técnicas de: lápis de cor, marcadores, utilizando diferentes cores e espessuras. Ilustrar de forma pessoal. Inventar sequências de imagens. Contornar objectos, formas e pessoas. Fazer composições colando diferentes materiais cortados e recortados. Fazer dobragens.</b></p>
<p>Método expositivo e demonstrativo.</p> <p>Continuando o estudo do rosto, esta aula tem início com a apresentação de uma <i>PowerPoint</i> sobre a Pop Arte, concretamente sobre o artista Andy Warhol. Utilizando as fotografias tiradas na aula de intervenção, imprimimos várias cópias em folhas A4 para que cada aluno pudesse pintar e até colar formas no seu retrato e assim, quando o exercício estiver concluído juntar todos os trabalhos e criar um mural de fotos dos alunos na sala de aula.</p> <p><b>1 – Recursos:</b>          Fotocópias das fotografias, revistas, jornais, tesoura, fita-cola ou cola líquida lápis de cor, marcador e papel A4.</p> <p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          15m – Motivação – apresentação de um PowerPoint sobre o artista plástico Andy Warhol e o estilo Pop Art, visualização de exemplos de trabalhos realizados pelo artista usando a fotografia de retrato como base de trabalho.          55m – Elaboração do exercício com fotocópias dos retratos dos alunos, com o objectivo de criar um painel que vai ser o resultado das várias fotografias (no fim os trabalhos serem exposto na sala de aula, após a exposição os alunos levaram os trabalhos para casa). 1ª Fase – cada retrato irá ser preenchido com cor usando na maior percentagem imagens cortadas e recortadas de revistas, jornais, etc, podendo também possuir coloração com o auxílio de instrumentos riscantes.          15m – Armazenamento do material.</p> <p><b>3 – Bibliografia:</b>          Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.          Utilização do Manual de Expressão e Educação Plástica: Autor Manuel Profirio e João Santos. (2007). Editor: Direcção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação, Lisboa.</p>	



## Pop Arte

Andy Warhol

Slide 1

## Pop Arte

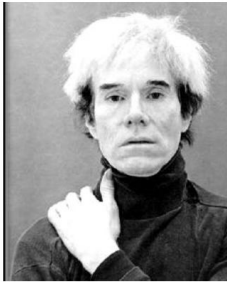
- Inspira-se na cultura e na sociedade da época.
- Nas pessoas da televisão, música, cinema, etc..
- **A Pop Arte nasce da imagem criada pela publicidade.**



Slide 2

## Andy Warhol

- Artista plástico americano famoso por pintar famosos.
- As obras de arte geralmente começavam com fotografias de pessoas conhecidas.
- **Muitas das suas pinturas mostram repetições de uma mesma imagem colorida de maneiras diferentes.**



Slide 3

## Exemplo



Marilyn Monroe - Andy Warhol  
1967

Slide 4



Slide 5

## Exemplo



Slide 6

Exemplo



Slide 7



Slide 8



Slide 9



Slide 10



Slide 11



Slide 12

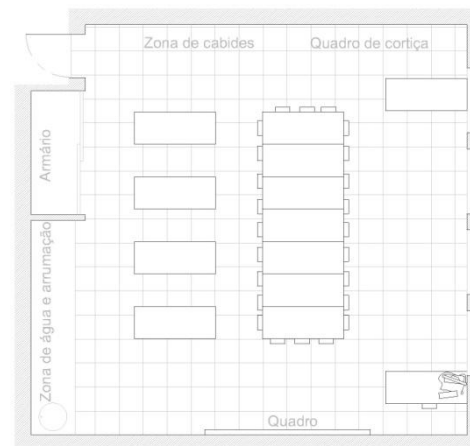
Tabela - Plano de aula 5

**Identificação Institucional:** Escola EB 1 de Vimioso  
 1º Ciclo | Expressão e Ed. Plástica | 3º Ano | Horário: 9:00 às 10:30 | Estagiária Maria Barros  
**Identificação Pedagógica:** 'Traje de Carnaval' | nº6 aulas previstas | nº3 de aula | data 17-02-2011

Áreas de exploração <b>- Desenho, Pintura e Colagem</b>	Resultados de Aprendizagem <b>Contorno da figura humana. Pintar livremente em grupo, sobre papel de cenário de grande dimensão.</b>
--	--

Método demonstrativo e interrogativo.

Esta aula consiste na elaboração de um trabalho em grupo. O projecto proposto consiste na criação de um desenho à escala real, utilizando os alunos como modelos onde eles podem contornar os outros colegas – com a turma dividida em dois grupos de onze elementos, um deita-se sobre o suporte e o outro grupo contorna o corpo do colega deitado em cima do papel de cenário. Quando um grupo acaba, trocam de lugar e o que previamente estava deitado, passa agora para a situação de contornar o corpo dos colegas.



Este trabalho, devido às condicionantes espaciais da sala, terá que ser realizado no exterior e com a sala de aula organizada com a união de várias mesas (para criar um espaço de trabalho amplo) onde todos os alunos se podem sentar à volta. Após o contorno concluído, o papel de cenário é colocado no centro da sala de aula (em cima das mesas juntas) e passa para a segunda parte do exercício que é a coloração com tintas primárias acrílicas. Com a mistura das cores os alunos criam novas cores e é assim introduzido as cores primárias, secundárias e terciárias. Esta aula tem dois objectivos, introduzir os nomes das cores produzidas pelos alunos, apartir das cores primárias (amarelo, azul ciano e magenta). É realizado oralmente perguntas tipo: "amarelo mais azul dá que cor?"; "amarelo mais magenta dá?" e "azul ciano mais magenta dá?". Quando algum aluno não souber a resposta, tentamos incutir nele a procura da resposta certa através da mistura das cores em questão. Assim o aluno mistura e assiste ao resultado, percebendo o conhecimento da criação de cores secundárias com o auxílio da prática de misturar duas cores primárias com quantidades iguais. Após entendermos que esta matéria esta apreendida de forma satisfatória, os alunos continuam a colorir o papel de cenário que elaboraram na aula passada, enquanto alguns elementos tiram medidas para os 'ponchos' para o traje de Carnaval. Lembrar aos alunos do trabalho de casa – recolher imagens dos animais que escolheram para repretar no seu traje de Carnaval, imagens com as suas características, padrão, focinho, patas, se têm ou não asas... etc.

(Continuação: Tabela - Plano de aula 5)

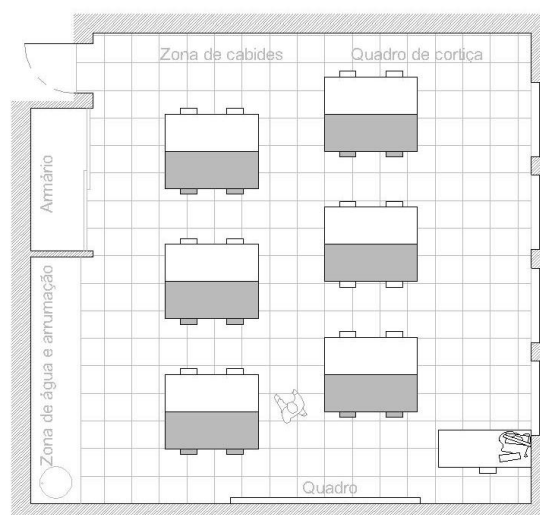
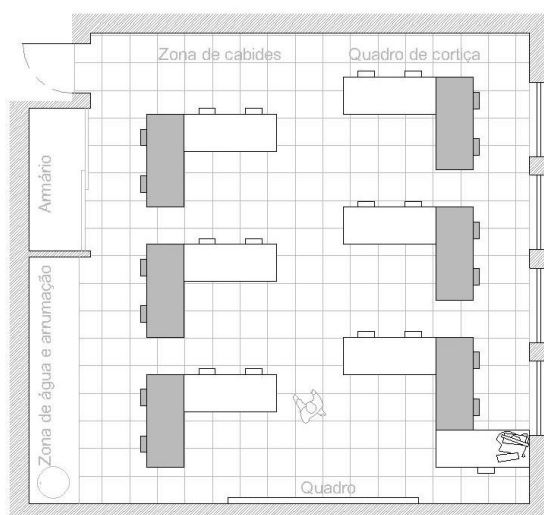
<b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso 1º Ciclo   Expressão e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros	
<b>Identificação Pedagógica:</b> 'Traje de Carnaval'   nº6 aulas previstas   nº3 de aula   data 17-02-2011	
Áreas de exploração <b>- Desenho, Pintura e Colagem</b>	Resultados de Aprendizagem <b>Contorno da figura humana. Pintar livremente em grupo, sobre papel de cenário de grande dimensão.</b>
<p><b>1 – Recursos:</b> Papel de cenário, diferentes materiais riscantes.</p> <p><b>2 - Fases da aula:</b> 10m – Preparação para o início da aula. 10m – Apresentação do exercício. Preocupações a ter com os materiais. Divisão da turma em dois grupos de onze alunos cada. Preparação e distribuição dos materiais. Cada aluno escolhe um marcador, que vai ser utilizado para contornar os colegas. 20m – Com a divisão da turma elaborada. Dirigimos a turma para o exterior do edifício da escola, para o pátio/recreio. Estendemos o papel de cenário no chão e decidimos que grupo desenha o outro que se vai deitar em cima do papel de cenário. Cada aluno fica responsável pelo contorno de um colega, esta fase é rápida com regras bem definidas. 10m – Inversão de papéis. Os que desenharam agora são os desenhados. O grupo que se vai deitar agora no papel de cenário, escolhe um sítio, sem se preocupar se fica em cima de algum contorno já realizado. É interessante que exista zonas comuns, que entrelaçam os corpos contornados. Concluída esta fase, os alunos dirigem-se para a sala de aula que foi previamente organizada para estender o papel de cenário. 30m – A última fase deste exercício propõe que cada aluno fique responsável por uma zona limitada – criada pela sobreposição dos dois grupos, e escolhe no mínimo duas cores para pintar, quando as zonas ficam sobrepostas o aluno deve misturar as duas, ou mais cores. 10m – Arrumo do material. Continuação deste projecto na próxima aula.</p> <p><b>3 – Bibliografia:</b> DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística. Lisboa: Ministério da Educação, p. 149 – 163</p>	

Tabela - Plano de aula 6

**Identificação Institucional:** Escola EB 1 de Vimioso  
 1º Ciclo | Expr. e Ed. Plástica | 3º Ano | Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30 | Estagiária Maria Barros  
**Identificação Pedagógica:** 'Traje de Carnaval' | nº6 aulas previstas | nº4 de aula | data 24-02-2011

Áreas de exploração  
**Desenho, Pintura Impressão e Modelagem**

Resultados de Aprendizagem  
**Impressão – utilização de materiais para reprodução de estampados animais.**  
**Modelação - modelação de arame para simular as asas no trajes.**



Método expositivo, demonstrativo e interrogativo.

Organizando a sala de aula em grupos de quatro, onde todos os alunos se encontram virados para o centro da sala de aula durante a exposição e o diálogo sobre os padrões animais que serão reproduzidos nos trajes que vamos pintar para a próxima aula. Com os padrões bem definidos e com a ajuda de imagens que os alunos recolheram sobre o animal que escolheram para o seu disfarce, reorganiza-se a sala para proporcionar um ambiente de trabalho em grupo onde todos os elementos do grupo estão em contacto com o trabalho realizado de todos os colegas, os alunos também podem circular na sala de aula e visitar outros grupos, dando a conhecer outros pontos de vista.

**1 – Recursos:**

Papel de cenário, diferentes materiais riscantes.

**2 - Fases da aula:**

10m – Preparação para o início da aula.

10m – Recolha, exposição e diálogo com os alunos sobre os animais escolhidos e dos quais recolheram informação gráfica como trabalho de casa.

20m – Cada aluno estuda o seu animal e cria o padrão que vai depois pintar no traje.

40m – Reformulação do espaço da sala de aula, onde agora todos os elementos ficam direccionados para o trabalho e alguns ficam de costas para o quadro. Inicia-se a elaboração de estudos de cor e forma. Avaliação dos mesmos e se necessário reformulação.

10m – Armazenamento do material. Continuação deste projecto na próxima aula.

**3 – Bibliografia:**

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística. Lisboa: Ministério da Educação, p. 149 – 163

Tabela - Plano de aula 7

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr.e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Traje de Carnaval'   nº6 aulas previstas   nº5 de aula   data 03-03-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura Impressão e Modelagem</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Impressão – utilização de materiais para reprodução de estampados animais.</b>  <b>Modelação - modelação de arame para simular as asas no trajés.</b></p>
<p>Método demonstrativo.</p> <p>Após a modelagem de cada traje ao seu futuro dono, preparamos nesta aula o espaço da sala de acordo com que cada aluno escolheu para o disfarce e assim organizar grupos, facilitando a distribuição de cores das tintas próprias para a coloração do plástico do qual fizemos o poncho. Com o suporte com a medida de cada aluno, e com a definição do tema – animais- de cada traje realizado na aula de intervenção, os alunos nesta aula apenas têm que pintar cada 'poncho' de acordo com o animal que escolheram. Cada aluno possui um animal, a maior parte escolheu por exemplo 'joaninhas', logo teriam que pintar o suporte de plástico de vermelho e depois pintar pontos pretos. Outros escolheram 'tigrre', teriam que pintar o poncho de amarelo e depois pintar listras amarelas e pretas. Introduzimos técnicas variadas para cada grupo reproduzir o padrão do animal que escolheu. Relembramos as preocupações a ter com os materiais e também com o próprio suporte que servirá de traje durante o desfile de Carnaval que se irá realizar por toda a Vila de Vimioso, amanhã dia 4 de Março. O exercício proposto tem que ficar concluído hoje e armazenado racionalmente para amanhã de manhã ser fácil aos auxiliares e professor responsável pelo acompanhamento da turma no desfile, visto nós termos que acompanhar outra turma no mesmo desfile.</p>	
<p><b>1 – Recursos:</b>          Tintas acrílicas, recipientes para tintas, esponjas, sacos de plástico, tesoura, fita-cola, panos de limpeza, arame, tintas spray.</p>	
<p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          10m – Cada aluno pega no seu plástico, que é o suporte de pintura desta aula, e acaba o trabalho da aula passada.          20m – Dividir a turma em dois grupos, os que vão pintar e o que vão realizar a modelagem das asas. Um grupo de alunos vão pintar em cima dos plásticos, com tintas adequadas – preparação do espaço de trabalho, definição e selecção das cores e materiais que vão usar para fazer as impressões. O outro irá modelar o arame para as asas – das abelhas, joaninhas e até a barbatana do tubarão.          40m – Início e continuação da construção dos trajés.          10m – Armazenamento do material.</p>	
<p><b>3 – Bibliografia:</b>          DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística. Lisboa: Ministério da Educação, p. 149 – 163</p>	

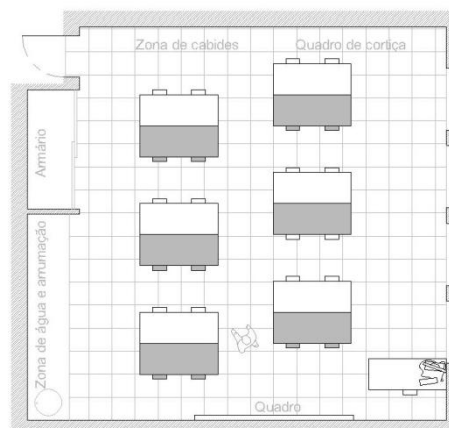


Tabela - Plano de aula 8

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr.e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Traje de Carnaval'   nº6 aulas previstas   nº6 de aula   data 10-03-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Impressão – utilização de materiais para reprodução de estampados animais.</b></p>
<p>Método demonstrativo e interrogativo.</p> <p>Organizando a sala de aula com a união de várias mesas, para criar um espaço de trabalho amplo, onde todos os alunos se podem sentar à volta e com a conclusão da Unidade Curricular 'Traje de Carnaval' propomos pegar outra vez no papel de cenário mas agora os alunos aplicam algumas das técnicas de impressão no papel. Passam da mistura de cores para o preenchimento de espaços através de técnicas e objectos do uso diário para pintar e imprimir a sua forma no trabalho que irá ser exposto no corredor de acesso à sala de aula da turma do 3º ano de escolaridade. Os alunos podem assim mostrar o trabalho aos colegas, professores e auxiliares educacionais.</p>	
	
<p><b>1 – Recursos:</b>          Tintas acrílicas, recipientes para tintas, esponjas, sacos de plástico, tesoura, fita-cola e panos de limpeza.</p> <p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          10m – Cada aluno pega num saco plástico, que é o suporte de pintura desta aula.          20m – O alunos, vão pintar em cima dos plásticos, com tintas adequadas – preparação do espaço de trabalho, definição e selecção das cores e materiais que vao usar para fazer as impressões.          40m – Pintura do que irá ser o traje de Carnaval, utilizado para o defile que se realizará no dia 4 de Fevereiro.          10m – Armazenamento do material.</p> <p><b>3 – Bibliografia:</b>          DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística. Lisboa: Ministério da Educação, p. 149 – 163</p>	

Tabela - Plano de aula 9

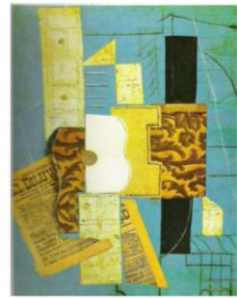
<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr. e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Cola e continua'   nº7 aulas previstas   nº1 de aula   data 17-03-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura, Recorte, Colagem , Dobragem, Cartaz e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Recorte, colagem, desenho e pintura.</b></p>
<p>Método expositivo e demonstrativo.</p> <p>Nesta aula, a sala é organizada em filas e colunas, devido à exposição de matéria que irá ter lugar. Introduzindo a nova Unidade Curricular e com a aproximação da celebração do Dia do Pai, propomos a elaboração de postais individuais de cada aluno com o tema 'Dia do Pai'. Para tal elaboramos uma apresentação em PowerPoint onde introduzimos várias técnicas de corte, recorte, colagem e também a técnica de rasgar elementos de revistas, jornais e retalhos de cartolinas para que os alunos pudessem usufruir destas técnicas e assim incorporá-las na elaboração dos postais.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <p><b>1 – Recursos:</b>            Revistas, jornais, tesoura, fita-cola ou cola líquida e papel A4.</p> <p><b>2 - Fases da aula:</b>            10m – Preparação para o início da aula.            15m – Apresentação do PowerPoint de motivação para a nova unidade de trabalho, com o tema 'Cola e continua'. É comentado a evolução e uso que a colagem teve nos vários estilos artísticos, passando pela mostragem de exemplos para motivar os alunos a exercer uma boa actividade criativa.            45m – Início do exercício de motivação, cada aluno irá elaborar um postal com o tema 'Pai'. O exercício é um meio de utilização e interacção de várias técnicas. Depois da distribuição de bocados de cartolina, revistas e jornais, cada aluno recorta e corta, com o auxílio de uma tesoura ou rasga bocados, que ache interessante para colar no seu postal. Para completar graficamente o seu trabalho cada aluno recorrerá ao desenho e por fim à pintura do seu postal.            15m – Armazenamento do material.</p> <p><b>3 – Bibliografia:</b>            DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, Ministério Da Educação. (s.d). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais – Ed. Artística. Lisboa: Ministério da Educação, p. 149 – 163</p> </div> <div style="width: 45%; text-align: center;"> </div> </div>	

# Colagem

Slide 1

## Cubismo

A colagem foi utilizada na pintura quando artistas Pablo Picasso começaram a utilizar, nalgumas das suas obras, diversos materiais poucos usuais, como jornais, bilhetes autocarro, embalagens, etc.



Picasso (1913) – Guitarra

Slide 2



Juan Gris – Pequeno Almoço



Braque – Garrafa de Rum

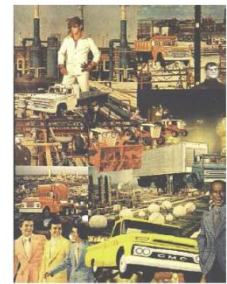
Slide 3

## Pop Art

Surgiu nos anos sessenta, nos Estados Unidos, deu grande importância à cultura popular da época.

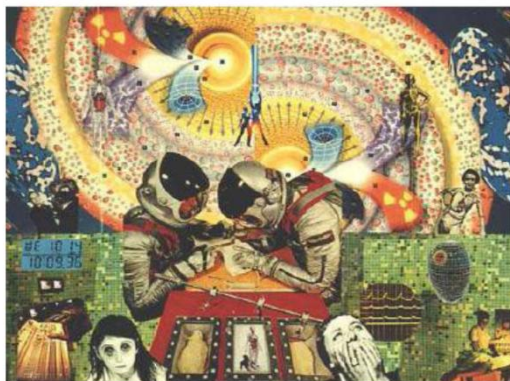
Inspirara-se nas imagens de publicidade, nas revistas, na televisão e na banda desenhada.

Qualquer objecto do dia a dia poderia servir para criar arte: conjuntos de latas de conserva ou de refrigerante foram transformados em obras de arte.



"Tens perfil para a industria ?" - 1998

Slide 4



"Divertimento com a ciência" - 1998

Slide 5

## Exemplos de colagens



Slide 6

### Exemplos de colagens



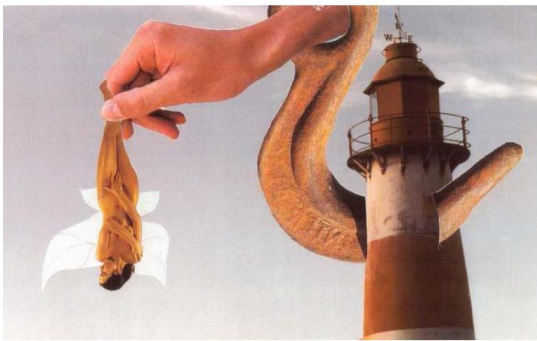
Slide 7

### Exemplos de colagens



Slide 8

### Exemplos de colagens



Slide 9

### Exemplos de colagens



Slide 10

### Exemplos de colagens



Slide 11

### Exemplos de colagens



Slide 12

### Exemplos de colagens



Slide 13

### Processos de trabalhar papeis



Slide 14

### Actividade

- Agora, vamos arrumar a nossa mesa, depois vamos por em cima da mesa, um bocado de cartolina, tesoura, cola, lápis para desenhar, borracha e lápis de cor ou marcadores!
- Pega numa revista, jornal, ou fotocópia.
- Procura imagens, letras para trabalhar e fazer um postal com o tema 'Pai'.
- Bom trabalho!

Slide 15

Tabela - Plano de aula 10

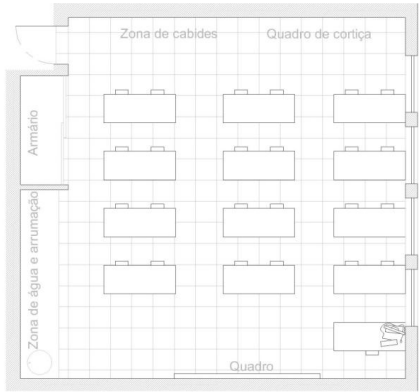
<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr. e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros</p> <p><b>Identificação Pedagógica:</b> 'Traje de Carnaval'   nº7 aulas previstas   nº2 de aula   data 24-03-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura, Recorte, Colagem ,          Dobragem, Cartaz e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Recorte, colagem, desenho e pintura.</b></p>
<p>Método expositivo e demonstrativo.</p> <p>Com a exposição edemonstração reservada para esta aula decidimos organizar a sala em filas horizontais. Dando continuidade à nova Unidade Curricular e com a aproximação da celebração do 'Dia da Mãe', propomos a elaboração de postais individuais de cada aluno com o tema 'Dia da Mãe'. Como introduzimos (na aula anterior) várias técnicas de corte, recorte, colagem e também a técnica de rasgar elementos de revistas, jornais e retalhos de cartolinas para que os alunos pudessem usufruir destas técnicas e assim incorporá-las na elaboração dos postais. A sala de aula encontra-se organizada em filas e colunas, para ajudar o auxílio aos alunos, e também manter uma certa privacidade na sua elaboração.</p>	
	
<p><b>1 – Recursos:</b>          Revistas, jornais, tesoura, fita-cola ou cola líquida e papel A4, cartolina, régua, lápis, borracha.</p>	
<p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          15m – Apresentação do exercício de motivação, realização de um postal com o tema 'Dia da Mãe'.          45m – Início do exercício cada aluno irá elaborar um postal com o tema 'Dia da Mãe'. O exercício é um meio de utilização e interação de várias técnicas. Depois da distribuição de cartolina, revistas e jornais, cada aluno recorta e corta, com o auxílio de uma tesoura ou rasga bocados, que ache interessante para colar no seu postal. Para completar graficamente o seu trabalho cada aluno deverá incluir ao desenho o contorno da sua mão no seu postal.          15m – Armazenamento do material.</p>	
<p><b>3 – Bibliografia:</b>          Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.</p>	

Tabela - Plano de aula 11

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr. e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Cola e continua'   nº7 aulas previstas   nº3 de aula   data 31-03-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura, Recorte, Colagem ,          Dobragem, Cartaz e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Recorte, colagem, desenho e pintura.          Pintura em superfícies não-planas.</b></p>
<p>Método expositivo e demonstrativo.</p> <p>A organização da sala de aula será em filas e colunas porque vamos, nesta aula, introduzir de forma rigorosa a utilização e técnicas de medição usando instrumentos como a régua e o esquadro. Com o tema da Primavera o exercício consiste na criação de flores para enfeitar uma árvore que decora o hall da entrada da escola. As flores serão elaboradas em papel e com a ajuda da régua, serão medidas e depois recortadas. Na última fase serão embrulhadas e com a ajuda de fita cola, ficaram com o aspecto de flores, sendo a fita cola posta no lugar do caule. Também iremos recorrer à técnica de rasgar para criar a sensação visual de pétalas, utilizando sempre recortes e restos de papel introduzindo outros destinos a materiais que não seriam mais utilizados.</p>	
<p><b>1 – Recursos:</b>          Revistas, jornais, tesoura, papel crepe, fita-cola ou cola líquida, tesoura, lápis de cor, régua, esquadro, marcadores e papel A4.</p>	
<p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          15m – Apresentação do exercício de motivação com o tema 'Primavera'. É descrito o processo de modelagem das flores. O exercício envolve o desenho de flores em duas dimensões e desenvolve para a modelação de flores em três dimensões – para no fim decorar a árvore que se encontra no hall das salas do segundo piso do edifício do 1º Ciclo.          45m – Início do exercício, cada aluno irá elaborar 'flores' usando sobretudo o papel. O exercício é um meio de utilização e interação de várias técnicas. Depois da distribuição de bocados de cartolina, revistas e jornais, cada aluno recorta e corta, com o auxílio de uma tesoura ou rasga bocados, que ache interessante para colar nas suas flores.          15m – Armazenamento do material.</p>	
<p><b>3 – Bibliografia:</b>          Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.</p>	

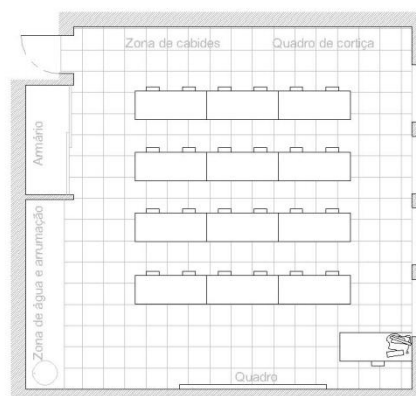


Tabela - Plano de aula 12

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr.e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Cola e continua'   nº7 aulas previstas   nº4 de aula   data 07-04-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura, Recorte, Colagem ,          Dobragem, Cartaz e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Recorte, colagem, desenho modelagem e          pintura.</b></p>
<p>Método expositivo e demonstrativo.</p> <p>Com a exposição edemonstração reservada para esta aula decidimos organizar a sala em filas e colunas. Para exercitar uma técnica utilizando apenas fita cola, e com a aproximação da Páscoa, decidimos criar 'ovos de páscoa' através da multiplicação da forma de um ovo. Com a ajuda de ovos de esferovite e fita cola, demonstramos à turma como reproduzir a forma do ovo de esferovite em fita cola. Em primeiro lugar pegamos no ovo de esferovite e cobrimos com fita cola, após o ovo estar com três a quatro camadas de fita cola, os alunos devolvem o ovo e eu tiro o ovo de esferovite de dentro da fita cola com a ajuda de um x-ato e devolvo o ovo de esferovite, para que os alunos continuem a criar mais ovos de fita cola. No fim, os ovos produzidos serão expostos na árvore que decora o hall de entrada da escola, como celebração da Primavera e da Páscoa.</p>	
<p><b>1 – Recursos:</b>          Revistas, jornais, tesoura, 'ovos' de esferovite, fita-cola ou cola líquida e papel A4.</p> <p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          15m – Motivação – distribuição de um 'ovo' de esferovite a cada aluno e fita-cola. Em seguida vou exemplificar o exercício: a multiplicação/duplicação do objecto em causa, através do uso da fita cola. Os alunos vão cobrir os ovos com fita cola para no fim tirar o 'ovo' de esferovite (que serviu de molde) e assim ficar com o objecto feito com fita cola que tem a forma de ovo.          45m – Início do exercício prático: cada aluno irá elaborar um ovo da páscoa, após o molde estar feito, os alunos podem decorar o seu ovo usando colagens e pintura.          15m – Armazenamento do material.</p> <p><b>3 – Bibliografia:</b>          Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.</p>	

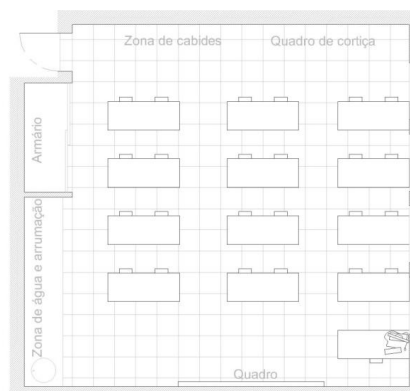


Tabela - Plano de aula 13

**Identificação Institucional:** Escola EB 1de Vimioso  
 1º Ciclo | Expr.e Ed. Plástica | 3º Ano | Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30 | Estagiária Maria Barros  
**Identificação Pedagógica:** 'Cola e continua' | nº7 aulas previstas | nº5 de aula | data 28-04-2011

Áreas de exploração  
**Desenho, Pintura, Recorte, Colagem ,  
 Dobragem, Cartaz e Impressão**

Resultados de Aprendizagem  
**Recorte, colagem, desenho e pintura.**



Método expositivo e demonstrativo.

Com a exposição edemonstração reservada para esta aula decidimos organizar a sala 'asa'. Com a introdução de instrumentos de trabalho como a régua, tesoura e cola, iniciamos o exercício da construção de uma capa em carolina para guardar todos os trabalhos elaborados durante o estágio realizado. Esta aula serve de demonstração e introdução dos alunos ao sistema de medição e marcação rigorosa. Após a demonstração no quadro, cada aluno inicia a construção da capa, marcando as medidas representadas no quadro. Com o meu auxílio vou a cada lugar afirmar ou reformular o que está mal feito, e os alunos como estão a medir uma das abas da capa, podem repetir o processo, mas agora correcto na outra aba. No fim é só cortar e colar as zonas respectivas.

**1 – Recursos:**

Cartolina, régua, lápis, borracha, tesoura e fita-cola ou cola líquida.

**2 - Fases da aula:**

10m – Preparação para o início da aula.

15m – Apresentação do exercício de motivação, realização de uma capa individual para armanejamento dos trabalhos realizadas ao longo do estágio.

45m – Início do exercício cada aluno irá elaborar uma capa individual. O exercício é um meio de utilização e interacção de várias técnicas. Introdução do uso da régua no processo criativo. Indicações sobre o uso da régua, como medir, quais as preocupações a ter no seu uso...

Depois da distribuição de cartolina, cada aluno irá proceder á medição e em seguida ao recorte, com o auxílio de uma tesoura. Para completar graficamente o seu trabalho cada aluno deverá incluir um desenho na sua capa.

15m – Armazenamento do material.

**3 – Bibliografia:**

Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.

Tabela - Plano de aula 14

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr. e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros</p>	
<p><b>Identificação Pedagógica:</b> 'Cola e continua'   nº7 aulas previstas   nº6 de aula   data 05-05-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura, Recorte, Colagem ,          Dobragem, Cartaz e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Modelagem, recorte, pintura, dobragem,          medição.</b></p>
<p>Método demonstrativo e interrogativo.</p> <p>Reorganizamos a gestão do espaço na sala de aula e agrupamos as mesas para que quatro alunos possam ficar unidos durante a conclusão da construção da capa. Iniciamos a aula com a distribuição das capas, materiais riscadores e cola. Confirmados o ponto de situação de cada aluno e também se existem dificuldades. Distribuímos os alunos consoante o estado de conclusão da capa, os grupos têm que ficar equilibrados, contando sempre, com pelo menos, um aluno que domina a técnica de medição e marcação, para que possa ajudar os outros colegas que estão mais atrasados.</p>	
<p><b>1 – Recursos:</b>          Cartolina, régua, lápis, borracha, tesoura e fita-cola ou cola líquida.</p>	
<p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          15m – Distribuição da capa construída na aula anterior e selecção dos novos lugares, segundo grupos de quatro alunos, onde os mais avançados na construção da capa ajudam os que ainda estão a iniciar o processo.          45m – O exercício é um meio de utilização e interacção de várias técnicas. Introdução do uso da régua no processo criativo. Indicações sobre o uso da régua, como medir, quais as preocupações a ter no seu uso... Depois da distribuição de cartolina, cada aluno irá proceder á medição e em seguida ao recorte, com o auxílio de uma tesoura. Para completar graficamente o seu trabalho cada aluno deverá incluir um desenho na sua capa.          15m – Armazenamento do material.</p>	
<p><b>3 – Bibliografia:</b>          Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.</p>	

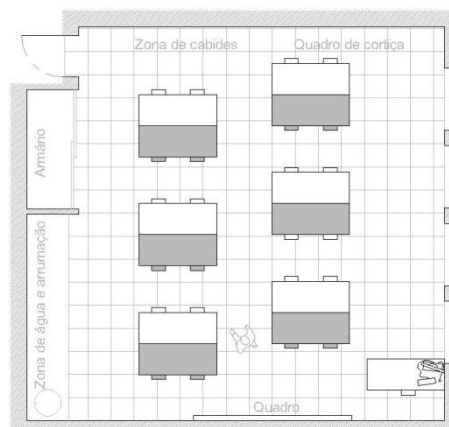


Tabela – Plano de aula 15

<p><b>Identificação Institucional:</b> Escola EB 1 de Vimioso          1º Ciclo   Expr. e Ed. Plástica   3º Ano   Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30   Estagiária Maria Barros  <b>Identificação Pedagógica:</b> 'Cola e continua'   nº7 aulas previstas   nº7 de aula   data 12-05-2011</p>	
<p>Áreas de exploração  <b>Desenho, Pintura, Recorte, Colagem ,          Dobragem, Cartaz e Impressão</b></p>	<p>Resultados de Aprendizagem  <b>Modelagem, recorte, pintura, dobragem,          medição.</b></p>
<p>Método demonstrativo e interrogativo.</p> <p>Os alunos continuam organizados em grupos de quatro e esta aula serve para avaliar e concluir todos os trabalhos. Com a capa já construída apenas falta que cada aluno decore graficamente a sua capa individual. Enquanto cada aluno decorre a capa, distribuímos todos os trabalhos que foram realizados, para que no final da aula os elementos da turma possam guardar os seus respectivos trabalhos.</p> <p><b>1 – Recursos:</b>          Cartolina, régua, lápis, borracha, tesoura e fita-cola ou cola líquida.</p> <p><b>2 - Fases da aula:</b>          10m – Preparação para o início da aula.          15m – Distribuição das capas individuais, para concluir a sua construção.          45m – Continuação do exercício iniciado na aula anterior, elaboração de uma capa individual.          Depois da distribuição de cartolina o aluno deverá completar graficamente o seu trabalho da sua capa. Conversa com os alunos sobre a experiência que foi as aulas de Expressão Plástica.          15m – Armazenamento do material.</p> <p><b>3 – Bibliografia:</b>          Departamento da Educação Básica. (Novembro de 1998). Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, Editorial do Ministério da Educação.</p>	

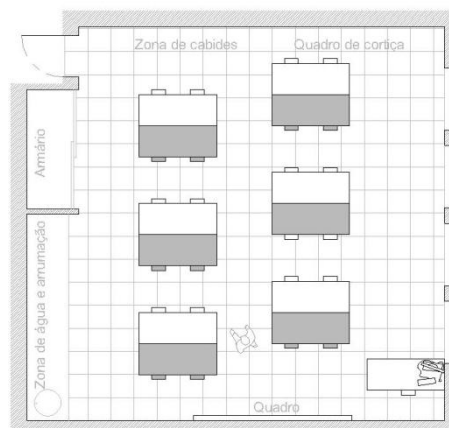


Tabela das Unidades Curriculares 1

**Identificação Institucional:** Escola EB 1 de Vimioso  
1º Ciclo | Expr. e Ed. Plástica | 3º Ano | Horário: quinta-feira 9:00 às 10:30 | Estagiária Maria Barros  
Unidade Curricular número 1 'Traje de Carnaval' e Unidade Curricular número 2 'Cola e continua'

Áreas de exploração:

- **Desenho**
- **Pintura**
- **Recorte, colagem, dobragem**
- **Impressão**
- **Fotografia, transparências e meios audiovisuais**
- **Cartazes**



## APÉNDICE 2 – DVD





Prática de Ensino Supervisionada de  
Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

**Maria Margarida Pires Barros**

*Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior  
de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em  
Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico*

Orientado por  
**Professor Doutor Luís Manuel Canotilho**  
**Professora Maria Cristina Magalhães**

Bragança  
Junho 2012